

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**LUCÉLIA AUGUSTO MACHADO**

**FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA WALDORF E *EXTRA LESSON*: DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM  
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA**

**CÁCERES-MT**

**2020**

**LUCÉLIA AUGUSTO MACHADO**

**FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA WALDORF E *EXTRA LESSON*: DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM  
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: professora dra. Rosely Aparecida Romanelli

**CÁCERES-MT**

**2020**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

MACHADO, Lucélia Augusto.

M149f Fundamentos da Pedagogia Waldorf e *Extra Lesson*: Desafios e Possibilidades para o Desenvolvimento de Crianças com Dificuldades de Aprendizagem na Escola Pública / Lucélia Augusto Machado – Cáceres, 2020.  
138f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu*  
(Mestrado Acadêmico) Educação, Faculdade de Educação e Linguagem,  
Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020.  
Orientadora: Rosely Aparecida Romalli

1. Ciclo de formação humana. 2. Dificuldades de aprendizagem. 3. Método *Extra Lesson*. 4. Pedagogia Waldorf. 5. Sala de articulação. I. Lucélia Augusto Machado.

II. Fundamentos da Pedagogia Waldorf e *Extra Lesson*: Desafios e Possibilidades para o Desenvolvimento de Crianças com Dificuldades de Aprendizagem na Escola Pública: .

CDU 37.014.5

**LUCÉLIA AUGUSTO MACHADO**

**FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA WALDORF E *EXTRA LESSON*: DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM  
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação de Mestrado aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do estado de Mato Grosso, para obtenção do título de Mestre em Educação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Rosely Aparecida Romanelli (Orientadora – PPGedu/UNEMAT)

---

Dr. Jonas Bach Júnior (Membro Externo – UFTM)

---

Dra. Maria do Horto Sales Tiellet (Membro Interno – PPGedu/UNEMAT)

**APROVADA EM: 06/03/2020.**

Dedico este estudo aos meus filhos Gabriel e Eduardo, ao meu irmão José Lerdson (*em memória*) e a todos os meus queridos pupilos, fonte de toda minha inspiração.

Agradeço a DEUS por todas as suas bênçãos. Aos meus pais, Elisa e José Cícero, por seu amor!

Ao meu esposo, Weily, por sua compreensão e colaboração.

Às minhas irmãs Leiliane, Aninha, Laudicéia e Ozélia.

A todos os meus sobrinhos e sobrinhas.

À minha amiga-colaboradora, Luciana, por seu carinho e cuidado comigo e com minha família.

Nessa caminhada, encontrei muitos amigos que me ajudaram a chegar até aqui, e entre essas pessoas agradeço a Krys Elem, Cálita, Ana Flávia. Meu muito obrigada!

À minha querida professora Dra. Rosely Romanelli por suas orientações e generosidade.

*Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos.*

*(Santo Agostinho)*

## RESUMO

Neste estudo tem-se o objetivo de compreender a formação dos professores que trabalham com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem na sala de articulação da escola de Ciclos de Formação Humana e na Pedagogia Waldorf à luz do método *Extra Lesson*. Nesta pesquisa busca-se entender como os fundamentos da Pedagogia Waldorf poderiam contribuir para o desenvolvimento e autoconfiança dos alunos que são encaminhados para a sala de articulação na escola pública. As estratégias utilizadas foram: entrevista semiestruturada que subsidia a análise qualitativa da questão-problema apresentada; pesquisa bibliográfica relacionada à Pedagogia Waldorf, Psicologia da Aprendizagem e o método *Extra Lesson* que permite fazer todo arcabouço teórico acerca do tema. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa observou-se que os fundamentos teóricos da Pedagogia Waldorf, através do método *Extra Lesson*, apresentam diferenças significativas na sua percepção de formação e desenvolvimento humano, valorizando o desenvolvimento integral da criança, desde o seu nascimento até a sua idade escolar. A educação básica, em Mato Grosso, apresenta uma fundamentação teórica mesclada entre o construtivismo e os Ciclos de Formação Humana, que têm como meta o desenvolvimento cognitivo em competências e habilidades próprias de cada faixa etária. Ao se analisar os dados tem-se, como resultados, a compreensão de que o método *Extra Lesson* pode contribuir para a melhoria do desenvolvimento e autoconfiança das crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, através da percepção dos sujeitos (professoras e especialistas do *Extra Lesson*) sobre metodologias e teorias aplicadas em sala de articulação e no método *Extra Lesson*. Tem-se, assim, o desafio: a estreita divulgação do método *Extra Lesson*, pois há uma pequena quantidade de professores que praticam essa metodologia, tanto no âmbito público quanto privado.

**Palavras-Chave:** Ciclo de formação humana. Dificuldades de aprendizagem. Método *Extra Lesson*. Pedagogia Waldorf. Sala de articulação.

## ABSTRACT

This composition aims at understanding the training of teachers who work with students which have learning difficulties in the articulation room of the Human Training Cycles school and in Waldorf Pedagogy under the light of the *Extra Lesson* method. It is a research that seeks to understand how the fundamentals of Waldorf Pedagogy could contribute to the development and self-confidence of students who are sent to the articulation room in the public school. We use strategies such as: semi-structured interview that will support a qualitative analysis of the problem question presented; bibliographical research related to Waldorf Pedagogy, Learning Psychology and the *Extra Lesson* method that will allow us to make all the theoretical framework on the theme. Throughout the development of the research we observed that the theoretical fundamentals of Waldorf Pedagogy, through the *Extra Lesson* method, show significant differences, in their perception of formation and human development, valuing an integral development of the child, since birth until school age. The basic education of Mato Grosso, presents a theoretical foundation mixed between Constructivism and the Human Formation Cycles, which aims at the cognitive development in skills and abilities, proper of each age group. As we look at the data analysis, we have as results the understanding that the *Extra Lesson* method can contribute to the improvement of the development and self-confidence of children who have learning difficulties, through the perception of the subjects (teachers and specialists from the *Extra Lesson*) about methodologies and theories applied in the articulation room and the *Extra Lesson* method. As a challenge, we have: the narrow promotion of the *Extra Lesson*, causing a small number of teachers to practice this methodology, in both public and private spheres.

**Keywords:** Human formation cycle. Learning difficulties. *Extra Lesson* method. Waldorf Pedagogy. Articulation room.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AL/MT – Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

CBA – Ciclo Básico de Alfabetização

LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

PW – Pedagogia Waldorf

RJ – Rio de Janeiro

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Professoras articuladoras .....	29
Quadro 2 – Especialista em <i>Extra Lesson</i> .....	29
Quadro 3 – Professoras regentes de escola pública .....	29
Quadro 4 – Professoras regentes <i>Extra Lesson</i> .....	29
Quadro 5 – Cronograma das entrevistas.....	32
Quadro 6 – Geografia corporal (para classes da 1ª à 3ª séries) e crianças de 7 a 10 anos	56
Quadro 7 – Exercício do espelhamento (a partir dos 9 anos).....	57
Quadro 8 – Exercício para o desenvolvimento da orientação espacial.....	58
Quadro 9 – Exercício com bastão frente/trás.....	59
Quadro 10 – Exercício do desenho Hachurado .....	60
Quadro 11 – Organização da escola em Ciclos de Formação Humana.....	67
Quadro 12 – Enturmação .....	74
Quadro 13 – Professora Articuladora e especialista <i>Extra Lesson</i> .....	83
Quadro 14 – Professora regente de escola pública e atendido pelo <i>Extra Lesson</i> .....	97

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
2.1 Contextualização do problema e objetivos.....	24
2.2 O <i>lócus</i> e os sujeitos .....	26
2.3 Tipos de pesquisa.....	30
2.4 Técnicas de investigação .....	31
2.5 Abordagem e compreensão dos resultados .....	32
<b>3 ANTROPOSOFIA E A PEDAGOGIA WALDORF.....</b>	<b>35</b>
3.1 Antroposofia: uma ciência para o conhecimento do ser humano .....	36
3.2 Caminhos pela Pedagogia Waldorf.....	39
3.3 A educação da criança segundo a ciência espiritual.....	43
3.4 O papel do professor e do ambiente na educação infantil .....	48
3.5 O método <i>Extra Lesson</i> .....	51
3.6 <i>Extra Lesson</i> volume II.....	55
<b>4 POLÍTICAS EDUCACIONAIS, CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>62</b>
4.1 Implicações neoliberais na política educacional.....	63
4.2 Escola de Ciclos de Formação Humana .....	65
4.3 Um olhar sobre as dificuldades de aprendizagem .....	68
4.4 A prontidão: pré-requisitos para a aquisição da leitura e da escrita .....	71
4.5 Conhecendo a sala de articulação .....	73
4.6 Formação e autoeducação dos(as) professores(as) .....	77
<b>5 COMPREENDENDO OS DADOS COLETADOS.....</b>	<b>80</b>
5.1 Percepção dos professores da sala de articulação e Especialista <i>Extra Lesson</i> sobre sua atuação com alunos com dificuldades de aprendizagem.....	81
5.2 Percepção das professoras regentes que tiveram alunos com dificuldades de aprendizagem atendidos por especialistas <i>Extra Lesson</i> ou Articuladoras.....	96
5.3 Síntese dos resultados.....	102
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE A – PROFESSORAS DA SALA DE ARTICULAÇÃO .....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE B – PROFISSIONAIS <i>EXTRA LESSON</i>.....</b>	<b>123</b>

<b>APÊNDICE C – PROFESSORAS REGENTES DA ESCOLA PÚBLICA .....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE D – PROFESSORAS REGENTES DA ESCOLA PÚBLICA MÉTODO <i>EXTRA LESSON</i>.....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE E – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....</b>	<b>138</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A melhoria da aprendizagem é uma busca constante para os educadores, principalmente para os professores que trabalham com os anos iniciais da educação formal. Teóricos e pesquisadores dedicam-se a desenvolver formas, métodos, metodologias que possam contribuir para o desenvolvimento educacional das crianças e adultos, e, assim, surgem os métodos visando resolver problemas relacionados à aprendizagem, sendo, no entanto, ainda muito ligados ao tradicional, em salas de aula que têm estruturas que buscam uniformidade entre as várias personalidades ali existentes.

É comum observarmos como algumas crianças têm facilidades para desenvolver habilidades escolares, enquanto outras desenvolvem todas as habilidades próprias de sua idade, porém, não progredem nas atividades exigidas na educação formal. Em meio a esse universo, essas crianças sofrem ao serem taxadas de crianças que têm dificuldades de aprendizagem.

Na busca por respostas para as dificuldades dessas crianças, encontramos na Pedagogia Waldorf, iniciada por Rudolf Steiner, em 1919, na Alemanha, com fundamentos na Antroposofia, uma possível forma de entender por que algumas crianças precisam ser estimuladas de forma diferente. Será porque, muitas vezes, o tempo de amadurecimento dessas crianças não é respeitado?

Esse método tem uma visão holística do ser humano, com uma vasta teoria sobre a importância da arte no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

Buscamos compreender as crianças que não conseguem desenvolver algumas habilidades em sala de aula, e são encaminhadas para a sala de Articulação<sup>1</sup>, perguntando: o que lhes é oferecido? É mais do mesmo? Ou há uma mudança significativa da forma como ela é atendida? Esse atendimento é algo realmente estimulante?

Para a composição deste estudo buscaremos compreender como os fenômenos (dificuldades de aprendizagem) se apresentam nas entrevistas com os professores da sala de Articulação, utilizando a abordagem qualitativa por ser a mais adequada para a compreensão de peculiaridades, de fatos que emergem de uma pesquisa em educação.

Ao olhar para minha trajetória de vida até esse momento, percebo que há algo de divino, no fio do destino que tudo tece, sem que seja percebido ou desenhado, mas, aos

---

<sup>1</sup> A sala de Articulação é um espaço destinado ao atendimento de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagens, com atividades no contraturno da aula regular.

poucos, toma formas nem imaginadas por mim. Como se eu estivesse a navegar em um rio que é particular e único, mesmo sendo partilhado por outras pessoas.

Nasci<sup>2</sup> em União dos Palmares, no estado brasileiro de Alagoas, um estado muito pequeno em território, mas de grandes desigualdades sociais. Por nascer em um Estado do Nordeste, ser a primogênita de uma família muito pobre, não acredito que tenha sido fácil o momento do meu nascimento. Durante a minha infância tive pouco tempo para brincadeiras, pois depois de meu nascimento nasceram mais três irmãs e um irmão. Nossos pais não tiveram oportunidade de estudar, sempre trabalharam no plantio e na colheita da cana-de-açúcar.

Uma das melhores lembranças que tenho da minha infância é a presença do meu avô materno, o senhor Malaquias Augusto de Souza, uma figura idosa e sempre generosa comigo, sempre me sentia muito amada e segura pelo meu avô. Até hoje posso sentir a alegria de correr na chuva com ele. Meu avô foi a pessoa que acreditou em mim antes mesmo que eu soubesse que era gente.

Minha infância foi partilhada com as minhas tias, primos, primas, avós, meus pais, irmãs e meu irmão. Tenho uma imensa família nordestina, mas como parece ser comum, depois que meu querido avô faleceu, apesar de ter cinco anos de idade, percebi que a família foi ficando cada vez mais fragmentada. Alguns mudaram-se para São Paulo, Rio de Janeiro, outros ficaram em Alagoas, mas para mim a morte do meu avô levou um pouco de todos, pois sua presença era sempre de muito carinho e bondade, bem diferente da minha avó materna, que era sempre temida pelos filhos e netos, por causa de sua personalidade forte.

Meus pais foram pais muito jovens, eles tinham 19 anos quando nasci. Esse fato me faz lembrar de todo o percurso da vida da nossa família e de todas as dificuldades vividas. Um problema recorrente em minha infância era o desemprego do meu pai e, conseqüentemente, a falta de tudo: faltava roupa, comida, casa, material escolar. Enfim, quando meu pai trabalhava comprava algumas coisas, até móveis, depois, ao ficar desempregado, vendia tudo para comprar comida.

Quando eu tinha 11 anos, meu pai veio para o Mato Grosso e minha mãe ficou com os quatro filhos em Alagoas, sem apoio nem dinheiro. Ela passou a trabalhar como diarista, quer fosse no campo ou fazendo limpeza em casas. Um fato interessante durante toda a minha vida foi o amor e o carinho que a minha mãe devotou aos filhos e mais ainda por ser muito

---

<sup>2</sup> Ao narrar na introdução fatos da minha vida utilizo a primeira pessoa do singular, por refletir parte da minha experiência durante a trajetória até a pós-graduação. No restante do trabalho utilizo a terceira pessoa.

apaixonada pelo meu pai, que já estava há três meses em Mato Grosso e nós em Alagoas. Certo dia, ele resolveu voltar para Alagoas, mas a minha mãe disse que não queria mais viver em Alagoas, que era para o meu pai esperar, que nós iríamos para o Mato Grosso.

Por ser a mais velha, eu sempre tive muitas responsabilidades para com meu irmão e irmãs mais novas, que também eram meus companheiros de brincadeiras. Tivemos uma infância de privação de coisas materiais, de acesso, mas tínhamos amor e carinho, e eu sempre via o mundo com eles. Depois que viemos para o Mato Grosso a nossa família ficou ainda menor, pois não tínhamos mais parentes próximos, éramos nós: mãe, pai e irmãos.

Eu havia estudado em Alagoas, mas o ano letivo era sempre interrompido pelo fato de meu pai ter que mudar muito para lugares onde nem sempre havia escolas. Mesmo muito triste, eu achava que a escola, independentemente de sua aparência física, era mágica — o melhor lugar do mundo. Posso dizer que estudei em escolas com paredes, sem paredes, com piso, sem piso, mas o que importava era ter uma professora, e isso para mim já era escola.

Quando cheguei em Mato Grosso, aos 12 anos, eu não tinha nenhum comprovante da minha escolaridade, ou seja, teria que recomeçar tudo, mas conversei com a coordenadora e expliquei minha situação. Então, me colocaram em uma turma de terceira série e fiquei feliz, pois poderia estudar, mesmo tendo que percorrer 30 quilômetros de ônibus, diariamente. Naquele momento comecei a perceber que a vida poderia ser diferente, e Mato Grosso seria minha casa. Não nego que sou nordestina, mas não conseguimos espaço para continuar lá. Em Mato Grosso, meu pai conseguiu comprar uma casinha de tábuas, em Lambari D'oeste, e pela primeira vez na vida pudemos morar em um lugar que não iriam pedir para que nos retirássemos. Aquela pequena casa de tábuas foi uma das melhores conquistas da nossa vida — era o nosso lar.

Quando completei 13 anos de idade comecei a ajudar uma senhora que tinha uma loja. No início, eu ia aos domingos na casa dela para ajudar nos afazeres domésticos, como arrumar guarda roupas, armários, lavar vasilhas, sempre acompanhada por ela. Depois de três meses, ela me contratou para trabalhar, com salário mensal, no mercadinho do esposo dela.

Daí nasceu um laço de amizade e respeito muito grande, pois eles eram muitos estudiosos e sempre me incentivaram a estudar. E me emprestavam bons livros, os quais ainda guardo na memória. Sou muito grata a eles por me acolherem durante seis anos da minha vida, e só deixei de trabalhar com essa família quando terminei o Ensino Médio e me casei, aos 19 anos.

Casada, mudei para Cáceres e comecei a cursar Pedagogia, na Universidade do Estado do Mato Grosso - UNEMAT. Fiquei encantada com a universidade! Como era bom

continuar os meus estudos, sempre apoiada pelo meu esposo, que também era jovem e bastante dedicado aos seus estudos e carreira.

Confesso que o primeiro vestibular que fiz foi para Letras, pois sempre gostei das aulas de português e literatura, sabia que para ser professora dessas disciplinas tinha que fazer o curso. No entanto, por influência de pessoas próximas tive a curiosidade de assistir umas aulas no curso de Pedagogia e então decidi que o próximo vestibular seria para Pedagogia. Foi com muita alegria que soube de minha aprovação, mas durante a graduação, algumas vezes, tive receio daquilo com que eu poderia me deparar nas escolas e na minha prática enquanto pedagoga, pois já ouvia falar sobre os desafios da profissão.

Ao cursar o terceiro semestre passei a ser bolsista em um projeto de pesquisa, no qual permaneci até o final da graduação. Nesse projeto, comecei a ter noção do que é ser pesquisador e essa experiência, em paralelo à minha formação, aguçou ainda mais em mim um olhar crítico sobre a vida, tanto individual, pessoal, quanto em sociedade. Mesmo assim, sempre me sentia bastante alienada e ingênua para muitas outras coisas, talvez aquela certeza socrática que diz que quanto mais se aprende mais se descobre que nada se sabe.

Ao finalizar o curso, em 2007, iniciei um novo projeto em minha vida, engravidei pela primeira vez aos 24 anos, por esse motivo não fui trabalhar em escola, desfrutei bastante a minha gravidez e o meu filho.

Em 2010 passei no concurso para professora do estado de Mato Grosso, e iniciei com uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental. Foi bastante desafiador, mas acredito que em cada início de ano letivo enfrentam-se novos desafios, e acredito estar fazendo o possível, nesse âmbito, em prol das crianças e suas famílias.

A escola para mim é um lugar especial, e, ainda hoje, quando entro em sala de aula, na condição de professora, carrego em meu olhar lembranças da minha infância de quando via uma escola, ou quando a frequentava. Para mim é muito fácil estar na escola com as crianças, porque busco nelas a alegria do momento que estão vivendo e também seus desafios, pois vida de criança também tem muitos dilemas, medos, angústias, abusos físicos e psicológicos. Acho que as crianças também me ensinam e sempre me dão muito mais do que exigem, e todas elas trazem um mundo de possibilidades.

Em meio a todo esse começo de ser professora fiz uma segunda graduação em Direito e tive o meu segundo filho, ou seja, muitas bênçãos em minha vida.

Como já mencionei eu tenho três irmãs e um irmão, o meu irmão era uma criança saudável, bem desenvolvida em suas habilidades físicas e motoras, porém ele tinha muita dificuldade na escola, não aprendia a ler e a escrever e demorou para aprender números,

porém o básico ele aprendeu e mesmo assim não sabia ler, fato este que o fez permanecer na primeira série muitos anos.

Eu percebia que estudar, para mim, tinha um sentido que não tinha para ele. Ele gostava das brincadeiras, das crianças, dos professores, mas não aprendia. Assim, com o passar dos anos, meu irmão começou a ser rotulado de “bobo” e briguento, por isso minha mãe recebia muitas reclamações de professores e coordenadores em relação ao comportamento dele na escola. E nossa mãe não sabia fazer outra coisa a não ser conversar com eles e dizer que ela tentava de tudo com meu irmão, mas ele não melhorava.

Hoje sei que meu querido irmão era uma criança que não se encaixava no padrão da escola, sendo que esse fato me tocava e continua a me tocar, por que ele não foi o primeiro e nem será o último a não se encaixar no padrão exigido. Crianças como meu irmão continuam chegando à escola. Meu irmão faleceu aos 21 anos em um acidente de moto. Ele, até o ocorrido, tinha estudado até a quinta série e já se encontrava fora da escola há algum tempo.

Nas conversas que os professores mantinham com a minha mãe, o problema sempre era o meu irmão. Nesse sentido, tenho experiência de alguém próximo a mim que a escola não conseguiu inserir, o que, de certa forma, me mobiliza enquanto professora e na minha percepção sobre o quanto é importante nós professores sabermos reconhecer que precisamos sempre buscar entender os nossos próprios limites e não se conformar com eles.

Temos que transformar esses limites em possibilidades para aprender coisas novas e assim poder orientar/ensinar as crianças que tenham qualquer tipo de dificuldade, porque dar aulas para crianças sem dificuldade de aprendizagem considero uma atividade fácil. Então, não devemos nos conformar com aquelas crianças que não aprendem, que apresentam dificuldades para adquirir habilidade de leitura e de escrita, porque a escola não é o lugar para se excluir, a escola é a possibilidade de inclusão seja de uma forma ou de outra.

Diante do exposto questiono-me: Qual é o meu envolvimento pessoal com a temática escolhida para pesquisar?

De certa forma, esse questionamento é muito tranquilo para responder, pois os fundamentos da Pedagogia Waldorf tratam sobre o equilíbrio entre o conhecimento adquirido através do tempo pelo avanço da ciência e o que torna o ser humano esse ser diferente dos outros seres. A visão holística do conhecimento em que se aliam ciência e vivências possibilitará uma experiência enriquecedora para a minha vontade e a minha curiosidade.

O fato de ser professora me possibilita estar na vida de muitas crianças que, ainda tão pequenas, já carregam pressões que não são próprias de sua idade e mesmo assim algumas

respondem bem. Outras, no entanto, não se enquadram, demonstrando com atitudes ou falta de atitude que a forma como estão sendo tratadas não é a mais correta ou não é a melhor.

Então, visualizando a maneira como caminha todo o processo de evolução tecnológica e os problemas sociais nos quais as crianças estão inseridas, encontrar um jeito diferenciado de educar me deixou muito feliz, na condição de mãe e professora.

A partir da questão norteadora e dos objetivos, este estudo se estrutura em seis seções, tendo como principais autores do referencial teórico Rudolf Steiner, fundador das escolas waldorf e da antroposofia; Rosely Aparecida Romanelli, por ser uma estudiosa do assunto e se propor a contribuir para o estabelecimento da Antroposofia no mundo; Aldrey McAllen, por desenvolver o método *Extra Lesson*; Viggiane Bicudo, Goethe, Steiner, Bach e Merleau-Ponty por sua forma de concepção metodológica de pesquisa.

Na segunda seção consta a metodologia, contextualização do problema, objetivo, o *locus* e os sujeitos, tipos e meios da pesquisa, técnica de investigação.

Na terceira seção serão abordadas a Antroposofia, Pedagogia Waldorf e Educação da criança segundo a ciência espiritual, o papel do professor e do ambiente na educação infantil, o método *Extra Lesson*

Na quarta seção, intitulada Políticas Educacionais, Ciclos de Formação Humana e Dificuldades de Aprendizagem serão abordados temas relacionados a Implicações neoliberais na política educacional, Escola de Ciclos de Formação Humana, Um olhar sobre as dificuldades de aprendizagem, A prontidão: pré-requisitos para a aquisição da leitura e da escrita, Conhecendo a Sala de Articulação e Formação e autoeducação dos professores (as).

A quinta seção destina a compreender e analisar os dados coletados através da Percepção dos professores da Sala de Articulação e Especialista *Extra Lesson* sobre sua atuação com alunos com dificuldades de aprendizagem, Percepção das professoras regentes que tiveram alunos com dificuldades de aprendizagem atendidos por especialistas *Extra Lesson* ou Articuladoras. E na sexta e última seção constam as considerações finais do estudo.

Assim, na construção deste estudo também vou me reconstruindo, revisitando o meu espaço de trabalho com olhos de alguém que, como a criança, vê esse espaço pela primeira vez. O olhar que agora lanço sobre tais lugares são de alguém que busca fazer ciência, sem precisar ser dura, rígida, mas com a leveza que busco para minha vida. Sabendo do meu compromisso enquanto pesquisadora e professora, assumo que possa incorrer em demasia na minha sensibilidade, mas sem me esquecer de buscar o rigor necessário para realizar a pesquisa.

## 2 METODOLOGIA

Para que uma pesquisa atinja seu objetivo é preciso traçar um caminho que possa guiar o pesquisador ao longo do seu desenvolvimento. Entretanto, esse trajeto não é imutável, pode e deve ser ajustado durante sua construção, o que é confirmado por Goldenberg (2004) que pondera que pesquisar exige criatividade e disciplina de forma organizada, sendo que seu desenvolvimento é dinâmico.

Goldenberg (2004) afirma que a problemática da pesquisa deve ser o foco que determina como o trabalho deve ser desenvolvido. Assim, organizamos os tópicos desta seção com os seguintes assuntos: contextualização do problema e dos objetivos a serem alcançados, anunciando de forma clara os motivos que produziram tal questionamento, a definição do *locus* e os sujeitos envolvidos na pesquisa, os tipos de pesquisa científica adotados, as técnicas de investigação que foram utilizadas para coletar os dados do trabalho, e como será feita a abordagem e análises dos resultados.

### 2.1 Contextualização do problema e objetivos

Em meio aos desafios que encontramos para atuar enquanto professores e professoras da educação básica, é nítido que precisamos continuar em busca do nosso constante aprendizado, pois nos desafios encontrados em relação às crianças que têm dificuldade de aprendizagem para a apropriação da leitura e da escrita também percebemos as nossas próprias dificuldades em desenvolver um trabalho pedagógico que consiga oferecer respostas para tais desafios.

Este estudo expressa a intenção inicial e contínua de desenvolver a pesquisa junto às crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, atendidas nas escolas públicas, na sala de Articulação, investigando esse fenômeno através dos fundamentos da Pedagogia Waldorf, com atuação em uma sala, ou seja, a partir dos estudos e metodologias e buscando a autoformação através do método *Extra Lesson*.

O tempo do mestrado, no entanto, é um espaço curto para desenvolver um trabalho com esse cunho. Nesse percurso, aconteceram outros fatos, que escaparam ao controle do pesquisador, do âmbito da pesquisa, pois pesquisar é se lançar em busca de algo, em busca de respostas para alguma coisa.

A nossa busca foi motivada pelas crianças com dificuldade de aprendizagem, mas durante a pesquisa tivemos mudanças estruturais e de cunho político que fugiram ao nosso controle, o que pode acontecer em qualquer pesquisa. Isto porque determinadas ocorrências não dependem do pesquisador, mas da decisão de outros, como o fato de a sala de Articulação não ter iniciado no seu período habitual, que seria no início do mês de março, como sempre acontecia. Logo após seu início no mês de fevereiro de 2019, uma greve foi deflagrada pelos profissionais da educação. Então, neste ano de 2019 sem esse início regular, foi necessário adequar a metodologia e o cronograma previstos.

Pelos fatos apresentados, o atual título desta dissertação tornou-se Fundamentos da Pedagogia Waldorf e *Extra Lesson*: desafios e possibilidades para o desenvolvimento de crianças com dificuldades de aprendizagem na escola pública. O objetivo é compreender a sala de Articulação, observar esse fenômeno, a dificuldade de aprendizagem da criança atendida na sala de Articulação da escola pública, e que tem um professor que assume os fundamentos da Pedagogia Waldorf como pilares da sua atuação relativos às dificuldades de aprendizagem dessa criança. Entender, portanto, esse processo do Método *Extra Lesson*, e como essas crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem poderão desenvolver, adquirir habilidades e conhecimentos através dessa metodologia, é o que pretendemos. E isso é possível através dos relatos das experiências dos professores que atuam ou atuaram na sala de Articulação, e dos professores que trabalham ou trabalharam com o método *Extra Lesson*.

Dessa forma, o fenômeno a ser observado são as metodologias diferenciadas, adotadas por professoras com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, e quais foram os caminhos percorridos por essas professoras para o desenvolvimento dos educandos. Assim, foram realizadas entrevistas com professoras que trabalham na Sala de Articulação na rede estadual, professores que adotaram metodologias diferenciadas, como o método *Extra Lesson*, com professores regentes que tiveram seus estudantes atendidos pelos professores Articuladores ou do *Extra Lesson*.

A educação brasileira tem se intensificado em estudos, pesquisas e definição de políticas educacionais, e novos métodos vêm sendo discutidos ao longo dos anos por pesquisadores da área da educação. Nesses estudos, muitas indagações são feitas, visando respostas consistentes para melhorar a qualidade de ensino dos professores e das professoras e da aprendizagem dos educandos nas escolas.

Estabelecer uma relação de confiança entre professor e aluno pode ser um fator importante para a construção do conhecimento, porém, falta aplicação de métodos diferentes

do tradicional, ou seja, é necessário transpor as barreiras do currículo escolar e flexibilizar algumas práticas pedagógicas.

Nesse sentido, a Pedagogia Waldorf pode contribuir como alternativa de aprendizagem, respeitando a criança enquanto ser dotado de sentimentos e impulsos que também precisam ser desenvolvidos, possibilitando-lhe o desenvolvimento completo relativo ao aspecto emocional e o cognitivo.

A presente pesquisa pode ser sintetizada no seguinte questionamento: de que modo o método *Extra Lesson*, com os fundamentos da Pedagogia Waldorf, pode contribuir para o desenvolvimento e a autoconfiança dos alunos encaminhados para a Sala de Articulação na escola de Ciclos de Formação Humana, que apresentam dificuldades de aprendizagem?

Assim, o objetivo geral engloba: compreender a formação dos professores que trabalham com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem na sala de Articulação da escola de Ciclos de Formação Humana e na Pedagogia Waldorf à luz do método *Extra Lesson*.

Em decorrência, os objetivos específicos são:

- Analisar a formação do professor que atende alunos com dificuldades de aprendizagem na sala de articulação da escola de ciclos de formação humana;
- Apresentar a formação do professor que atua com o método *Extra Lesson*;
- Identificar os desafios que os professores enfrentam para trabalhar na sala de Articulação da escola de ciclos de formação humana e do método *Extra Lesson*;
- Apresentar as contribuições teóricas da Pedagogia Waldorf como alternativa para o desenvolvimento da criança com dificuldades de aprendizagem.

## **2.2 O lócus e os sujeitos**

Os sujeitos desta pesquisa são: três professoras da sala de Articulação; três profissionais que atuam ou atuaram com o método *Extra Lesson*; três professoras regentes que tiveram estudantes atendidos pelo *Extra Lesson*; e três professoras da rede estadual que encaminharam estudantes para a sala de Articulação pelo fato de todos terem de trabalhar com crianças com dificuldades de aprendizagem nas escolas estaduais. Também são sujeitos da pesquisa as professoras especialistas que atuam ou atuaram com o Método *Extra Lesson* pelo fato de esses profissionais terem uma formação de base Antroposófica, em especial aqueles que trabalham com crianças, e os professores regentes que tiveram estudantes atendidos pelas

professoras Articuladoras e do *Extra Lesson*. Farão parte também, como sujeitos da pesquisa, as crianças que compuserem a sala de Articulação que for observada pela pesquisadora.

A pesquisa será realizada na cidade de Cáceres-MT, tendo como *lócus* as escolas estaduais, especificamente a sala de Articulação.

Os profissionais e professoras que atuam ou atuaram com o método *Extra Lesson* residem em diferentes cidades, como Nova Friburgo do estado do Rio de Janeiro, Bauru, Santo Amaro e São Paulo, ambas pertencentes ao estado de São Paulo. A escolha desses sujeitos aconteceu através da indicação de uma professora da escola Waldorf, Livre Porto de Cuiabá, Mato Grosso. A partir do primeiro contato, foram surgindo novas possibilidades de outros contatos por meio de correio eletrônico e por telefone.

O método *Extra Lesson* é, atualmente, considerado uma especialização aceita e regulamentada pelo MEC, mas não são muitos os professores que trabalham com ele, pois sua regularização é recente como especialização no Brasil. Por esse motivo os profissionais encontrados para fazerem parte desta pesquisa são de outros estados.

Merleau-Ponty (1999) entende o “onde” como sendo o mundo. Na Fenomenologia da percepção, o mundo não é um objeto que se possui, dessa forma a lei de constituição para o meio natural é o campo de todos os pensamentos e de todas as percepções explícitas do indivíduo, de modo que, para compreender determinado fenômeno, esse indivíduo não poderá mudá-lo no mundo.

Por se tratar de uma pesquisa com caráter qualitativo, a amostragem foi o primeiro desafio para o planejamento do estudo a ser realizado. Este estudo tem características qualitativas, o que nos fez direcionar nossa escolha para profissionais especializados em Pedagogia Waldorf e Método *Extra Lesson*, professoras que atuam em escola pública da sala de Articulação na Cidade de Cáceres e professoras regentes que já tiveram seus alunos atendidos pela sala de Articulação e pelo Método *Extra Lesson*.

Utilizaremos, neste estudo, amostras não probabilísticas que, segundo Sampieri *et al.* (2014), são consideradas uma maneira informal de selecionar objetos de estudo e, de certa forma, um pouco arbitrária. Assim, serão feitas descrições genéricas das escolas e das professoras para garantir o anonimato, conforme acordado com os sujeitos pesquisados.

Ainda citando Sampieri *et al.* (2014), os profissionais do *Extra Lesson*, as professoras regentes, e os professores da sala de articulação podem ser classificados como sujeitos-tipo, e que investigações qualitativas buscam a profundidade, riqueza de detalhes e a informação altamente qualificada e não uma quantidade padronizada. Os autores enfatizam que pesquisas com características fenomenológicas, que tenham objetivos de interpretar

valores morais e sociais, experiências e significados de determinado grupo social, normalmente são classificadas como sujeitos-tipo.

Segundo Bach Jr. (2012), no Brasil existe poucas escolas que utilizam a Pedagogia Waldorf.

Há um maior número de instituições vinculadas somente à Educação Infantil. A característica das escolas existentes é bem variada. Algumas possuem o ciclo completo, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Outras vão somente até o fim do Ensino Fundamental e algumas ainda não oferecem turmas nos anos finais do Ensino Fundamental (BACH JR, p. 238, 2012).

Na cidade onde a pesquisadora reside não existe escola que adote a Pedagogia Waldorf e nem escolas que trabalhem com o método *Extra Lesson*, e, para se ter uma ideia dessa escassez em Mato Grosso, há apenas uma escola em Cuiabá que trabalha com esse método.

Para atender aos objetivos da pesquisa fizemos contato por telefone com três professoras regentes que trabalham na escola de Nova Friburgo (RJ) e que atuam com Pedagogia Waldorf. Essa escola é pública, de pequeno porte, funciona há mais de 28 anos e atende crianças de baixa renda.

Também fizemos contato por telefone com especialistas que atuam ou atuaram com o método *Extra Lesson*: um deles atua na escola de Nova Friburgo (RJ); outro atua como profissional autônoma em fonoaudiologia em sua clínica no estado de São Paulo; e a terceira é uma pedagoga especializada no método *Extra Lesson* que atua de forma independente também no estado de São Paulo.

Ao formalizar o convite para cada participante da pesquisa encaminhamos por *e-mail* um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo informações e esclarecimentos referentes ao estudo a ser realizado, enfatizando o uso de teorias embasadas na Pedagogia Waldorf e do método *Extra Lesson*.

Considerando o total de doze sujeitos, todos os participantes eram do gênero feminino, o que, segundo Bach Jr. (2015), é uma situação comum nas escolas convencionais e nas escolas Waldorf.

Nos Quadros a seguir, consta o perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa.

**Quadro 1 – Professoras articuladoras**

<b>Formação Profissional</b>	<b>Tempo de atuação profissional</b>	<b>Gênero</b>
Pedagogia, especialização em Educação Infantil	13 anos	Feminino
Geografia, Pedagogia, especialização em geografia.	9 anos	Feminino
Pedagogia, especialização em Educação Infantil, práticas em salas de aula	13 anos	Feminino

Fonte: elaborado pela Autora, 2020.

**Quadro 2 – Especialista em *Extra Lesson***

<b>Formação Profissional</b>	<b>Tempo de atuação profissional</b>	<b>Gênero</b>
Pedagogia, Pedagogia Waldorf, especialização em <i>Extra Lesson</i> e primeiros setênios.	25 anos	Feminino
Magistério, Pedagogia, seminário Waldorf, especialização em <i>Extra Lesson</i> .	27 anos	Feminino
Fonoaudióloga, especialista em <i>Extra Lesson</i> , seminário de Pedagogia Waldorf.	30 anos	Feminino

Fonte: elaborado por Machado, 2019.

**Quadro 3 – Professoras regentes de escola pública**

<b>Formação Profissional</b>	<b>Tempo de atuação profissional</b>	<b>Gênero</b>
História, especialização em História de Mato Grosso.	15 anos	Feminino
Letras e Pedagogia.	9 anos	Feminino
Letras, especialização em Educação em Relações Raciais	12 anos	Feminino

Fonte: elaborada pela Autora, 2019.

**Quadro 4 – Professoras regentes *Extra Lesson***

<b>Formação Profissional</b>	<b>Tempo de atuação profissional</b>	<b>Gênero</b>
Especialização em primeiro setênio da Educação Infantil, seminário Waldorf	16 anos	Feminino
Letras, Pedagogia, especialização em Psicopedagogia, seminário Waldorf	20 anos	Feminino
Ciências, Biologia, Fisioterapia	Não informou	Feminino

Fonte: elaborado por Machado, 2019.

Entre as professoras articuladoras, o tempo de atuação profissional era de 9 e 13 anos, e todas tinham formação em Pedagogia e especialização em áreas distintas. Os profissionais especialistas em *Extra Lesson* atuavam há 25 e 30 anos, todos especialistas em *Extra Lesson*, dois com formação em Pedagogia e um formado em Fonoaudiologia.

Dentre a formação profissional das professoras regentes de escola pública duas possuíam graduação em Letras, sendo que uma delas também era formada em Pedagogia, e a terceira era formada em História, e atuavam, profissionalmente, há 9 e 15 anos.

Já as professoras regentes do *Extra Lesson* apresentaram formação de graduação variada: uma formada em Biologia, Fisioterapia e Ciências, a segunda graduada em Letras e Pedagogia, com especialização *Lato Sensu* em Psicopedagogia, e a terceira não citou seu tempo de serviço. Todas as professoras têm especialização em Pedagogia Waldorf e no *Método Extra Lesson*. O tempo de atuação profissional apresentou-se entre 16 e 20 anos.

Para preservar a identidade dos sujeitos, foram distribuídos em quatro grupos e identificadas da seguinte maneira: professora regente *Extra Lesson* A, B e C; professora regente de escola pública A, B e C; especialista *Extra Lesson* A, B e C; professora articuladora, A, B e C.

### 2.3 Tipos de pesquisa

Para este estudo adotamos a pesquisa qualitativa, por ser considerada a mais adequada à discussão das ciências humanas ou ciências do espírito, assim nomeadas por alguns autores. Nessa construção, é necessário considerar a ciência algo construído pelos homens, a qual pode ter várias nuances, mas com a plena convicção de ser uma ciência. Portanto, é a partir dessa concepção de ciência, construída pelo conhecimento coletivo, que este estudo será desenvolvido. Este trabalho tem como característica a abordagem fundamentada nos princípios da Fenomenologia Hermenêutica, pois acreditamos ser a mais coerente, por se tratar de indivíduos que possuem uma história dentro de um espaço de tempo, e, de certa forma, esses sujeitos constituem um universo único.

É a partir da Fenomenologia Hermenêutica que vamos construir o caminho metodológico, pois, segundo Ricoeur,

na Hermenêutica permanece a arte de discernir o discurso na obra. Mas esse discurso não se dá alhures: por isso ele se verifica nas estruturas da obra e por elas. Consequentemente, a interpretação é a réplica desse distanciamento fundamental constituído pela objetivação do homem em suas obras discurso, comparáveis a sua objetivação nos produtos de seu trabalho e de sua arte (RICOEUR, 1998, p. 52).

Para a Fenomenologia é muito importante experienciar a observação sem pré-julgamentos. O pesquisador vai olhar para determinado fenômeno, e, no caso deste estudo, observar o fenômeno que envolve as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, cujo *locus* é a sala de Articulação de escolas estaduais de Cáceres, as quais adotam o modelo de ensino em ciclos de formação humana.

## 2.4 Técnicas de investigação

Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas (apêndice E). Neste sentido, foram feitas perguntas de natureza descritiva para quatro grupos distintos. Ao primeiro, composto por profissionais que praticam ou praticaram o método *Extra Lesson*, perguntamos sobre sua formação, como chegaram ao método *Extra Lesson*, quais foram os desafios, dificuldades e os resultados de trabalhar com esse método. Para o segundo grupo — professoras que trabalham nas salas de articulação — fizemos perguntas relacionadas à formação, ao tempo de trabalho, aos desafios, resultados, e a sua prática e experiência na sala de articulação.

Entrevistamos três professoras regentes e uma professora da sala de articulação de uma escola pública estadual que atua com alunos do 1<sup>a</sup> ao 5<sup>a</sup> ano, no período vespertino, e com crianças do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup>, no período matutino, de uma escola localizada na cidade Cáceres, Mato Grosso. Essa escola foi escolhida pelo fato de a pesquisadora conhecê-la e saber que nela existem problemas relacionados ao tema desta pesquisa e porque a escola mantém a sala de articulação.

Outras duas professoras, as quais trabalham na sala de articulação, foram selecionadas em outras duas escolas de Cáceres, e a escolha se deu, através de contato com professoras que trabalham na sala de articulação. São escolas públicas estaduais com características semelhantes, todas localizadas em regiões periféricas da cidade de Cáceres, atendendo, em sua maioria, crianças de baixa renda.

Nas escolas da cidade de Cáceres optamos por realizar as entrevistas face a face com os participantes da pesquisa, de modo a colher informações relevantes, estreitando a relação entre as questões e os depoimentos.

Para as entrevistas com os profissionais e professores que não residiam em Cáceres, optamos por realizá-las por telefone. Tanto as entrevistas face a face quanto as realizadas por telefone foram gravadas e transcritas posteriormente para interpretação e compreensão.

Todas as entrevistas tiveram, em média, a duração de 30 minutos cada uma, que, após gravadas e transcritas, apresentaram grande volume de informações. Entrevistamos ao todo 12 professores. Para cada entrevista foi estabelecido um roteiro norteador, porém, cada entrevista apresentou particularidades.

Com as professoras da sala de articulação e as professoras regentes de turmas, as entrevistas foram gravadas presencialmente; com as especialistas do método *Extra Lesson* e com as professoras regentes, as quais tiveram crianças atendidas por esse método, realizamos entrevistas gravadas por telefone. Em ambos os casos as entrevistas foram transcritas e analisadas à luz da Fenomenologia Hermenêutica.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas de acordo com o cronograma a seguir.

**Quadro 5 – Cronograma das entrevistas**

<b>Sujeitos</b>	<b>Data da entrevista</b>
Professora de articulação A	22 de maio de 2019
Professora de articulação B	23 de maio de 2019
Professora de articulação C	23 de maio de 2019
Especialista <i>Extra Lesson</i> A	17 de maio de 2019
Especialista <i>Extra Lesson</i> B	21 de maio de 2019
Especialista <i>Extra Lesson</i> C	27 de maio de 2019
Professora regente da escola pública A	18 de setembro de 2019
Professora regente da escola pública B	18 de setembro de 2019
Professora regente da escola pública C	19 de setembro de 2019
Professora regente do <i>Extra Lesson</i> A	13 de setembro de 2019
Professora regente do <i>Extra Lesson</i> B	14 de setembro de 2019
Professora regente do <i>Extra Lesson</i> C	17 de setembro de 2019

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Para que pudéssemos ter um melhor resultado das entrevistas fizemos um contato prévio com as professoras das salas de articulação, com as profissionais do método *Extra Lesson*, e com as professoras regentes, para agendar data e horário de acordo com a disponibilidade de cada um. Nesse momento, aproveitamos para informar sobre o projeto de pesquisa, e quais eram os objetivos.

## **2.5 Abordagem e compreensão dos resultados**

Para entrar propriamente na abordagem teórica deste estudo é necessário fazer algumas considerações sobre a que a Fenomenologia se contrapõe, pois ela surge como um contraponto ao Positivismo.

Para o Positivismo há uma valorização do que é experimento, de forma a separar o pesquisador do objeto, buscando a neutralidade absoluta dessa relação. Para as áreas da educação e das ciências humanas em geral, o Positivismo deixa lacunas que apenas uma abordagem qualitativa seria capaz de preencher, no que se refere a alguns questionamentos sobre o corpo humano, como os sentimentos e gestos, que são impossíveis de serem analisados apenas através da ciência fundada em física, química ou matemática pura.

De acordo com a visão de Merleau-Ponty (1999), a ciência positivista “estabelecia estatisticamente as propriedades químicas dos corpos puros, delas deduzia as propriedades dos corpos empíricos, e parecia assim deter o próprio plano da criação ou, em todo caso, reencontrar uma razão imanente ao mundo” (1999, p. 86).

As pesquisas com seres humanos e suas relações sociais são mais bem contempladas em uma abordagem qualitativa, por interpretar sem excluir o pesquisador nessa relação. Assim, ao possibilitar uma interpelação entre o sujeito da pesquisa, que está envolvido em determinado fenômeno, e o pesquisador, que vai olhar para esse fenômeno à luz da fenomenologia, é muito importante, nessa abordagem, a experiência advinda cada ser.

A fenomenologia, portanto, é um pensar a realidade de modo rigoroso. O que a caracteriza não é ser ou procurar ser esse pensar, mas o modo pelo qual age para perseguir essa meta. Falar em “modo pelo qual” pode pôr em destaque os procedimentos, os métodos pelos quais faz isso. Os procedimentos, porém, são inseparáveis do fenômeno interrogado, e, portanto, do pesquisador. Neles estão presentes a busca do rigor e algumas concepções que dizem da interpretação do mundo, como: fenômeno, realidade, consciência, essência, verdade, experiência, a priori, categoria, intersubjetividade (BICUDO, 1994, p. 17).

O percurso para a elaboração de uma pesquisa que tenha como abordagem a Fenomenologia precisa ser muito bem detalhado para que fique evidenciada a coerência no momento da análise dos dados que foram captados pelo pesquisador, e revelados pelo fenômeno observado. Para que os resultados sejam analisados, é imprescindível que o pesquisador tenha consciência do seu papel como um atento observador, para que não lhe escape nenhum detalhe que possa auxiliá-lo na compreensão do objetivo de sua pesquisa.

Para Bicudo,

Fenomenologia é uma palavra composta pelos termos fenômeno mais *logos*. Fenômeno diz do que se mostra na intuição ou percepção e *logos* diz do articulado nos atos da consciência em cujo processo organizador a linguagem está presente, tanto como estrutura, quanto como possibilidade de comunicação, em consequência, de retenção em produtos culturais postos à disposição no mundo-vida (BICUDO, 2011, p. 29).

A fenomenologia é uma abordagem de pesquisa qualitativa, pois o que se busca é a essência de como ocorre determinado fenômeno, sem que o foco recaia em generalizações ou quantidade, não havendo nada fora da consciência. É através da linguagem que o sujeito expressa as suas emoções, pensamentos e desejos. Dessa forma, qualquer maneira de externar essa linguagem pode constituir material para uma análise fenomenológica, como pintura, música, fala, gravações visuais ou audiovisuais. De acordo com Bicudo,

a consonância entre as dimensões Ontológicas e epistemológicas “do que” e “do como” se investiga o investigando confere um grau de confiança que transcende as análises apenas baseadas em cálculos e em explicitações de procedimentos metodológicos, devidamente esclarecidos (BICUDO, 2011, p. 11).

É importante frisar que para essa concepção de ciência em educação, o fenômeno não é estático, é o que Bicudo diz do “ser sendo”, como em um processo de movimento que não é capaz de ser mensurado, como em outras áreas do conhecimento, que é capaz de separar o objeto do sujeito, ou pressupõe ser capaz de separar.

Mas se formos um pouco mais a fundo perceberemos que, mesmo nas áreas que se dizem capazes de fazer essa separação, isso é questionável. Isto porque a partir do momento em que o pesquisador olha para determinado campo de pesquisa ou para um objeto, já demarca o seu ponto de vista, ou seja, o ponto de vista já está atravessado por valores que podem ser históricos, filosóficos, morais ou culturais. Assim, o que há é uma suposta separação entre sujeito e objeto.

Nesse contexto, o que difere na pesquisa qualitativa é essa posição do sujeito, que é pesquisador, de comprometer-se com a ética, o qual busca respostas para a indagação mobilizadora do fenômeno pesquisado; fenômeno construído a partir da sua concepção de ciência, assumindo que é imprescindível o rigor metodológico para realizar as compreensões e interpretações dos fenômenos que se apresentam através do percurso adotado por ele de modo contextualizado.

### 3 ANTROPOSOFIA E A PEDAGOGIA WALDORF

*Por isso relutei muito em escrever este trabalho levando o nome da Antroposofia como seu fundamento, por ter a plena consciência de que só adquiri alguns conhecimentos, e ainda sob um ponto de vista muito restrito. Isto significa que assumo todos os enganos, toda a parcialidade que este trabalho porventura contenha, pois ele não é a Antroposofia - é apenas uma interpretação pessoal a respeito dela.*

LUCINDA DIAS

Ao nos deparar com algo que nos causa admiração, corremos o risco de nos deixar seduzir completamente por uma ideia ou pessoa, mas quando essa admiração não é correspondida, logo culpamos o outro. A epígrafe fala sobre levar adiante uma interpretação pessoal da Antroposofia, de modo que a autora assume toda a parcialidade e enganos que possa haver em sua interpretação. Essa postura demonstra o quanto ela está consciente desse processo de criação, assim, para o desenvolvimento deste capítulo buscamos estar conscientes e abertos para a sua compreensão.

Esta seção está dividida em seis subseções, sendo: 3.1 trata da “Antroposofia: uma ciência para o conhecimento do ser humano”, a qual traz um pouco de como essa área se consolida como ciência, sem deixar de lado as questões espirituais. Deixa claro que a Antroposofia não se limita a suposições, mas tudo o que ela propõe pode ser verificado por qualquer pessoa que tenha uma mente aberta e sem preconceito, para poder interpretar e desenvolver um pensamento Antroposófico.

Na subseção 3.2 intitulada “Caminhos pela Pedagogia Waldorf”, discorreremos brevemente sobre como surgiu e em que bases ela foi desenvolvida, com um rápido relato sobre a vida de Rudolf Steiner, seu fundador.

Na subseção 3.3 tratamos sobre “A educação da criança segundo a ciência espiritual”, que retrata como Steiner, através de uma visão holística, concebe o desenvolvimento da criança no primeiro setênio de sua existência, fazendo um paralelo de como o corpo e o espírito estão a despertar suas disposições para o mundo. Tal conhecimento é fundamental para compreendermos em qual momento a educação pode atuar para melhor contribuir com o desenvolvimento educacional das crianças.

Na subseção 3.4 abordamos “O papel do professor e do ambiente na educação infantil”, nesta subseção traremos a experiência de duas creches na favela Monte Azul e Peinha, como uma forma de inspiração para transformação na vida de crianças e famílias carentes

Nas subseções 3.5 e 3.6 abordamos o “Método *Extra Lesson*” em sua concepção teórica, que enfatiza os principais movimentos primordiais para o desenvolvimento da criança com dificuldade de aprendizagem, traz também conceitos e exemplos detalhados de como os professores devem trabalhar.

### **3.1 Antroposofia: uma ciência para o conhecimento do ser humano**

Para melhor compreensão do estudo sobre a Pedagogia Waldorf, faz-se necessário discorrer acerca de alguns princípios da Antroposofia. A Antroposofia é uma ciência elaborada por Rudolf Steiner, caracterizada como um conhecimento obtido por meio do pensar do ser humano, que foi em busca das questões mais desafiadoras para a humanidade. Até mesmo toda forma de fazer ciência não conseguiu dar uma resposta que transpusesse o grande “nada”. Tais perguntas são: quem somos? De onde viemos? Para aonde vamos?

A Antroposofia não se limita a qualquer barreira imposta por religião ou pela ciência; ela busca trazer à luz todo o conhecimento até hoje descoberto por todas as áreas, de forma holística, para mostrar um conhecimento maior.

Ela não é religião nem seita religiosa. Distingue-se da especulação filosófica por seu fundamento em fatos concretos e verificáveis, e distingue-se de caminhos esotéricos como o espiritismo pelo fato de o pesquisador, conservando-se dentro dos métodos por ela preconizados, manter a sua plena consciência, sem qualquer transe, mediumismo ou estados extáticos ou de excitação artificial (LANZ, 1997, p. 15).

Dessa forma, a única maneira de conceber a Antroposofia é através do pensamento livre de preconceitos, com uma mente aguçada e curiosa para as coisas do espírito, pois o que vemos, cada vez mais, com o avanço das várias áreas da ciência moderna, é um conhecimento engessado, preso ao materialismo, que acaba por impedir a possibilidade de diálogo entre os vários conhecimentos. Tal fato não acontece na Antroposofia, que se debruça sobre geologia, biologia, química, física, etc., proporcionando um diálogo de tudo o que já foi comprovado cientificamente para afirmar a sua cientificidade.

Quando Steiner afirma que a Antroposofia não é religião, nem espiritismo ou esoterismo, ele não exclui tais conhecimentos, pois as outras ciências não adentram essa seara, talvez por serem enrijecidas, ou por estarem presas aos seus próprios postulados. “Temos o mundo físico conhecido, objeto de nossos sentidos e das ciências; é o mundo em que vivemos. De outro lado, sentimos que existe um domínio não físico, impalpável, mas cuja existência sentimos com uma certeza, por assim dizer, direta, inata” (LANZ, 1997, p. 15).

Nessa perspectiva de verificar o que há além de todo conhecimento material, vislumbra-se um mundo que até então era totalmente oculto de cientificidade, mas que toma corpo ao fazer afirmações e comprovações através dos métodos lógicos da própria ciência.

Na visão antroposófica, o homem é composto por corpo físico, corpo etérico, corpo astral e o Eu, sendo que cada um desses corpos são responsáveis por uma parte importante do desenvolvimento intelectual e espiritual. Cada corpo tem composição diferente, mas todos coabitam mutuamente, de forma sobreposta, influenciando todas as ações do ser em cada fase da vida.

Rudolf Steiner fez um longo trabalho de pesquisa e de autoconhecimento para expor um conhecimento que até hoje, século XXI, é deveras desafiador, pois ele consegue nos fazer enxergar verdades inquestionáveis, proporcionando-nos uma visão da nossa participação no cosmos, como seres pensantes. Assim, ele nos leva a pensar sobre: como nos seres orgânicos, ou seja, em tudo que é vivo, existe algo além da pura substancialidade, subtraindo da matéria às leis inerentes à sua própria natureza. E assim, no

momento da morte, esse algo deixa de existir, ou pelo menos de atuar: o corpo morto passa a ser um cadáver, e, como tal, sua substância volta a obedecer exclusivamente às leis do mundo inorgânico: o organismo se decompõe, perdendo sua forma e estrutura específicas e retornando ao reino do pó da terra (LANZ, 1997, p. 18).

Quanto ao sopro de vida, para aonde vai? E todas as memórias? Para Steiner, essa energia que é chamada de Eu, continua a existir, em busca de uma evolução, pois, de acordo com tais fundamentos, a humanidade faz parte de um grande movimento que não é só terrestre, mas que abrange toda a evolução cósmica do Planeta e de sua origem com o próprio criador:

Em consequência disso, só o homem pode ter a liberdade de agir, de escolher conscientemente entre vários atos possíveis. Somente ele pode agir moral ou imoralmente; o animal segue trilhas fixas e predeterminadas pelas características de sua espécie. Ele é irresponsável (LANZ, 1997, p. 27).

Ao conceber um ser humano que vive, mesmo sem tomar consciência de sua existência enquanto ser cósmico, que faz parte de um todo, a princípio podemos fazer um julgamento errôneo, de uma visão determinista do ser humano. No entanto, ao tomar a liberdade como a essência do Eu, que está em evolução a partir da sua busca interior, não temos dúvida de que o homem, em sua essência, semelhante ao rio que procura o mar, o

homem tem sede de liberdade. No percurso da vida física é a compreensão que fica turva diante do físico e do espiritual, mas o impulso para a liberdade permanece:

O eu, sua verdadeira entelúquia, é o centro de seu ser. Ele é o indivíduo. O corpo astral recebe os impulsos e impressões dos mundos físico e superiores. Com ele o homem reage, pensa e entra em intercâmbio com a realidade. O corpo etérico lhe dá a vida e fornece o instrumento para o pensamento, a memória e outras faculdades. O corpo físico, finalmente, é a base material de sua existência atual. Ele fornece a matéria para os instrumentos que permitem ao homem participar do mundo físico (LANZ, 1997, p. 31).

O que chama bastante a atenção na Antroposofia é o grau de lucidez que qualquer pessoa que tenha a curiosidade de percorrer os seus caminhos precisa ter, pois se trata de um denso conhecimento sobre como nos tornamos humanos, e quais são os caminhos que ainda temos que trilhar para construir um planeta de pessoas melhores, pois não basta que tenhamos conhecimentos científicos se eles não dialogarem. Isto porque só o fato de conhecermos algo não nos torna pessoas melhores. Alguns conhecimentos nos tornam pessoas rígidas na maneira de ver o outro. Para a Antroposofia, “no homem aparece a verdadeira individualização. Cada homem é um ser único, singelo, diferente de todos os demais seres humanos” (LANZ, 1997, p. 24).

O conceito de individualização, aqui exposto, difere do de individualismo. Enquanto o primeiro se refere às características próprias de cada ser, em relação ao seu crescimento moral e ético para si e para os outros, o segundo, que se refere ao individualista, é aquele ser que não tem compromisso com os outros e só pensa em seu bem próprio.

Uma forma de observarmos o que traz a Antroposofia é durante o estado de sono, os quatro membros da entidade humana se fazem presentes.

Podemos também dizer que para constituir seu ser o indivíduo reúne, durante sua vida, substâncias de quatro planos. Essa aglomeração está longe de ser harmoniosa. Por experiência própria, sabemos que nem nosso corpo, nem nossa alma nem nosso eu, como ser moral, são perfeitos. Ao contrário, nossa vida traz um desgaste constante dos vários membros da nossa entidade (LANZ, 1997, p. 33).

O fato de conhecermos os fundamentos antroposóficos, por si só não nos torna seres melhores, mas nos torna conscientes do quanto a Antroposofia permeia tudo: “com efeito, ela admite e reconhece todas as descobertas das ciências naturais comuns, embora as complete e intérprete com suas descobertas. Sobretudo tem feito, em todos os domínios da vida prática, muitas contribuições e inovações concretas” (LANZ, 1997, p. 16).

### 3.2 Caminhos pela Pedagogia Waldorf

A Pedagogia Waldorf (PW) foi desenvolvida por Rudolf Steiner e seus fundamentos são de base antroposófica. Ainda muito jovem Steiner foi tutor de um garoto do qual lhe foi confiada toda a educação. O grande desafio encontrava-se no fato de que esse menino tinha uma saúde extremamente frágil, mas, mesmo com tal limitação física, os esforços pedagógicos utilizados por Steiner foram bastante eficazes. Steiner elaborou métodos especiais para o desenvolvimento das aulas ministradas ao seu pupilo, “a cada meia hora de aula a ser dada, duas horas são dispendidas no preparo do material e do conteúdo a ser ministrado, assegurando atingir uma forma com a qual se empregue um tempo menor e um esforço mínimo da criança, tanto físico como mental, alcançando sua mais alta capacidade de assimilação” (ROMANELLI, 2017, p. 34).

Os princípios educacionais, nos quais, posteriormente, Steiner alicerçou a Pedagogia Waldorf, começaram a ser fortalecidos e fundamentados na crença de que há uma associação entre espírito, alma e corpo do ser humano. Esse fato levou-o a aprofundar seus estudos em psicologia e fisiologia. A arte de educar lhe surgiu como algo essencialmente fundamentado no conhecimento da entidade humana.

Foram os desafios impostos pela saúde do menino que mobilizaram Steiner a produzir formas diferenciadas para conseguir fazer que ele aprendesse. No entanto, ao menor sinal de esforço mental o garoto tinha fortes dores de cabeça, devido ao grau de hidrocefalia, ao seu pensamento lento. O garoto também era acometido de palidez e queda das funções vitais. Para poder fazer possível a aprendizagem desse garoto, Steiner acreditava no despertar da alma que encarnava esse corpo, assim ele buscava despertar as faculdades adormecidas, aplicando uma metodologia adequada às condições físicas e psíquicas desse menino (ROMANELLI, 2017).

No convívio com a família do tutelado, Steiner pode observar a importância que os jogos e brincadeiras lúdicas podem ter para o desenvolvimento das potencialidades das crianças, fato que ele mesmo não viveu durante a sua infância e só depois de jovem pode fazê-lo. Assim, pouco a pouco, surgiram as bases que consistiriam, posteriormente, a PW.

Ao observarmos a biografia de Steiner fica evidenciada a sua inclinação em exercitar as suas capacidades pedagógicas desde quando era aluno, pois ele se propunha a auxiliar os colegas. E também “atuou como professor na escola para formação de operários em Berlin,

ministrando aula para adultos durante o período de cinco anos. Em 1922, publicou o ensaio a educação da criança segundo a ciência espiritual” (ROMANELLI, 2017, p. 97).

É interessante observar que somente em 1919 Steiner recebeu um convite do conselheiro Emil Molt para criar uma escola para os filhos dos operários da fábrica de cigarros Waldorf-Astória, surgindo, assim, a primeira escola Waldorf. Essa escola surgiu do interesse dos próprios funcionários, que já eram atendidos com ensino ofertado pela fábrica, para que os seus filhos também tivessem acesso à escola.

A escola Waldorf, tem seu arcabouço teórico na Antroposofia, mas não se trata de uma educação dogmática para a Antroposofia. Steiner levou a sua visão holística para a educação, pois, para ele, o ser humano evolui cognitivamente e espiritualmente, não fazendo repartições entre corpo e espírito, de modo a levar o ser que aprende sobre o mundo a aprender também sobre si mesmo, descobrindo-se um ser livre à medida que se sente parte de um todo que é a sua humanidade e o compromisso ético, moral compatível com um ser capaz de evoluir cognitivamente. Essa visão sobre o ser humano e sua responsabilidade ética envolvendo a sua liberdade é muito bem explicitada na obra “A Filosofia da Liberdade” escrita por ele, com fundamentos científicos antroposóficos, na busca por uma formação completa, capaz de formar um ser humano melhor em harmonia com ele próprio, com a natureza e com a sua espiritualidade. Nessa perspectiva, Lanz (2007) afirma:

Antroposofia não se limita a afirmar, a expor resultados; indica o seu método e o caminho cognitivo que deve ser seguido para alcançar o conhecimento dos fatos expostos, nunca exigindo fé cega. O estudioso da Antroposofia deve manter seu espírito bem vigilante; só ficará satisfeito quando as doutrinas da Antroposofia confirmarem as descobertas da ciência comum ou trouxerem uma solução para um problema que, sem aquela, teria ficado insolúvel (LANZ 2007, p. 4).

Fundamentada nessa ciência que busca compreender o homem na sua essência, a Pedagogia Waldorf respeita os tempos de formação física da criança, adolescente e adultos, dividindo a vida do ser humano em setênios (período de sete anos). No primeiro setênio toda a força da criança está centrada no seu desenvolvimento físico.

De acordo com a visão de Setzer (1999),

no primeiro setênio a criança está completamente **aberta**, entregue ao mundo. Ela ainda não tem experiências nem filtros que lhe permitam bloquear uma impressão advinda dele. Assim como nossos órgãos dos sentidos estão totalmente abertos para o mundo, recebendo as impressões sensoriais de acordo com sua especialidade (audição, visão, paladar etc.), mas sem possibilidade de elaborar um julgamento (SETZER, 1999, p. 2).

No primeiro setênio, o que as crianças esperam do mundo exterior é que ele seja bom, elas necessitam de cuidados de quem está próximo para saber o que essa criança vê, ouve, porque a criança agirá por imitação, transparecendo o que vive.

Conforme Setzer (1999), após essa fase,

tendo adquirido um certo conhecimento do mundo, a criança do segundo setênio agora interage com ele, reagindo com alegria, tristeza, simpatia, antipatia, prazer, desprazer etc. aos estímulos que lhe chegam. Agora já não são mais tanto os sentidos que necessitam de um cultivo: agora é a vez dos sentimentos. Vivenciando a beleza, o entusiasmo e - porque não? - a tristeza e o feio, que também fazem parte da vida, porém numa intensidade ainda suportável para ela, a criança volta seu interesse para o que a rodeia, identificando-se com o que gosta e rejeitando o que não lhe agrada (SETZER, 1999, p. 2).

Nesse período, a criança ainda depende do que está fora dela, ela interage, mas não com autonomia, age para agradar ou desagradar, ela não é capaz de abstrair alguns conceitos. Geralmente sendo impulsionada por sentimentos ligados ao belo, bonito, como a natureza.

Setzer (1999) enfatiza que

No terceiro setênio o jovem separa-se do mundo porque quer realmente conhecê-lo. Para tanto precisa desenvolver uma objetividade, uma capacidade de fazer observações, comparações, discernimentos, julgamentos. Ele não aceita as coisas simplesmente como lhe são apresentadas, e sim tem uma atitude analítica e crítica; está realmente fechado para o mundo, vendo-o de fora (SETZER, 1999, p. 3).

No terceiro setênio, o jovem faz as suas escolhas de forma individual a partir das suas próprias análises e também é capaz de compreender as abstrações ligadas às ciências.

Para Setzer, Rudolf Steiner considera que algumas faculdades do ser encontram-se distante de serem testadas e pesquisadas pela ciência tradicional, mas que, inegavelmente, existem na alma, manifestando-se como parte inerente do nosso corpo que são as atividades do pensar, do sentir e do querer.

Nas escolas Waldorf há todo um ambiente e uma dinâmica própria para o desenvolvimento de cada setênio, respeitando o tempo de cada criança, visando um ser humano pleno consigo e com o mundo, mas esse fato não impossibilita que os fundamentos da Pedagogia Waldorf sejam aplicados em outros ambientes.

A PW, por sua origem, já possui elementos infinitos para a sua distinção com qualquer outra forma de pedagogia, tanto para a época de seu surgimento quanto para os dias atuais. Isso nos leva a acreditar que ainda o será por muito tempo, devido ao processo exacerbado das ciências humanas ainda ter raízes fortes no materialismo das ciências orgânicas, de modo a desacreditar na ciência que vem do espírito, como a própria Antroposofia.

Para poder verificar/comprovar algo vivo, inicialmente os cientistas devem dissecar, matar ou seguir um padrão que demonstra que isso seja possível. Steiner provou ser extremamente inquieto com as formas estabelecidas de comprovar o que era ciência ou pura crença, através de seus estudos e suas experiências desde criança. Com seu olhar aguçado para as coisas do espírito, ele diz que o homem é capaz, através de um olhar atento e livre de dogmas e preconceitos, de reconhecer-se como um ser composto por vários corpos que se sobrepõem e se alteram em várias situações observáveis, dando o nome de trimembração [corpo, alma e espírito] e quadrimembração [corpos físico, etérico, astral e espiritual].

A trimembração do ser humano é composta por corpo, alma e espírito. O corpo, portador dos processos metabólicos que o estruturam e o desenvolvem, carrega em si a força vital que permite ao ser humano exercer sua vontade, seu querer. A alma, corpo astral, carrega a vida dos sentimentos, o sentir humano. O espírito é o portador do Eu e da vida intelectual ou do pensar (ROMANELLI, 2008).

Para melhor compreensão da diferenciação da trimembração e a quadrimembração do ser humano vejamos o que diz Cardoso:

cabe esclarecer nesse ponto que existe uma relação entre a quadrimembração e a trimembração. O plano físico é esse mundo dado, perceptível a observação comum, isso nas duas concepções. O plano astral ou das sensações da quadrimembração, é aquele que está no nível da alma, que na trimembração é responsável por fazer a ponte entre o mundo físico e o espiritual. Enquanto o plano espiritual da trimembração é o mais elevado do homem, corresponde ao próprio Eu na quadrimembração, e é captado somente por meio de uma aprofundada observação do pensar que é próprio do homem (CARDOSO, 2018, p. 75).

Com essa concepção de homem/mulher levada para a educação, a busca por equilíbrio é evidente. Equilíbrio com o homem e a natureza, equilíbrio com os outros seres e, assim, uma educação que visa à harmonia social e individual, respeitando o tempo de desenvolvimento da criança, do jovem e do adulto.

Somos sabedores que a educação bem direcionada para um bom convívio social possibilita a busca do conhecimento de si mesmo, objetivando verdadeiramente a educação para a vida toda e para a democracia.

O ser humano tem por essência a convivência com outros seres humanos, pois desde os primórdios da história vivemos em grupo. É no grupo que conseguimos ser ou nos perceber como alguém que é igual, ou que pensamos ser diferentes dos outros. A partir dessa dependência é que se estabelece toda forma de organização. Em sociedades menos complexas, formadas por pequenos grupos, as relações se organizavam/organizam de forma oral, como nas tribos indígenas, e a cultura é perpetuada por séculos.

Já nas sociedades complexas nas quais vivemos hoje, para a grande parte da humanidade a dependência continua sendo a mola propulsora das relações humanas, mas quase de forma mecanizada, sem que as pessoas reflitam sobre isso. Muitas pessoas acreditam que são autossuficientes, que não dependem de ninguém, mas se ela come e não planta, logo isso cai por terra.

Deveríamos pensar mais sobre essa autoconsciência das nossas dependências, pois, assim, nos tornaríamos mais solidários e menos egoístas.

Somos fruto de um conhecimento que foi produzido, sendo assim, conhecimento é uma produção humana socialmente aceita ou imposta por pessoas que idealizaram e viveram em épocas em que o mundo era outro. De um modo ou de outro, essas pessoas contribuíram/definiram o modo com que vivemos hoje. O conhecimento é um produto que, durante muito tempo, foi e continua sendo mitigado para a maior parte das pessoas.

É necessário nos aproximar mais das questões dos nossos desafios enquanto humanidade, da nossa organização social, com todas as nossas mazelas, mas com apontamentos para uma sociedade menos capitalista guiada puramente pelo consumo.

Há outros caminhos a percorrer. Mesmo em um sistema capitalista há formas de conceber outras visões de mundo, fundamentados, por exemplo, em associações como nos aponta o economista Udo Hermannstorfer cuja visão aponta mudanças de prioridades do capital por meio das quais seria possível que tivéssemos menos desigualdades sociais e, conseqüentemente, as pessoas seriam mais solidárias e viveríamos socialmente melhor.

### **3.3 A educação da criança segundo a ciência espiritual**

Para Steiner, a educação da criança precisava ser desenvolvida a partir de um conhecimento profundo, observando as potencialidades de cada uma, e respeitando o seu tempo para cada aprendizado. A vida humana inteira contém as disposições para seu futuro. Contudo, para que se possa dizer algo a respeito desse futuro é preciso penetrar na natureza oculta do ser humano. “Por sua própria natureza, a Ciência Espiritual deve ter por tarefa oferecer uma cosmovisão prática, que abranja a essência da vida humana” (STEINER, 2012, p. 12).

O que se propõe com tal conhecimento não é um posicionamento acrítico ou doutrinado, pelo contrário: é a possibilidade de ver além do que as ideias materialistas,

fundamentadas em objetividades que cegam o intelecto, nos colocam como verdades absolutas.

Steiner (2012) afirma que, pelo fato de a Ciência Espiritual assumir tal missão (superar as verdades absolutas), ele espera que essa Ciência sofrerá questionamentos e críticas por pessoas com posicionamento conservadores, radicais e moderados em todos os campos da vida social. No entanto, afirma: “com efeito, não poderá dar satisfação a qualquer partido, pois suas premissas transcendem qualquer partidarismo” (STEINER, 2012, p. 13).

Não podemos nos prender a dar satisfação, nem forçar os que não conseguem, porém, através do olhar atento, observar o quanto é mais lógico a ciência espiritual do que qualquer explicação materialista possa chegar a respeito da essência humana, mas, segundo o autor, é necessário que seja demonstrado o quanto a questão educacional é carente de tais conhecimentos.

Na obra intitulada *A educação da criança segundo a ciência espiritual* (2012), Steiner nos alerta que não serão formuladas exigências nem programas - será simplesmente descrita a *natureza da criança*. Da natureza do homem em desenvolvimento surgirão, como que por si mesmos, os princípios para a educação. Assim, Steiner afirma:

o que a observação sensória descobre no homem, e a concepção materialista considera o único aspecto válido em sua natureza, constitui para a pesquisa espiritual apenas uma parte, um membro da entidade humana, ou seja, seu *corpo físico*. Este está sujeito às mesmas leis da vida física, compondo-se das mesmas substâncias e forças que formam o resto do mundo chamado inorgânico. A Ciência Espiritual diz, portanto: o homem possui esse corpo físico em comum com todo o chamado reino mineral; e denomina corpo físico no homem apenas o que produz a mistura, a combinação, a estrutura e a dissolução das mesmas substâncias, segundo as mesmas leis atuantes no mundo mineral. Acima desse corpo físico, a Ciência Espiritual reconhece ainda uma segunda entidade no homem: o corpo vital ou etérico (STEINER, 2012, p. 14).

Somos seres pensantes imbricados de memórias, que nos constituem como sujeitos que precisamos nos posicionar no mundo, logo, cada um é capaz de ter percepções diferentes de sua realidade, como indivíduo, não sendo possível uma única forma de ver o mundo, havendo a necessidade plural de enxergar as várias realidades. A Ciência espiritual faz parte de um campo que não exclui outros conhecimentos, mas poucos têm a disposição para compreender o quanto ela pode contribuir para o avanço da humanidade, pois todo o conhecimento, enquanto ciência, segrega a parte espiritual do processo. E, diz Steiner,

nunca se insistirá o bastante sobre essa diferença entre a Ciência Espiritual e a ciência corrente em nossa época. Esta última considera a experiência sensorial como base de todo conhecimento, julgando incognoscível tudo o que não se fundamente em tal base. Ela tira suas conclusões e deduções das impressões sensoriais, declinando tudo o que estas transcendem, sob a alegação de que ultrapassaria os limites do conhecimento humano (STEINER, 2012, p. 15).

Durante muito tempo, o conhecimento científico aceito foi o positivismo, em que o que validava a pesquisa era a completa isenção entre sujeito e objeto, tanto que nas instituições sociais vigora a estrutura de ordem positivista, em que tudo precisa ser provado, testado, metrificado. Mas, nas ciências sociais e humanas, fazer ciência deve levar em consideração quão tênue é a relação entre sujeito e objeto.

Para Steiner, o raciocínio puramente intelectual e materialista se compraz em acreditar que não se pode penetrar no âmago das coisas senão por meio de conceitos abstratos; dificilmente se admitirá que, para esse fim, as outras forças anímicas sejam pelo menos tão necessárias quanto o intelecto. Assim, se apenas a parte cognitiva da humanidade se desenvolver desvinculada de outros impulsos, não será uma evolução completa, pois as transformações humanas precisam ser integralmente desenvolvidas.

As transformações que o homem realiza em seus membros inferiores mais no sentido de toda a espécie humana ou de uma parte da mesma, como um povo, uma tribo ou uma família têm, na Ciência Espiritual, as seguintes designações: o corpo astral transformado pelo eu chama-se *alma da sensação*; o corpo etérico transformado, *alma do intelecto*; e o corpo físico transformado, *alma da consciência* (STEINER, 2012, p. 23).

De acordo com Steiner, somente a partir da puberdade deveríamos dar lugar às influências correspondentes ao corpo astral. Lugares comuns, como o ‘equilíbrio harmônico de todas as forças e disposições’ e similares, não podem ser a base para uma genuína arte da educação: esta só pode ser construída sobre um verdadeiro conhecimento do ser humano, pois,

da mesma forma é preciso, para dominar a arte da educação, que se conheçam a fundo os membros da entidade humana e sua evolução em detalhes... E preciso saber sobre que parte do ser humano é lícito exercer determinada influência em dada época da vida, e como tal influência deve ser exercida de forma adequada (STEINER, 2012, p. 26).

Para as crianças do primeiro setênio duas palavras mágicas caracterizam a maneira com que a criança se relaciona com o mundo: *imitação e exemplo*.

O filósofo grego Aristóteles denominou o homem como o animal mais propenso a imitar; essa verdade vale para a idade infantil, até os sete anos, mais do que para qualquer outra. O que acontece no ambiente físico a criança imita, e essa imitação confere aos órgãos físicos suas formas definitivas. Devemos considerar o ambiente físico em sua acepção mais ampla, incluindo nele não apenas o que se passa materialmente ao redor da criança, mas tudo o que ocorre, o que seus sentidos percebem - o que, a partir do espaço físico, é suscetível de agir sobre as forças espirituais. Isso inclui todas as ações morais e imorais, inteligentes e tolas que a criança possa perceber (STEINER, 2012, p. 27).

Assim, um ambiente propício para essa idade deve ser rico em bons exemplos, e de espaço que permita à criança correr, brincar e viver as suas fantasias. Entre os impulsos que têm efeito plasmador sobre os órgãos físicos encontramos a alegria provocada pelo ambiente e, dentro deste, os rostos alegres dos educadores, com um amor antes de tudo sincero, nunca simulado. Esse amor, permeando calorosamente todo o ambiente, incuba, no verdadeiro sentido da palavra, as formas dos órgãos físicos. “Os meios educativos seriam, por exemplo, canções infantis que possam impressionar os sentidos por seu belo ritmo. O que importa não é tanto o conteúdo, mas a beleza sonora. Quanto mais algo vivifica a visão e o ouvido, tanto melhor”. (STEINER, 2012, p. 32).

O corpo da criança precisa de movimentos, dessa forma a dança, acompanhando o ritmo de uma música, tem um forte efeito plasmador. Então, a época em que se pode exercer sobre ela uma influência pedagógica externa é no segundo setênio, com a segunda dentição o corpo etérico se liberta de seu envoltório etérico, começando a

sua transformação e seu desenvolvimento caminham a par com uma transformação e uma mudança das inclinações, dos hábitos, da consciência, do caráter, da memória e dos temperamentos. O que atua sobre o corpo etérico são imagens, exemplos e uma orientação disciplinada da fantasia. Assim como até os sete anos de idade a criança deve ter exemplos físicos para serem imitados, entre a troca de dentes e a puberdade seu ambiente deve conter tudo o que possa orientá-la por seu valor intrínseco e seu sentido. Isso ocorre com tudo o que atua através de imagem e por analogia. O corpo etérico desenvolve sua força quando uma fantasia bem orientada pode seguir, como modelos e ideais, as imagens e impressões extraídas da vida ou recebidas pelo ensino (STEINER, 2012, p. 33).

Sendo uma boa estratégia pedagógica, as metáforas que possibilitam uma experiência aos sentidos e que atuam harmoniosamente sobre o corpo etérico em desenvolvimento não são conceitos abstratos, mas o elemento plástico - não o sensorial, mas o espiritualmente visível.

A observação espiritual é o meio educativo mais apropriado para esses anos. Daí a importância, para o jovem, de ter à sua volta mestres, personalidades cuja maneira de ver e julgar o mundo possa despertar nele as forças intelectuais e morais desejáveis. Assim como *imitação* e *exemplo* eram as palavras mágicas para a educação dos primeiros anos, para os anos ora focalizados o são a *aspiração a ideais* e a *autoridade*. A autoridade natural, não-imposta, deve constituir a evidência

espiritual imediata para que o jovem forme consciência, hábitos e inclinações e discipline seu temperamento, com cujos olhos observa o mundo. Valem principalmente para essa idade as belas palavras do Poeta: “Cada um deve escolher o herói que deseja imitar na sua ascensão ao Olimpo” (STEINER, 2012, p. 33).

Nesse momento do desenvolvimento, durante o período entre a troca de dentes e a puberdade, as analogias de relações espirituais deveriam ser apresentadas à alma de modo que os grandes princípios da existência fossem, de preferência, adivinhados e sentidos por trás da metáfora, não apenas ensinados puramente por conceitos intelectuais.

Um educador para essa fase da vida tem que acreditar no que deseja passar adiante para os seus alunos, pois se ele não acredita em uma Ciência Espiritual, não conseguirá chegar com verdade nessa criança. Para Steiner, “essa sentença deveria constituir como que um lema para a educação nessa idade.” É de suma importância que os mistérios da vida sejam apresentados ao adolescente sob forma de parábolas antes que ele os enfrente nas leis da natureza. Um bom exemplo para explicar a eternidade seria a metamorfose da borboleta, que passa por um período que para o mundo exterior está sem vida, mas em seu casulo a vida se refaz. A partir de uma bela narrativa, os conceitos de eternidade, morte, reconstrução, transformação, vão sendo elaborados interiormente pelas crianças, com a ajuda do professor. Quanto aos conhecimentos de ordem prática da vida cotidiana da sociedade, não é necessário que todos os conceitos sejam dominados pela criança, de modo que a sua memória seja desenvolvida através de conhecimentos básicos das várias áreas do conhecimento, pois,

aprende-se mais facilmente a conceituar o que, nessa idade, foi assimilado apenas pela memória da mesma forma como se aprende melhor as regras de uma língua que já se sabe falar. A alegação de matéria decorada é incompreendida não passa de preconceito materialista. Basta, por sinal, que o jovem aprenda as leis elementares da multiplicação mediante alguns exemplos em que não é preciso usar máquina calculadora, e sim de preferência os dedos; depois ele deve decorar ordenadamente as tabuadas. Se procedermos assim, estaremos agindo de acordo com a natureza do ser humano em crescimento. Estaremos pecando contra essa natureza se exigirmos demais do intelecto numa época em que o que se deve cultivar é a memória. No terceiro setênio, o intelecto é uma força anímica que nasce apenas com a puberdade, e sobre a qual, por isso, não seria conveniente atuar antes dessa idade. Antes da puberdade, o jovem deveria assimilar pela memória o acervo mental da humanidade; mais tarde ele poderá conceituar o que primeiro gravou na memória. O homem não deve apenas memorizar o que compreendeu, mas compreender o que aprendeu, isto é, o que memorizou, da mesma forma como a criança se apossa da língua. Isto é válido de um modo geral: primeiro vem a memorização de fatos históricos, depois sua compreensão conceitual; primeiro a gravação de fatos geográficos, depois seu inter-relacionamento, etc. Em certos aspectos, a conceituação deveria sempre haurir do que se acha armazenado na memória (STEINER, 2012, p. 41).

Portanto, para que o adolescente chegue de forma plena nessa fase da vida, primeiro deve haver uma preparação que agora tomará corpo através da sua habilidade de abstração, para conceitos como justiça, honra etc.

Quanto mais o adolescente aprende pela memória antes de compreender conceitualmente, tanto melhor. Todavia, é oportuno lembrar expressamente que tudo isso se aplica apenas à idade aqui focalizada, e não às idades mais avançadas. Se mais tarde aprendemos algo por recuperação ou de outro modo, o caminho a seguir pode ser o inverso, embora tudo dependa da configuração intelectual do indivíduo. Contudo, no período que ora descrevemos o espírito não deve ser ressecado por excesso de conceitos puramente intelectuais (STEINER, 2012, p. 41).

Contudo, o ensino não deve ser sobrecarregado de estímulos visuais, pois, assim, o que estaria sendo aguçado seria uma forma materialista de perceber o mundo, dado que toda descoberta tem que trazer algo além do sensório, fazer com que o adolescente desperte o conhecimento da essência da vida de forma espiritualizada. Se apenas os sentidos são colocados para observar determinado fato, seja da natureza ou da vida humana, de alguma forma esse conhecimento estará incompleto.

As bases apresentadas por Steiner constituem um terreno ideal para educar, a partir das suas percepções sobre o desenvolvimento da criança, porém, devido às várias concepções do termo criança e as diversas influências que perpassam a educação, prevalece a valorização dos estímulos precoces, tanto de habilidades motoras quanto cognitivas. Desse modo, temos, cada vez mais, crianças aparentemente saudáveis, apresentando dificuldades de aprendizagem.

### **3.4 O papel do professor e do ambiente na educação infantil**

Na obra intitulada “*Criança Querida o dia-a-dia das creches e jardim-de-infância*” (IGNÁCIO, 1995), a autora fala sobre as idades de um ano e meio, três e cinco anos e seis a sete anos na vida da criança, mostrando com exemplos a forma como cada uma dessas fases são determinantes para a formação do crescimento das crianças, de maneira muito bem detalhada, descrevendo o cotidiano de duas creches nas favelas Monte Azul e Peinha.

A autenticidade do trabalho realizado com as crianças, de modo a proporcionar-lhes uma creche de qualidade, adequada, nesse espaço tão sem apoio financeiro para um público tão carente no sentido estrutural que está um lugar especial na maneira de proporcionar elementos que acolham e fortaleçam as crianças que são atendidas. O principal para que haja

um espaço adequado para as crianças que se encontram no início do primeiro setênio é uma educação que dê suporte para o fortalecimento físico, emocional e espiritual dessas crianças.

Nesse processo, a professora é a pessoa que busca, ao mesmo tempo, a sua própria educação, ou melhor, a autoeducação, cuidando do seu emocional para poder trabalhar com crianças em tenra idade. É fundamental se observar enquanto ser humano essencialmente a ser imitado pela criança, porque não basta ser adulto para trabalhar com crianças, é preciso estar consciente de sua autoeducação. O adulto, conhecendo o desenvolvimento infantil, agirá em prol do desenvolvimento total da criança, buscando o ambiente adequado. Segundo Ignácio (1995), é o modo com que a criança pode ter acolhimento, aconchego, carinho, respeito e segurança de verdade para desenvolver suas habilidades motoras e imaginativas de cada fase.

A criança de zero a um ano encontra-se em um momento em que é necessário colocá-la em lugares atapetados para que ela possa ter o espaço para rolar, engatinhar, sentar-se e andar. Uma criança que tem esses cuidados tem um bom início para o seu desenvolvimento, para despertar para os seus sentidos — tato, visão, motricidade — respeitando o tempo de cada conquista, pois, certos gestos que a criança adquire têm reflexos no seu desenvolvimento, nas fases seguintes da sua vida. Não é necessário que se coloque o bebê sentado para que ele aprenda a sentar-se, nem forçar a criança a andar com aparelhos, nem pelas mãos, se ela ainda não adquiriu a estabilidade ou não tem o tempo necessário para isso. Assim, os cuidados são com a higiene, alimentação e o ambiente, para ela ser a propulsora das suas conquistas, colocando-a em lugares como tapetes, para ter espaço para rolar, engatinhar, sentar-se e andar.

A criança de um ano e meio a três anos de idade já adquiriu algumas habilidades importantes, como andar, falar, mas ainda é uma criança que precisa de cuidados e compreensão, ela prefere brincar sozinha e sempre vai ter dificuldade em dividir brinquedos e interagir com outras crianças. Portanto, o tratamento que tem que receber é um cuidado que não adianta gritar ou forçá-las de outra maneira, o adulto vai conversar com ela, de modo a envolvê-la em outra brincadeira ou chamar a sua atenção para outro objeto. Outra característica muito acentuada é a imitação, ou seja, ela imitará coisas que fazem ao seu redor ou que ela tem acesso, como em televisão, em programas que não são adequados para a sua idade. Essa exposição inadequada pode plasmar em seu corpo astral memórias deturpadas da realidade, trazendo conseqüências variadas, que podem desencadear em fobias ou curiosidades que não são próprias para a sua compreensão.

De acordo com Ignácio (1995), a criança três a cinco anos, é uma criança que gosta de ouvir histórias, atividades com músicas e em movimento, gosta muito de brincar de

casinha de boneca, carrinho e atividades com as mãos. Já a criança de seis ou sete anos gosta de contos de fadas, de imitar personagens, e de brincadeiras com movimentos. Um fato que marca bastante é a troca dos dentes, finalizando o primeiro setênio, também é a fase que a criança está fisicamente preparada para o início da alfabetização.

É necessário que todas as suas fases dentro do primeiro setênio sejam vividas pela criança de modo a fortalecer os seus corpos físico, astral e espiritual para que ela se sinta segura dentro do segundo setênio da sua vida. Se, no primeiro setênio, tudo ocorreu de forma tranquila, respeitando-se o limite físico, deixando as forças anímicas fortalecidas, essa criança tende a ser forte no seu segundo setênio. Um fato bastante relevante para a autora é sobre o brinquedo, afirmando que o brinquedo não pode ser apenas um objeto frio e de plástico, ele tem um papel fundamental na formação da capacidade imaginativa das crianças, pois quando se entrega uma boneca perfeita à criança — com olhos, boca, cabelo, roupas etc. —, esse brinquedo não traz nenhum elemento positivo para a criança, pois tudo está posto para ela, sem que ela exercite sua criatividade para brincar ou imaginar.

O interessante é quando a criança usa elementos que possibilitam criar o seu próprio brinquedo. E esse exercício é nítido quando a criança pega um pedacinho de pau, graveto, e imagina que este é um brinquedo; quando pega um pano e o embala como se fosse uma boneca; uma pedra que se transforma em pão, ou no que a criança desejar. Esse ato imaginativo possibilita que as forças plasmadoras da memória sejam ativadas intimamente nessa criança, pois lhe faz bem imaginar, por exemplo, que folhas são comidinhas. Brincar com argila, areia, água, que são elementos maleáveis, se adequam a possibilidades criativas dela. Já, um brinquedo perfeito não lhe dá essas possibilidades; o plástico é algo que não pode ser moldado pela criança.

Isso não quer dizer que não se deve dar brinquedos para as crianças, o fato é que ao dar um brinquedo deveríamos levar em consideração, o quanto ele vai possibilitar a imaginação criadora da criança.

Ignácio (1995) dá enfoque também ao desenho, pois essa autora tem como pressuposto que o desenho é uma expressão do íntimo da criança, sendo uma demonstração de como ela lida com as emoções em cada fase do desenvolvimento infantil. Ao desenhar, a criança vai demonstrar seu modo de perceber o mundo e a si mesma. Vai mostrar como se encontra o seu desenvolvimento cognitivo, que vai desde rabiscos, garatujas, círculos, até desenhos mais elaborados com pessoas em movimento, transformação em paisagens, pois cada fase tem seu modo peculiar de desenhar. O ritmo também faz parte do agir da criança,

como o ritmo musical de belas canções, cantigas ou até mesmo o ritmo da respiração, do pular, brincar, correr, tudo faz parte do ritmo da primeira infância.

A autora descreve as fases de desenvolvimento da criança e como elas deveriam ser respeitadas, sem omitir o fato de as crianças que eram atendidas nas creches, onde ela trabalhava não tinham esse ritmo respeitado em outros ambientes, nem em suas casas. Mas isso não impossibilitou a sua atuação com os fundamentos da Pedagogia Waldorf.

Para essas crianças, que não tinham seus direitos respeitados, em suas necessidades básicas, procurava-se, nas creches, proporcionar-lhes esse ambiente salutar, com fundamento na Pedagogia Waldorf que Ignácio (1995) acreditava. Esse fato gerou qualidade de educação, no sentido comprometido com a infância das crianças que eram atendidas nas creches, na periferia de São Paulo, especialmente das comunidades Monte Azul e Peinha. Sabemos que a vida nas comunidades não é fácil nem para os adultos, devido ao elevado índice de violência e a falta da infraestrutura que vai desde os alimentos básicos até a saúde, lazer e toda forma de preconceitos direcionados às pessoas que ali vivem. Nesses lugares vivem milhares de crianças, sem o mínimo necessário para se ter uma vida digna, mas isso não precisa, necessariamente, ser o único mundo possível. São essas crianças que estão, em sua maioria, nas creches e escolas públicas, e que serão atendidas, posteriormente, na sala de articulação quando não são respeitadas suas necessidades básicas no primeiro setênio.

### **3.5 O método *Extra Lesson***

O método *Extra Lesson* foi desenvolvido a partir de 1960, por Audrey McAllen, produto de sua experiência como professora Waldorf. Esse período foi marcado pela introdução na sociedade de uma nova relação do ser humano com os meios de transporte rápidos e a comunicação audiovisual, como a televisão. Ou seja, houve uma mudança rápida em um curto espaço de tempo. Enquanto professora de escolas Waldorf, McAllen percebeu o aumento do número de crianças que tinham dificuldade de aprendizagem, então começou a se questionar sobre o que fazer, em sua prática, para ajudar essas crianças a superar suas dificuldades:

Se nós, como educadores, não somos capazes de fazer surgir uma capacidade, então temos de perguntar-nos: “Será que as experiências mediante as quais essas habilidades deveriam ser desenvolvidas não foram suficientemente amplas, ou não foram trazidas à criança na idade certa?” (MCALLEN, 2005, p. 17)

Com esse questionamento, McAllen buscou um método de trabalho pedagógico que ajudasse a criança a ampliar qualquer capacidade possível e apropriada a sua idade, uma

educação fundamentada no trabalho de Rudolf Steiner, cuja premissa básica é a de que o ser humano é mais do que a soma total de desenvolvimento, hereditariedade, psicologia particular. Ele possui, além dessas características físicas, um cerne espiritual de uma biografia. Acontecimentos notáveis da vida humana brotam para além do corpo físico tal como nós o vemos, com toda a sua complicada neurologia, fisiologia, anatomia e, por trás de aspectos imperceptíveis fisicamente, eles constituem o que estamos acostumados a considerar por meio de nossos sentidos, e são o reflexo da manifestação física desses aspectos suprassensíveis.

Percebe-se que mesmo as crianças estando em uma escola Waldorf, nem todas elas eram, por si só, capazes de desenvolver suas capacidades cognitivas, físicas e espirituais. Nesse contexto, nasceu o *Extra Lesson*, buscando restabelecer nas crianças que apresentavam alguma dificuldade de aprendizagem, o equilíbrio.

Na obra de McAllen (2005), método *Extra Lesson*, volume I, aparecem dois movimentos que são primordiais para o desenvolvimento da percepção corporal da criança: os movimentos de “esticar” e “verticalizar”. Segundo essa autora, é a partir desses dois movimentos que a criança adquire a apropriação do seu corpo. E nesses movimentos temos a relação mútua entre os efeitos do mundo sensorial e a capacidade individual volitiva como resposta. Isso quer dizer que esses dois movimentos estão intimamente ligados com o querer, com a vontade individual de cada criança, tendo consequência na questão do tempo de aprendizagem de cada um.

Há crianças que têm esses movimentos mais rápidos, essa percepção, enquanto outras precisam de um tempo mais estendido para isso acontecer, mas o que não se pode é forçar a criança nesse movimento interno. É preciso respeitar o tempo da criança à medida que ela for conseguindo obter conquistas por si mesma, sem uma aceleração cognitiva ou sem ansiedade. Isso vai criar uma imagem interna nessa criança que a ajudará cognitivamente.

É muito interessante o cuidado e o respeito que a autora cita sobre essa individuação da criança. Na individualidade de cada um, percebemos que esses movimentos foram relegados, diante de tantas tecnologias e forma diferentes de estimulação precoce das crianças, mudando alguns hábitos saudáveis do ser humano. No entanto, essa essência continua a mesma, e o que há é uma superestimulação, desde a hora em que a criança nasce, cada vez mais “naturalizada”. Então, o que McAllen propõe é um cuidado maior entre o que é oferecido de estímulos externos e as forças anímicas da criança em desenvolvimento.

McAllen fundamenta o seu estudo na importância do primeiro setênio na vida das crianças, pois é nesse período que ocorrem a orientação espacial, a capacidade de ficar ereto,

mover-se livremente e sentir-se em casa, no sentido de haver uma ligação entre os corpos físico e astral, devendo-se cuidar especialmente no período que se inicia o rastejar, engatinhar e a dominância, que é a preferência por um dos lados do corpo. É a partir daí que

a imagem da forma humana trimembrada é impressa no corpo vital e no corpo físico pela alma-espírito e individualidade em desenvolvimento, atuando dentro da organização corpórea. Este imprimir é a base do desenvolvimento da aptidão. Uma imagem semelhante tem de ser impressa de fora (meio ambiente) para dentro dos corpos físico e vital. Essa imagem complementar ocorre mediante os efeitos do ambiente, tanto moral quanto físico. Essa estruturação/modelagem de fora, recebida através dos sentidos, é a base do desenvolvimento de habilidades. Tanto as impressões de dentro como as de fora são necessárias para que a aprendizagem ocorra de modo natural e sem obstáculos. o movimento é aquilo que insere o físico na atuação do corpo vital, assim como foi descrito por Rudolf Steiner na 2ª palestra em *Deeper insights into Education*. Idealmente a imagem interior e a imagem exterior da forma humana trimembrada devem estar em uníssono, devem se “casar”. É através do movimento e da fala que essa impressão de fora acontece durante os primeiros 7 anos de vida (MCALLEN, 2005, p. 20).

McAllen diz que o movimento insere o físico na atuação do corpo vital, assim, a autora constrói uma série de exercícios que envolvem resgatar os primeiros movimentos da criança, que são rastejar, engatinhar, equilíbrio, andar, ou seja, busca compreendê-la e desenvolvê-la corporalmente, fazendo um resgate de algo que não ocorreu, de maneira natural, no tempo dessa criança, para que a partir daí a criança possa seguir para o início da escolarização sem nenhum entrave, entre seu corpo físico e espiritual. Essa ideia corrobora com Carneiro (2019):

Reconhecido cientificamente e considerado por diferentes linhas pedagógico-terapêuticas o estudo dos reflexos (reflexos primitivos, instintos neonatais) e sua relevância para a área educacional na medida em que a retenção, ou a não integração desses reflexos em tempos distintos, mas definidos, interfere na liberdade dos movimentos necessários para a escrita (CARNEIRO, 2019, p. 90).

O método *Extra Lesson* é indicado para o início da escolarização, como avaliação para a prontidão, ou pode ser realizado como terapêutico em qualquer idade, até mesmo para pessoas idosas que apresentam dificuldades com a memória. Tais indicações – junto ao fato de que é no vazio entre as terminações nervosas (as sinapses) que somos penetrados pelo mundo espiritual – justificam a necessidade dos exercícios de movimento, desenho e pintura que foram elaborados, levando-se em conta esses princípios científicos e espirituais.

É necessária uma relação saudável com a respiração para ser estabelecida uma ligação entre a alma e o espírito da individualidade encarnada e seus corpos físico e vital. Além disso, esse espaço terrestre, no qual estamos, apesar de aparentemente “vazio” para

nossos sentidos durante o dia, é, na realidade, penetrado pelas forças morais que sustentam e alimentam a nossa alma e nosso ser anímico-espiritual. Nós “vivemos” nessas forças morais durante o sono. Os exercícios de movimento arquetípico do Método *Extra Lesson* consideram os movimentos suprassensíveis do planeta Terra e correspondem a eles, levando-nos, assim, a uma relação com as forças morais (MCALLEN, 2005).

Steiner parte do princípio de que todo o planeta Terra, assim como tudo o que nele acontece, interage mutuamente, no sentido de estar ligado, como um organismo vivo. As estações do ano, as superfícies cobertas por oceanos ou desérticas cobertas por areias ou gelo. Desse modo, a terra está sempre em movimento. Assim, o ser humano também se encontra em movimento evolutivo, o que lhe possibilitou a liberdade para agir de forma boa ou não, sendo dele esta escolha. Por isso é necessário a compreensão do desenvolvimento arquetípico do ser humano, como um todo, no tocante a tudo que envolve a aprendizagem como nos elucidada Carneiro (2019):

Cada sutil movimento, por exemplo, dos olhos para captar uma imagem, envolve toda a cabeça, o pescoço e a parte superior do tronco que participam da atividade visual. Para a atividade da escrita, está envolvido quase o corpo todo – desde a cabeça, incluindo obviamente os olhos, os braços e as mãos, mas também o tronco e sua disposição em relação ao restante do corpo e aos objetos que proporcionam registros: mesa, cadeira, papel e lápis, um computador ou celular. Dessa forma, enfatizo aqui a importância do processo de desenvolvimento das capacidades do corpo ao longo da infância, que possibilitarão ou não, percepção de si próprio e do entorno, equilíbrio, harmonia de movimentos que, quando satisfatoriamente adquiridos, transformam-se em capacidade para a aprendizagem, desejo de aprender e desenvolver novas ideias e, por fim, capacidade produtiva. Liberdade em seu mais amplo e humano significado (CARNEIRO, 2019, p. 90).

Para McAllen (2005), o movimento que está presente nessa ligação entre corpo físico e o vital tem o formato de espiral, interagindo dentro e fora do ser humano, dando forma às atividades relacionadas às tarefas manuais, que são tão importantes para o desenvolvimento motor da criança. Partindo desse movimento, a maior parte dos exercícios propostos pela autora, no volume II do método *Extra Lesson*, busca a harmonização do desenvolvimento corpo-espírito. De acordo com as necessidades individuais da criança, elabora-se um programa de atividades composto por exercícios de movimento — fala, desenho de formas e pintura.

### 3.6 *Extra Lesson* volume II

No volume II, do método *Extra Lesson* (2005), escrito por McAllen, constam os exercícios de forma detalhada, e qual a forma correta de ser trabalhada pelo professor com cada faixa etária. São eles: exercícios para o desenvolvimento da geografia corporal; exercícios para o desenvolvimento da orientação espacial; exercícios para promover a melhor integração das respostas motoras reflexas, das barreiras medianas e dos sentidos volitivos; exercícios de apoio ao desenvolvimento do movimento ocular; exercícios para desenvolver o sentido de ritmo com harmonização entre espaço corporal e respiração; exercícios para o estabelecimento da dominância no lado direito ou esquerdo do corpo; exercícios de esticar e verticalizar em relação às três dimensões do espaço; exercícios de desenhos; exercícios de pintura e de fazer pão.

Não temos a intenção de apresentar todos os exercícios propostos pelo método *Extra Lesson*, pois todos eles se encontram na obra de Audrey McAllen, método *Extra Lesson*, volumes I e II. No volume II, constam os exercícios específicos, detalhando a melhor maneira de utilizá-los com as crianças. Mas acreditamos que seja interessante, para a compreensão do método, descrever na íntegra alguns exemplos de exercícios e de como fazê-los na prática.

No volume II do método *Extra Lesson*, McAllen descreve exercícios que podem ser aplicados à criança que apresenta dificuldade de aprendizagem, fazendo detalhamento e dando não apenas um exemplo de exercício, mas várias possibilidades dependendo da necessidade e da dificuldade de cada uma, demonstrando uma ligação coerente entre teoria e prática.

O que alicerça essa proposta pedagógica de intervenção e organização interior e exterior da criança em desenvolvimento, tanto seu desenvolvimento físico quanto o desenvolvimento intelectual, trabalhando a integração entre atividades motoras, físicas, cognitivas e artísticas, é a atuação do professor. Isto porque, para utilizar o método é preciso que o professor esteja totalmente preparado para fazer a avaliação da criança, tenha clareza de como realizar corretamente cada exercício, compreendendo como cada um atuará. Nos quadros a seguir, apresentamos alguns exercícios elaborados por McAllen.

**Quadro 6 – Geografia corporal (para classes da 1ª à 3ª séries) e crianças de 7 a 10 anos**

Exercício	Descrição do Exercício		Autor
<b>Geografia Corporal</b>	O profissional de recursos especiais dá as instruções verbalmente. Ele não faz os movimentos para evitar que as crianças façam o movimento espelhado. Ele poderá usar as seguintes referências:		<b>McAllen, (2005, p. 12-13)</b>
	<b>7 a 8 anos</b>	<p><b>A. Primeira série:</b></p> <p>1. Primeira metade da primeira série: usar só a mão direita para tocar diferentes partes do corpo do lado direito. Exemplo: joelho direito, dedão do pé direito. Ou no meio do corpo. Exemplo: nariz, barriga, testa, sem cruzar para o lado esquerdo;</p> <p>2. Segunda metade da primeira série: usar a mão direita, como antes, e a “outra” ou introduzir o termo esquerda se o profissional considerar oportuno tocar diferentes partes do corpo, sem cruzar a linha mediana.</p>	
	<b>a partir dos 8 anos</b>	<p><b>B. Segunda série:</b></p> <p>Continuar como no final da primeira série (agora usando o termo "mão esquerda"); usar a direita para a maior parte das instruções. Gradativamente, dar as instruções de uma vez, fazendo com que os alunos realizem os movimentos descritos, a um dado sinal. Nomear mais partes do corpo.</p>	
	<b>e seguintes</b>	<p><b>C. Terceira série:</b></p> <p>Usar a mão direita para cruzar e tocar as partes nomeadas do lado esquerdo do corpo; usar a mão esquerda para tocar o lado direito do corpo. Dar sequências de três ou mais instruções de cada vez.</p>	
<p><b>Considerações:</b> Esse cruzamento consciente na terceira série ficou relacionado à mudança de consciência na “mudança dos 9 anos”. Isto não significa que não possamos dar às crianças pequenas atividades em que as mãos cruzem a linha mediana vertical. Ao contrário, jogos de bater palmas e atividades de motricidade fina, nas quais as mãos são usadas sobre a linha mediana e atravessando-a, desempenham um papel importante em sua integração. A diferença com este exercício é que agora tornamos essa criança de 9 anos consciente do cruzamento.</p> <p>Como a dominância deixou de ser desenvolvida naturalmente, por meio das atividades dos jogos infantis tradicionais e da orientação do adulto quanto ao uso do lado direito do corpo em atividades práticas (abrir a porta, colocar primeiro braço direito na manga do casaco, e assim por diante), precisamos ajudar muitas crianças a estabelecer sua dominância. Um número surpreendente de criança não sabe ao certo ao certo qual é a sua mão direita ou esquerda. É melhor, com crianças pequenas, nomear o lado direito do corpo e usar o termo “outra mão” (“outro pé” e assim por diante) para o lado esquerdo. Como variação dos exercícios acima, os alunos (numa classe) podem fechar os olhos enquanto ouvem as instruções (desta forma, seguindo as instruções sem olhar os colegas ou vizinhos.)</p>			

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

Quadro 7 – Exercício do espelhamento (a partir dos 9 anos)

Exercício	Descrição do Exercício	Autor
<b>Exercício de Espelhamento</b>	O professor e a criança ficam em pé frente a frente. O professor enuncia e faz este exercício com a criança, observando se ela obedece ao comando verbal e não à imagem visual.	<b>McAllen, (2005, p. 15-16)</b>
	<p><b>A.</b> Ambos com as mãos fechadas e os braços cruzados na altura do peito; O professor executa e diz o que se segue. O aluno acompanha as instruções do professor:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. “Mão direita” - enquanto ergue a mão direita e o braço para o lado, descerra o punho estica os dedos; retorna à posição original;</li> <li>2. “Mão esquerda” – a mão esquerda faz uns movimentos correspondentes para o lado esquerdo e retorna à posição original;</li> <li>3. “Agora as duas juntas” - na palavra “agora”, braço direito e esquerdo se descruzam e se abrem para os lados, enquanto as mãos se abrem como antes; volte à primeira posição na palavra “duas”. Repita a última sequência de movimentos no “juntas”.</li> </ol> <p>Repetir até que um bom ritmo seja alcançado. Não faça correções durante o exercício.</p>	
	<p><b>B.</b> Agora use os pés. Ambos (professor e aluno) começam com os pés juntos, e o professor executa e diz o que se segue. O aluno segue suas instruções:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. “Pé direito” – o pé direito dá um passo para o lado direito e volta para a posição central;</li> <li>2. “Pé esquerdo” - o pé esquerdo vai para o lado esquerdo e volta para a posição;</li> <li>3. “Abre” - pule afastando os pés;</li> <li>4. “Cruza” - pule cruzando os pés;</li> <li>5. “Abre” - pule afastando os pés</li> <li>6. “Fecha” - pule juntando os pés.</li> </ol> <p>Repetir a sequência até que o ritmo seja alcançado.</p>	
<p><b>C.</b> Se as mãos e os pés do aluno não mais espelharem os movimentos do professor, combine a sequência a com a sequência b, usando a verbalização da primeira sequência. Ocasionalmente, troque os movimentos do braço: para cima, para baixo, depois alternando.</p>		
<p><b>Considerações:</b> embora não seja necessário, o exercício de espelhamento pode ser feito na primeira aula de apoio pedagógico para explorar se está estabelecida a independência entre as atividades auditiva e visual. Deixe a atividade motora penetrar gradualmente a consciência pela repetição do exercício, sem fazer por ações. O aluno ouvirá o comando que indica qual lado deve usar. Quando os movimentos de verticalizar forem liberados do domínio dos movimentos de esticar, as mãos podem estar flácidas, sem consciência em seus movimentos. Em algumas crianças com dificuldades, os braços ficaram retidos junto ao corpo, resultando em cruzar e descruzar mecânicos. Quando usar este exercício como um exercício de apoio pedagógico, exagere seus próprios movimentos de braços até que eles sejam copiados. Se os movimentos das mãos estiverem fracos, aplique o exercício seguinte de contornar e colorir.</p>		

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

**Quadro 8 – Exercício para o desenvolvimento da orientação espacial**

Exercício	Descrição do Exercício		Autor
<p style="text-align: center;"><b>Exercício para o desenvolvimento da orientação espacial</b></p>	Exercício com bola esquerda/direita – malabares		<p><b>McAllen, (2005, p. 25-26)</b></p>
	<p><b>a partir dos 7 anos</b></p>	<p>Material necessário: duas bolas de tricô ou crochê, ou de feltro, ou pompons (feitos da seguinte maneira: enrole um fio de lã bem juntinho em torno de duas “roscas” – discos com furo central – de papelão sobrepostas; depois, corte o fio ao longo da periferia; amarre firmemente o centro, passando um fio entre os discos; retire os discos e afofe a bola), de preferência uma azul-real e uma vermelho-carmim. Saquinhos de feijão podem ser usados inicialmente. O aluno fica com um em cada mão.</p> <p>Explique e mostre-lhe o seguinte:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Jogue para o alto a bola da mão direita.</li> <li>2. Assim que fizer isso, passe a bola da mão esquerda para a direita, cruzando rapidamente a linha mediana vertical com a mão esquerda e virando-a sobre a mão direita;</li> <li>3. Depois, rapidamente apanhe a bola que está caindo na mão esquerda, com a palma para cima;</li> <li>4. Pratique até estabelecer um ritmo;</li> </ol> <p>Agora, inverta a direção, começando com a mão esquerda e arremessando a bola para o alto.</p>	
<p><b>Considerações:</b> Este exercício ajuda a trazer consciência esquerda e direita. Ao arremessar a bola para o alto com a mão esquerda primeiro (algumas vezes, isto acontece com a direita arremessando para cima primeiro), com frequência ambos os braços se movimentarão juntos. Este é um sinal de que a dominância não está completamente estabelecida.</p> <p>É uma boa ideia fazer uma preparação para este exercício, primeiro com apenas um saquinho de feijão ou bola, instruindo o aluno a manter ambas as palmas para cima, com o saquinho de feijão numa delas. Essa mão cruza a linha mediana, virando a mão de palma para baixo, e colocando o saquinho de feijão na palma da outra mão. Essa mão retomará o saquinho de feijão da mesma maneira – cada mão que recebe espera pelo saquinho de feijão, que é colocado pela mão que dá quando ela se vira de palma para baixo. Pode ser empregada a imagem da travessia de uma ponte sobre um rio, ou qualquer outra imagem apropriada. Se o aluno receber a tarefa de contar em voz alta de 2 em 2 ou de 3 em 3, ou qualquer outra fala enquanto leva o saquinho de feijão para um lado e outro, o movimento não será conscientemente controlado e o sistema de <i>verticalizar</i> será mais ativado.</p>			

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

Quadro 9 – Exercício com bastão frente/trás

Exercício	Descrição do Exercício		Autor
Exercício com bastão frente/trás	Material necessário: bastão de cobre de 1/2 polegada com as extremidades bem limadas ou cobertas por ponteira de borracha. Pode-se usar, temporariamente, uma bengala.		McAllen, (2005, p. 28-29)
	a partir dos 7 anos	<p><b>A.</b> O aluno fica de pé com o espaço livre à sua frente. Demonstre e diga-lhe que:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ele segure o bastão verticalmente; a mão direita no alto e a esquerda embaixo, mantendo-o afastado do corpo com os braços esticados. Para deixar o bastão bem vertical, segure-o pela extremidade superior e deixe-o pender primeiro para a “linha de prumo” e então segure as extremidades inferiores;</li> <li>2. Caminhe para frente, contando em voz alta ou falando uma frase escolhida, dando o passo simultaneamente a cada número ou palavra falada – contar por tabuadas de 2 em 2, de 5 em 5 adequadas para a idade e à capacidade da criança;</li> <li>3. Mude a posição do bastão para trás das costas, segurando-o contra a coluna, mão direita no topo do bastão atrás do pescoço, mão esquerda na base do bastão;</li> <li>4. Repita a combinação locomoção-fala, agora contando ou recitando a frase ou números de trás para frente.</li> </ol> <p><b>B.</b> Variação do exercício para casos de postura muito ruim - ombros encurvados, posições desalinhadas ao sentar: Segure o bastão horizontalmente por detrás dos ombros e caminhe para frente e para trás enquanto fala direta e inversamente, como antes.</p>	
<p><b>Considerações:</b> observe qual direção (para frente ou para trás) oferece dificuldades; se o aluno se vira para um lado, ou se é incapaz de manter o bastão na posição vertical. A imagem da “linha de prumo”, tão importante para pedreiros e agrimensores, ajuda a dar à criança a sensação do vertical. Se o aluno desviar muito o bastão da vertical durante o exercício, poderá ser útil pedir-lhe para soltar a base do bastão, segurar a extremidade superior e deixar o bastão prender na “linha de prumo” novamente, antes de segurar a extremidade de baixo. Nesse exercício também se vê como as crianças têm dificuldade para erguer os braços (<i>sistema de verticalizar-se</i>). Elas estão muito atraídas pelos movimentos de <i>esticar-se</i>, da força da gravidade - na consciência diurna de vigília.</p>			

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

**Quadro 10 – Exercício do desenho Hachurado**

Exercício	Descrição do Exercício		Autor
Exercício para o desenvolvimento da orientação espacial	Ensine os alunos a desenhar usando um traço diagonal, da direita superior para a esquerda inferior. Este método de desenhar pode ser introduzido a partir dos 7 anos, inicialmente com exercícios simples com as cores:		McAllen, (2005, p. 80-82)
	a partir dos 7 anos	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Fazer a sequência das cores do arco-íris;</li> <li>2. Sombrear do tom mais claro ao mais escuro de uma mesma cor;</li> <li>3. Sombrear o céu nos desenhos;</li> <li>4. Depois de atingir certa destreza, o aluno poderá experimentar desenhar formas simples (quadrados, círculos e assim por diante);</li> <li>5. Depois, pode usar essa técnica para desenhar animais, paisagens, plantas, entre outros;</li> <li>6. Mais tarde, poderá usar este método para fazer letras, especialmente as maiúsculas na escrita cursiva, ou a primeira letra de cada parágrafo.</li> </ol>	
<p><b>Considerações:</b> O padrão linear da técnica de desenho hachurado na diagonal relaciona o sentido da visão com a capacidade de pensar, necessária ao desenvolvimento da inteligência cotidiana. O desenho de uma paisagem ou um estudo de cor feito pelo uso de traços diagonais da direita superior para a esquerda inferior rompe as percepções sensoriais vinculadas ao pensamento e introduz o elemento imaginativo. (...) A linha diagonal ativa o elemento volitivo que é necessário para mover o foco visual para frente e para trás, pois nós mesmos, com nossos próprios pés temos de mover nossos olhos – mentalmente – para perto e para longe dos objetos que estamos vendo.</p>			

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

Os quadros apresentados nos mostram que a realização do trabalho com as crianças com dificuldade de aprendizagem, a partir dos fundamentos do método *Extra Lesson*, requer a atuação consciente do professor, para que ele aplique o exercício adequado a cada faixa etária, de modo a colaborar com o despertar do estudante. Os materiais utilizados são simples, acessíveis no cotidiano ou podem ser facilmente confeccionados pelo professor.

Para Carneiro (2019), a prática pedagógico terapêutica sugerida pelo Método Extra Lesson, em um primeiro momento, faz-se uma avaliação de uma criança ou jovem, que nos permitem averiguar se pode ter havido algum pulo no trajeto de desenvolvimento dessa criança que dificulta sua relação com a aprendizagem ou com o ambiente (social, familiar ou escolar), e isso se dá a partir de um encontro individual onde são sugeridas atividades específicas, sempre adequadas a faixa etária. Desse modo:

A tarefa do especialista em Extra Lesson reside em observar atentamente as respostas prioritariamente físicas mostradas, que são cuidadosamente analisadas ao oferecer pistas para uma primeira avaliação e sucedidas de um programa de atividades pedagógico-terapêuticas ‘corretivas’, que possibilitarão vivência corporal,

motora e artística. Observa-se também o indivíduo como um todo, a integração de aspectos cognitivos e afetivos. As respostas motoras reflexas são avaliadas, a integração dos sentidos volitivos e a transposição das barreiras neurológicas (vertical, horizontal e sagital) observadas, assim como as habilidades nos movimentos, sua relação com a espacialidade e sua representação no plano bidimensional (“provas” projetivas), a capacidade visual e auditiva, a coordenação motora global e fina e a coordenação viso-manual. (CARNEIRO, 2019, p. 98-99).

Diante das grandes mudanças tecnológicas, familiares e sociais, as atividades diárias da relação do homem com a natureza também tiveram uma significativa transformação. Pois não há mais a necessidade que tinha os homens do sec. XVIII, de plantar, cultivar e viver em um mundo praticamente rural em sua maioria. Nesse contexto há uma ruptura entre o desenvolvimento do ser humano arquetípico e o humano do sec. XXI, surgindo desse modo os grandes desafios para a educação, que precisa ser pensada de integrativa entre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e físico dos estudantes, para possibilitar uma compreensão dos seres humanos com outros seres em harmonia com o planeta.

## **4 POLÍTICAS EDUCACIONAIS, CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Nesta seção, apresentamos a conceituação e as discussões teóricas que são fundamentais para a compreensão do objetivo geral deste estudo. Na subseção 4.1, “Implicações neoliberais na política educacional”, discorreremos sobre algumas situações que perpassam a organização para a educação pública, que tem implicações na atuação dos professores/as da educação básica do estado de Mato Grosso.

Na subseção 4.2 tratamos sobre a escola de “Escola de ciclo de formação humana”, contextualizando como foi o surgimento e a implantação desse modelo de educação no estado de Mato Grosso, quais foram suas principais modificações, como isso ocorreu e como está organizada atualmente essa escola, além de alguns desafios encontrados desde esse período até os dias atuais.

Na subseção 4.3, intitulada “Um olhar sobre as dificuldades de aprendizagem”, citamos as contribuições da autora Dias (1995), sobre a sensibilidade de perceber as dificuldades de aprendizagem a partir do olhar voltado para a Antroposofia e como lidar com essas dificuldades com base em uma visão que vai ao encontro da Antroposofia.

Na subseção 4.4, “A prontidão: pré-requisitos para a aquisição da leitura e da escrita”, apresentamos em linguagem acessível os pré-requisitos para aprendizagem da leitura e da escrita, enfatizando fatores biológicos e cognitivos.

Na subseção 4.5, “Conhecendo a sala de articulação”, buscamos caracterizar o ambiente desta sala, como ela foi implantada, qual era o seu objetivo, as mudanças que vêm ocorrendo, através de autores, documentos e obras que tratam da implantação do Ciclo de Formação Humana.

Na subseção 4.6, sobre a “Formação e autoeducação dos(as) professores(as)”, discutimos a importância do trabalho dos professores na transformação do contexto social e educacional, e como tais concepções têm implicações no desenvolvimento do trabalho pedagógico com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, de modo a evidenciar que a formação do professor não é apenas um processo estático. Não descartamos, nessa discussão, a importância de uma formação inicial, juntamente com uma autoeducação que se volte para o bem coletivo, como capacidade criadora de desenvolver um trabalho que não tenha cunho individualista, mas que tenha a aceitação do coletivo para fortalecer a classe docente enquanto um todo.

#### 4.1 Implicações neoliberais na política educacional

Vivemos em uma sociedade capitalista e democrática, protegida por leis que priorizam a propriedade privada, de modo que os direitos fundamentais são cada vez mais introduzidos nessa lógica capitalista, pois quem tem mais dinheiro pode pagar para ter segurança, saúde e educação. Assim, os direitos inerentes à pessoa humana, para que ela viva com dignidade, tornam-se possíveis mercadorias. Logo, se não temos como pagar, não temos direito a usufruir de segurança, saúde e educação.

É através de uma ação emancipatória que os sujeitos vão exigindo os seus direitos. Para o neoliberalismo, o que importa é o quanto as pessoas produzam, sendo fonte de renda e de consumo ao mesmo tempo.

Suspeitas de que capitalismo e democracia possam não se combinar facilmente estão longe de ser novidade. Já no século XIX e em boa parte do século XX, a burguesia e a direita política manifestavam temores de que a “regra da maioria”, implicando, inevitavelmente, o predomínio dos pobres sobre os ricos, acabaria por extinguir a propriedade privada e os mercados livres (STREECK, 2012, p. 37).

Vivemos, portanto, em uma sociedade gerida por tensões e opressão, e a todo momento aparecem, no cenário político, grupos que representam, não a democracia como ela deve ser, o governo para o povo, mas uma classe politicamente comprometida com a manutenção da elite. Nesses governos, os direitos e conquistas são constantemente ameaçados ou mitigados. Diante da atuação do mercado tudo passa a ser um possível negócio lucrativo e, infelizmente, com a educação pública não é diferente, pois cada vez mais avançam sobre a educação as iniciativas privadas, com o intuito de dirigir as escolas, dividir as atividades pedagógicas e assim enfraquecer a classe dos educadores em toda a extensão do espaço escolar.

Um movimento em prol do desmonte da educação são as denominadas Parcerias Público-Privadas, as quais trazem como discurso o bom funcionamento e a qualidade da educação, mas não passam de uma forma de usurpar os fundos públicos da educação, acompanhadas do sucateamento das unidades escolares e da precarização do trabalho dos professores, técnicos, merendeiras, guardas. Assim, a educação se torna sem qualidade para a classe trabalhadora.

A mídia não traz essa discussão para os seus telespectadores, não busca elucidar as reais dimensões que se escondem nas Parcerias Público-Privadas, pelo contrário, sempre procura mostrar a necessidade de mudança, de como a iniciativa privada avança e se

moderniza. Isso, cada vez mais, vai transformando o papel do Estado para o bem-estar social, semelhante ao proposto “nos anos pós-Segunda Guerra”, quando “havia um pressuposto amplamente compartilhado de que, para que fosse compatível com a democracia, o capitalismo teria de ser submetido a um controle político amplo [...] a fim de que a própria democracia fosse protegida de restrições impostas pelo livre mercado” (STREECK, 2012, p. 37). De acordo com Peroni,

As redefinições no papel do Estado implicam o processo de democratização e a minimização de direitos universais e de qualidade para todos, o que traz consequências para as populações de todo o mundo; no entanto, em países que viveram ditaduras e um processo recente de luta por direitos materializados em políticas, o processo de privatização é ainda mais danoso. No Brasil, o Estado foi, historicamente, vinculado aos interesses privados (FERNANDES, 1987; VIEIRA, 1998; PIRES, 2015 e CURY, 2003). (PERONI, 2016, p. 11).

Também podemos observar que existem múltiplas formas de materialização do privado na educação básica pública no Brasil. Ball e Olmedo (2013) demonstram, em suas pesquisas, as filantropias rentáveis, que são empresas que se beneficiam de fundos públicos para executar projetos em prol da educação em rede.

Desde 2006 temos, no Brasil, “o protagonismo do Movimento Todos pela Educação; é um movimento financiado exclusivamente pela iniciativa privada, que congrega sociedade civil organizada, educadores e gestores públicos que têm como objetivo contribuir para que o Brasil garanta a todas as crianças e jovens o direito à Educação Básica de qualidade” (PERONI, 2016, p. 10). A autora chama a atenção sobre a estratégia do Movimento:

É interessante observar que a estratégia de atuação engloba o monitoramento e análise dos indicadores educacionais oficiais, não apenas definindo a pauta, mas monitorando e avaliando resultados da agenda da política educacional no país. A estrutura organizacional do Movimento Todos pela Educação é composta por um Conselho de governança, cujo presidente é Jorge Gerdau Johannpeter, conhecido empresário brasileiro, um conselho fiscal e uma equipe executiva (PERONI, 2016, p. 10).

É, no mínimo, curioso o interesse de grandes empresários que, a princípio, não são da área da educação, mas da indústria, comércio e emissoras de televisão, entre outros, de compor uma rede de monitoramento e dirimindo os caminhos da educação pública brasileira. Isso nos faz indagar qual é o real interesse desses empresários com a qualidade da educação? Podemos crer que seja uma educação voltada para a emancipação e a formação de princípios éticos, mas que, de alguma forma, quer ter o controle do que a classe trabalhadora pode ou não ter acesso.

Para a preocupação dos estudiosos da Educação tal “movimento tem um protagonismo cada vez maior, não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina. Em setembro de 2011, o Todos pela Educação organizou um seminário em conjunto com o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) para a criação da rede latino-americana de organizações da sociedade civil pela educação”.

O estado de Mato Grosso não está fora dessa lógica neoliberal. Insere, na educação, reflexos das concepções de controle, burocratização e desgastes dos profissionais que atuam na área, exigindo das professoras e professores da rede pública que atuem em situação precária, fazendo adaptações de espaços e recursos pedagógicos, como demonstraremos na sexta seção, a partir das observações realizadas nas salas de Articulação.

#### **4.2 Escola de Ciclos de Formação Humana**

Contextualizando a escola de Ciclos de Formação Humana em Mato Grosso, percebemos, inicialmente, que a proposta visava uma grande mudança estrutural, uma nova concepção de educar. Buscava-se uma educação que fosse mais alinhada e que atendesse, de fato, a LDB 9.394/96, que estivesse de acordo com as novas diretrizes da educação. Mas a escola Ciclada, como foi denominada inicialmente, levou certo tempo para ter sua proposta compreendida tanto pelos professores quanto pelos gestores. A forma como ela foi implantada no Mato Grosso surgiu como uma proposta alternativa, como mostra a citação a seguir.

A Secretaria do Estado de Educação de Mato Grosso - Seduc, vem desde o ano de 1996 inovando em termos de propostas alternativas implantando se em nível experimental o projeto Terra no qual o ensino fundamental é estruturado em ciclos de formação, esse projeto abrangia 22 escolas públicas urbanas e rurais, os resultados tinham sido promissores evidenciando a diminuição da retenção e da evasão escolar nas regiões onde foi implantado (WEIMER et al, 2000, p. 16).

Desde essa experiência iniciada pela Seduc em 1998, houve uma reestruturação do Ensino Fundamental, com a proposta de implantação do ciclo básico de aprendizagem Ciclo Básico de Alfabetização – CBA, implantado na rede estadual de ensino.

Farias (2012) considera o CBA excelente iniciativa, inaugurando uma estratégia pedagógica democrática que foi implementada no final da década de 1990. A Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso elaborou uma proposta, implantando o Ciclo de Formação Humana em todo o Ensino Fundamental, permitindo que os alunos que haviam

concluído o CBA continuassem a estudar no mesmo ritmo do que se propunha o Ciclo Básico de Aprendizagem.

Durante muitos anos, a escola manteve-se em um sistema tradicional seriado, priorizando uma aprendizagem voltada para a classificação por notas, que variavam de 0 a 10, na busca de uma avaliação da aprendizagem dos seus alunos. Partindo dessa classificação, quem obtivesse 0 em uma avaliação não sabia nada sobre o conteúdo ministrado por seus professores. Por outro lado, quem conseguisse 10 seria um excelente aprendiz. Isso ocorre porque em uma escola que adota a concepção seriada, o fracasso escolar recai sobre os estudantes, sem ser observado o vasto contexto social em que estão inseridos.

No modelo seriado, portanto, evasão e reprovação não eram algo inesperado, fazendo do Brasil um país que não conseguia manter as crianças, jovens e adultos na escola. Foi nessa realidade que a escola fundamentada em ciclos de formação foi proposta em um primeiro momento em São Paulo e no Rio Grande do sul, onde foi implantada em 1996, porém como era de se imaginar, não obteve êxito. Em 1998, ela começou a surgir no Mato Grosso, no CBA, proposta pela Seduc, mas somente foi implantada em 2000, com a nomenclatura de escola de Ciclos de Formação Humana.

Assim, atualmente, a distribuição dos ciclos foi feita de acordo com três faixas etárias, que compreendem: 1º ciclo, crianças de seis a nove anos de idade; 2º ciclo, crianças de nove a 12 anos de idade; e 3º ciclo, crianças de 12 a 15 anos, sendo que o Ensino Fundamental passou de oito para nove anos, de modo que para cada faixa etária são desenvolvidas habilidades cognitivas próprias para cada uma delas. E o que determina se a criança iniciará com seis ou sete anos é o seu mês de nascimento, pois se ela fizer seis anos até 30 de março, iniciará no 1º ano; se fizer aniversário nos outros meses, ela ingressará com sete anos completos.

**Quadro 11 – Organização da escola em Ciclos de Formação Humana**

<b>Ciclos</b>	<b>Anos</b>	<b>Agrupamentos</b>	<b>Fase de Desenvolvimento</b>
I	1º	6 a 7 anos	Infância
	2º	7 a 8 anos	
	3º	8 a 9 anos	
II	4º	9 a 10 anos	Pré-adolescência
	5º	10 a 11 anos	
	6º	11 a 12 anos	
III	7º	12 a 13 anos	Adolescência
	8º	13 a 14 anos	
	9º	14 a 15 anos	

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A mudança de escola seriada para escola de Ciclos de Formação Humana não aconteceu de forma bem organizada no Mato Grosso, ou seja, o seu primeiro impacto teve grande rejeição por parte do corpo docente e dos pais, pelo fato de haver mudanças que não foram construídas coletivamente, mas que foram impostas para serem cumpridas.

Com o passar dos anos, as dificuldades foram crescentes na comunidade escolar que teve que trabalhar com uma nova política educacional, a qual exigia uma série de atitudes dos profissionais da educação, tanto básica quanto da educação superior, que não trabalhavam de acordo com a escola de Ciclos de Formação Humana. Houve um clima de desconforto e estranheza, fato este que fazia a escola de Ciclos de Formação Humana ser considerada apenas mais uma política que iria passar, semelhante a tantas outras.

De modo bastante controverso, o ciclo foi implantado nas escolas. Hoje, os desafios continuam a existir, porém, os professores e os pais começaram a compreender a proposta de uma educação que busca uma relação com o desenvolvimento da criança e do adolescente, respeitando os ritmos de aprendizagem.

Um fato documentado que confirma essa percepção foi uma consulta pública realizada no ano de 2015, feita pelo então deputado Wilson Santos, mediante a Assembleia Legislativa de MT, que era avaliar o desejo da população mato-grossense de acabar ou não com a escola de Ciclos de Formação Humana, ou que a escola seriada voltasse a vigorar.

Na ocasião, foram realizadas as audiências públicas em algumas cidades consideradas polos regionais. Através dessa iniciativa, o deputado teve como resultado a negativa da população, que preferiu continuar com a escola de Ciclos de Formação Humana, exigindo, porém, que o poder público cumprisse com sua parte para gerar a eficácia de um projeto emancipador voltado a uma educação de qualidade. Realmente, de acordo com o Ciclo de Formação Humana, ao final, o deputado, juntamente com AL/MT, firmou um

compromisso com a sociedade mato-grossense de dar continuidade aos investimentos necessários. Isto porque, segundo eles, o que descaracterizava e prejudicava a escola de Ciclos de Formação Humana era (e é) a falta de investimento para a real implantação desse modelo de educação, pois ele havia encontrado professores qualificados em todos os lugares pelos quais havia passado.

### 4.3 Um olhar sobre as dificuldades de aprendizagem

Entrei em muitas classes em que existiam as *fileiras dos fracos*, onde eles permaneciam rotulados como *lerdos*, *rebeldes* e até *burros*. Desta forma, o professor levava para dentro de sua classe, para a prática, a ideia da seleção. E assim a criança carrega a culpa por ter problemas, é tratada como culpada pela incapacidade de aprender e permanece atônita, desprotegida, incompreendida, infeliz (DIAS, 1995, p. 21).

O que a autora diz nessa citação infelizmente não é um fato superado nas escolas, pois trabalhar com crianças de todos os contextos sociais requer do educador uma postura ética e humana de se colocar no lugar do educando, percebendo como cada um é, respeitando as experiências vivenciadas por ele, de modo que seja parte fundamental no processo de aprendizagem.

Enquanto o educador não for capaz de olhar para si, ele também não conseguirá olhar para seus educandos como seres especiais e seres capazes, tanto quanto qualquer outro. E não é fazendo da sala de aula um espaço de reprodução de injustiça que conseguirá colaborar com o desenvolvimento de seus educandos. Pelo contrário, é na escola que, de alguma forma, poderá acolher, buscando compreender, por que tal criança apresenta essas dificuldades.

Uma criança ou adolescente que apresenta dificuldade de aprendizagem precisa de ajuda, pois, a partir do momento que o professor faz as “divisões” nas fileiras dos “burros” ou “lentos”, esse estudante não se abrirá melhor para aprendizagem, ou seja, ele precisa saber que o seu professor ou professora o conhece e acredita que ele poderá superar suas dificuldades sem precisar de um rótulo. “Por isso, diante de crianças com problemas deve-se vê-las como nossas mestras, pois é exatamente aquilo que lhes falta que também falta em nós! Em outras palavras, é por causa das deficiências delas que podemos ver as nossas” (DIAS, 1995, p. 36).

No processo das dificuldades de aprendizagem, o que sempre é apontado é o que a criança não consegue. E se os questionamentos fossem outros: como e por que ele não consegue? Ou, o que ele consegue? As respostas poderiam ser surpreendentes.

É relevante compreender que a leitura e a escrita não são habilidades com as quais a criança nasce. Leitura e escrita são convenções estabelecidas pelos seres humanos. Basta observarmos que não existe uma única maneira de escrita, como exemplo temos o *Mandarin*, que é uma forma completamente diferente de escrita. A leitura, por sua vez, constitui outro movimento interno, que não está somente ligado ao ato de escrever, pois existem muitas possibilidades de leitura. A criança é capaz de ler os gestos, os olhares, o clima. Tudo ou quase tudo que está à sua volta é lido pela criança o tempo todo. Nesse sentido, Dias (1995) questiona: de onde veio essa necessidade do ser humano de ler e escrever? O que isso pode representar para a vida das pessoas? Os impulsos para o aprendizado de leitura e escrita de onde provêm?

Na concepção de Dias (1995, p. 25), “escrever é, então, criar formas pelo movimento, fixando-as e encarcerando o movimento no símbolo gráfico”. Em sua obra, intitulada *“Problemas de aprendizagem, procedimentos pedagógico-terapêuticos nas dificuldades de encarnação”*, Lucinda Dias (1995) faz uma abordagem com fundamentos antroposóficos para as dificuldades de aprendizagem, demonstrando as várias relações existentes entre corpo e alma, que podem ser trabalhadas através de exercícios terapêuticos com essas crianças.

Para a autora,

o ser humano está constituído de: corpo físico, corpo etérico, corpo astral e Eu. O corpo físico é o único que pode ser visto, pesado, medido; mas os outros elementos, embora não possam ser visíveis para os sentidos comuns, podem ser perfeitamente conhecidos por seus efeitos, assim como o ar não é visto, mas percebido pelo efeito que tem. Isso pode ser aplicado em vários outros exemplos. As forças não são visíveis, mas se mostram nos seus efeitos. Assim, as forças etéricas e as forças astrais, manifestam-se de maneiras bem distintas e necessitam de suportes materiais bem-definidos. Para tornarem-se manifestas as forças etéricas precisam do elemento material ao qual dá-se o nome de água.

A concepção de criança para a Pedagogia Waldorf é fruto dos conhecimentos da antroposofia, que vai além do nosso olhar, e essa visão atinge o conhecimento espiritual, em uma compreensão do que compõe o corpo terrestre e o corpo espiritual, de modo que nos traz outras possibilidades de compreensão do processo de aquisição da leitura e da escrita, por que o método que concebe a criança como um ser puramente físico e biológico, adotado

atualmente nas escolas, não consegue responder a questões específicas que muitas vezes precisariam de conhecimentos mais completos

Desse modo, percebemos que a visão de Dias é permeada por conhecimentos que transcendem a visão tradicional de criança. A autora insere outros elementos para a compreensão do processo de leitura e escrita, os quais fazem parte da psicologia da educação, porém, sem serem restritos à psicologia da educação, levando-nos a um entendimento de uma criança que faz parte de dois mundos ao mesmo tempo: um material e outro espiritual. Nesse sentido, a autora fala sobre a respiração, como uma troca entre o que se encontra dentro e fora do homem.

A respiração é um verdadeiro meio de o Homem receber o que vem do mundo e de dar ao mundo o que vem do seu interior. O ar que o Homem inspira não é o mesmo que ele expira, porque dentro dele esse ar sofre toda uma transformação. Nela percebe-se como começa todo o intercâmbio entre o líquido e o elemento aéreo, pois a respiração como um todo tem uma parte aérea, que ocorre ao nível dos alvéolos pulmonares, e uma parte interna, que é realizada pela circulação sanguínea, levando o oxigênio para o interior das células (DIAS, 1995, p. 27).

Nesse movimento de inspirar e expirar o ar acontece a ligação entre os corpos — o material e o espiritual —, pois, se não houvesse a ação sincronizada da atuação da força vital, o corpo humano poderia formar, em seu interior, uma atmosfera propícia para a proliferação de vida vegetal. Essa visão da autora revela uma verdade fascinante, e nos chama a atenção para a forma como cada criança tem de respirar, pois uma criança que, por algum motivo, tem seu processo de respiração prejudicado, também pode ter sua aprendizagem prejudicada.

As crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, segundo a visão antroposófica, podem ter algum desequilíbrio no sistema neurossensorial, que é responsável pelos sentidos vitais do pensar, sentir e querer.

Esses três sistemas orgânicos dão ao homem a possibilidade de estruturar-se anímicamente, também de forma tríplice. Assim, o sistema neurossensorial é a base orgânica para a vida do *pensar*; o sistema rítmico para atividade anímica do *sentir*; e o sistema metabólico e dos membros para a vida *volitiva*. Isto equivale a dizer que alterações nesses sistemas provocam alterações da vida anímica (DIAS, 1995, p. 30).

Assim, podemos compreender que a alteração na vida anímica estaria relacionada às energias que o ser humano possui. Mas o professor só será capaz de perceber essas alterações se souber delas, pois não tendo tais conhecimentos, sua avaliação será apenas no nível cognitivo, ou seja, ele trabalhará com teorias que compreendam a dificuldade de aprendizagem de forma materialista.

#### **4.4 A prontidão: pré-requisitos para a aquisição da leitura e da escrita**

José e Coelho (2006) nos apresentam, em linguagem acessível, os pré-requisitos para a aquisição da leitura e da escrita, enfatizando que quando se fala em dificuldades de aprendizagem é necessário questionar as condições das crianças ao iniciar o processo de alfabetização, observando se essa criança já adquiriu suficiente desenvolvimento físico, intelectual, e todas as habilidades e funções necessárias para a aprendizagem. E cabe ao professor a responsabilidade de preparar a criança antes de iniciar as atividades gráficas.

Quando a criança vai ingressar nas atividades escolares ela precisa estar pronta, ou seja, apta para desenvolver o que é esperado para a sua idade. Daí surge o termo descrito como prontidão, que, por sua vez, depende de uma complexa integração dos processos neurológicos e de uma harmoniosa evolução de habilidades básicas — percepção, esquema corporal, lateralidade entre outras.

A partir da percepção que a criança tem do mundo, desde o momento que nasce, toda a relação que estabelece de aprendizagem, em seu desenvolvimento, é através dos seus sentidos — ouvir, observar, experimentando o tato e o paladar. É necessário, portanto, que se verifique se essa percepção está bem desenvolvida, a fim de possibilitar-lhe a aprendizagem da leitura e da escrita. O mundo está muito ligado ao que a criança percebe, e aí, por volta dos nove, 10 anos ela conseguirá trabalhar formas abstratas de pensamento. Na pré-escola esses aspectos da percepção devem ser trabalhados — tato, olfato, paladar, audição, visão.

Outro fator importante abordado pelas autoras é o esquema corporal, que é o conhecimento do próprio corpo pela criança, dos movimentos de cima para baixo, para frente e para trás, de modo que se ela não conseguir desenvolver bem o seu esquema corporal poderá ter sérios problemas de orientação espacial e temporal, de equilíbrio, postura, dificuldades de locomover-se no espaço, obedecer aos limites de uma linha em uma folha.

A lateralidade deve ser observada, pois é definida a partir da preferência neurológica que se tem por um lado do corpo, no que diz respeito à mão, ao pé, olho e ouvido. Algumas dificuldades ocasionadas quando a lateralidade é cruzada, ou seja, a criança tem preferência pela mão de um lado do corpo e pelo olho, ou o pé do lado oposto. A lateralidade indefinida é quando as crianças ainda não estabeleceram suas preferências por um dos lados do corpo.

A lateralidade precisa ser trabalhada antes do processo de leitura e de escrita. Porque a criança precisa saber como utilizar esse espaço na sala de aula, como manusear o seu

caderno. Todo esse cuidado com a lateralidade faz parte de uma preocupação com a preparação para o bom desenvolvimento da aprendizagem.

A orientação espacial e temporal é a capacidade de o sujeito se situar, de orientar-se no espaço em relação a si e ao mundo em que vive. É muito importante esse desenvolvimento, porque uma criança que não tem noção da orientação espacial e temporal ainda se encontra sem uma referência dela própria, e isso também influenciaria na hora da escrita e da leitura. Isso porque essa criança não vai respeitar, por exemplo, os traçados ou não vai compreender por que ela tem que utilizar determinado espaço na hora de ler e escrever, pois terá que respeitar um espaço que ela própria não tem estabelecido — a orientação espacial e temporal.

Também temos a questão da coordenação visomotora, que é a integração dos movimentos oculares com os movimentos das mãos, ou seja, uma criança que não tem uma coordenação visomotora não consegue acompanhar o movimento da mão com os olhos, assim, ela terá dificuldade para escrever.

A criança precisa compreender o ritmo do som, pois a falta dele vai fazer com que, na hora da leitura, ela faça uma leitura silabada, em que ela não percebe o som da própria voz. Essa habilidade não desenvolvida vai prejudicar a leitura e a sua compreensão.

A análise e a síntese visual e auditiva referem-se à habilidade que a criança precisa ter para visualizar e ouvir o todo, seja de uma imagem ou palavra, e a compreensão de que o todo é constituído por partes lhe dará a capacidade de compreensão do processo de leitura e escrita. É sabido que uma visão imperfeita torna o desenvolvimento inadequado da habilidade visual, podendo provocar leitura silabada, lenta, com inversão de palavras e sílabas.

A memória cinestésica é a capacidade de reter os movimentos motores necessários à realização gráfica. Inicialmente, a criança não tem domínio dos movimentos da escrita, necessitando da constante ajuda do professor para escrever, mas, aos poucos, esse movimento vai sendo internalizado. No entanto, se a criança apresenta dificuldade na memória cinestésica, não conseguirá autonomia na escrita.

Há outro aspecto que precisamos considerar: como está o desenvolvimento da linguagem oral dessa criança — se o vocabulário dela é denso ou contém poucas palavras e que tipo de palavras ela utiliza — para que, aos poucos, ela vá desenvolvendo ou aprendendo a linguagem utilizada no ambiente escolar.

Todas essas habilidades fazem parte, diretamente, da prontidão da criança que se encontra nesse processo inicial escolar. É necessário nos perguntarmos: essas habilidades foram desenvolvidas ou bem estimuladas? Foram trabalhadas ou relegadas a qualquer tempo e de qualquer maneira? Quando focamos a aprendizagem, principalmente a dificuldade da

criança nesse âmbito, é preciso que essas habilidades tenham sido bem trabalhadas e desenvolvidas, pois, segundo José e Coelho (2006),

é comum as pessoas restringirem o conceito de aprendizagem somente aos fenômenos que ocorrem na escola, como resultado do ensino. Entretanto, o termo tem um sentido muito mais amplo: abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida afetiva e assimilação de valores culturais. Enfim, a aprendizagem se refere a aspectos funcionais e resulta de toda a estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida (JOSÉ e COELHO, 2006, p. 11).

De fato, esse conceito de aprendizagem é bem amplo, mas define a estimulação ambiental como sendo o caminho para atingi-la, não fazendo alusões a aspectos espirituais, como nos apresenta Dias. Essa concepção de aprendizagem da criança é a mais difundida e aceita no âmbito acadêmico.

Na concepção de José e Coelho percebemos que a criança é um corpo em desenvolvimento em um plano genuinamente biológico e social, semelhante ao que é concebido, em sua larga maioria, pelas teorias de aprendizagem. Desse modo, o processo de aprendizagem, ou a dificuldade de aprender, também se encerra por aí. Visão esta que é ultrapassada pela Pedagogia Waldorf (PW) e sua forma de atuar no processo de aprendizado da criança.

#### **4.5 Conhecendo a sala de articulação**

A sala de articulação surgiu como uma necessidade, quando houve a mudança do sistema educacional seriado para o de ciclo, com um processo denominado “aceleração” ou “enturmação”, que era a equiparação entre a idade/série, pois havia crianças que tinham, por exemplo, 12 anos de idade e estavam lá na 1ª ou 2ª série, quando deveriam estar no final do 2º ciclo.

As crianças que estavam com idade/série incompatíveis, em um primeiro momento, e foram enturmadas, ainda não estavam alfabetizadas. Por esse motivo, a sala de articulação servia para dar suporte a essas crianças que tinham passado pelo processo de aceleração — correção idade/série.

### Quadro 12 – Enturmação

Ciclos	Anos	Agrupamentos	Fase de Desenvolvimento	Turmas de Superação
I	1ª Fase	6 a 7 anos	Infância	Maiores de 9 anos
	2ª Fase	7 a 8 anos		
	3ª Fase	8 a 9 anos		
II	1ª Fase	9 a 10 anos	Pré-adolescência	Maiores de 12 anos
	2ª Fase	10 a 11 anos		
	3ª Fase	11 a 12 anos		
III	1ª Fase	12 a 13 anos	Adolescência	Maiores de 15 anos
	2ª Fase	13 a 14 anos		
	3ª Fase	14 a 15 anos		

Fonte: Secretaria Estadual de Educação, 2000.

Como a proposta do ciclo envolvia a questão da não repetência, passar de um sistema educacional voltado para as séries e iniciar a implantação por ciclos contou com os fatores de correção e adaptação na transição para o novo sistema. Então, a sala de Articulação tinha um professor para cada ciclo, dependendo da necessidade de cada escola. Se uma escola tinha muitas crianças com idade/série incompatível, tinha a possibilidade de dispor de um professor para cada ciclo, mas se não tivesse muitas crianças, poderia ter um ou dois professores na articulação, os quais trabalhariam com todos os ciclos.

Com o passar dos anos, houve a regularização da idade/série das crianças nas escolas, portanto, a sala de articulação foi sofrendo alterações. Durante todo esse tempo, a cada ano uma nova portaria regulamentava a sala de articulação, sendo interessante olhar para esse espaço não apenas como um meio que foi útil em determinado momento, no período de transição do sistema seriado para o sistema dos ciclos, mas como uma forma de apoio ao desenvolvimento da criança que apresenta dificuldade de aprendizagem.

Atualmente, a proposta do estado de Mato Grosso é a escola de Ciclos de Formação Humana que visa um espaço de inserção para todas as crianças. O fato de não termos, nesse sistema, reprovações contínuas, não faz com que todas as crianças desenvolvam o processo de leitura e escrita de forma igual. Há sempre particularidades, ou seja, por vários motivos a sala de Articulação continua sendo muito necessária no espaço escolar. Por ela ser, ou deveria ser, um espaço diferente dentro da escola.

A criança que é encaminhada para a sala de Articulação precisa ter um diagnóstico realizado pelo professor regente, que pode ser pedagogo, ou por um professor da área, no caso do 6º ano, verificado pelo professor articulador de modo coerente. Os alunos serão encaminhados ao apoio pedagógico após serem esgotadas todas as possibilidades de resolver as dificuldades pelo professor regente. Não é toda criança que vai ser aluna da sala de

Articulação, essa criança precisa ter alguma dificuldade real de aprendizagem, como não ler e escrever.

Campos (2017), em seu estudo intitulado *Laboratório de Aprendizagem: perfil dos alunos encaminhados do 4º e 5º anos*, faz uma retrospectiva, a partir de todos os orientativos que regularam o Laboratório de Aprendizagem, denominando-o novamente de Sala de Articulação.

Os orientativos da Seduc de Mato Grosso denominam esse espaço, em alguns períodos, de Laboratório de Aprendizagem; em outros, de Sala de Articulação. Na nossa concepção, acreditamos que a expressão Sala de Articulação seria a mais adequada, por que ela revela, claramente, qual é o perfil do professor que atua nesse espaço: ele tem que estar articulado, ou seja, tem que trabalhar de forma coordenada com o professor regente das turmas, de onde vêm os estudantes; com os pais dessas crianças; e com a coordenação escolar. Isto porque ele é o profissional que vai atuar nesses vários segmentos da escola. A citação a seguir reforça as atribuições do professor articulador:

O professor articulador tem como função: investigar o processo de construção de conhecimento e desenvolvimento do educando e atuar a partir dos dados e aspectos encontrados nessas investigações; criar estratégias de atendimento educacional complementar integradas as atividades desenvolvidas pelo Regente; proporcionar diferentes vivências educativas frisando o resgate da autoestima, a identidade cultural, a integração no ambiente escolar e a construção dos conhecimentos; utilizar os mais diferenciados multimeios na sala de aula e em outros espaços; participar das reuniões pedagógicas, planejando com os demais professores as intervenções necessárias para cada grupo de alunos, bem como participar das reuniões com pais e conselho de classe; registrar as atividades desenvolvidas, a frequência dos diferentes grupos e os avanços na ficha de desenvolvimento do educando (WEIMER et al, 2000, p. 62).

O profissional que atua na Articulação tem que ser dinâmico e estar envolvido com todos os segmentos da escola. No entanto, não quer dizer que toda criança tenha que passar pela sala de articulação; não é isso, mas é algo que continua sendo necessário porque algumas crianças não conseguem se alfabetizar na idade certa.

Retomando o estudo de Campos (2017), essa autora faz uma análise histórica da sala de articulação no estado de Mato Grosso e de todas as portarias de 2010 até 2016. Nesse estudo, a autora mostra os desafios que a sala de articulação enfrenta, tanto de compreensão desse espaço pelos gestores, de que a sala de articulação faz parte de uma proposta de escola de ciclo de formação humana, quanto ela é de fundamental importância no caso do estado de Mato Grosso.

A sala de articulação destinava-se a atender, inicialmente, os três ciclos de formação (1º, 2º e 3º ciclos), depois passou a atender os alunos do 2º e 3º ciclo. Em outro momento, atendia o 1º e o 2º ciclo, e, muitas vezes, não tinha tanta importância a quem, de fato, seria destinada, em uma proposta de educação de Ciclo de Formação Humana.

O Laboratório de Aprendizagem possui objetivo principal integrar o aluno novamente no ambiente escolar, resgatar a autoestima, mostrar que são capazes de produzir aprendizagem significativa e construir sua própria história de conhecimento. Para isso, busca identificar os fenômenos que impedem o avanço do aluno no processo de aprendizagem, traçar novos caminhos para que o estudante se aproprie do conhecimento e fazendo uso desse conhecimento no espaço social (CAMPOS, 2017, p. 5).

Os alunos que são encaminhados para a sala de articulação são atendidos em sua dificuldade específica, para não mais precisar desse apoio pedagógico. Então a sala de articulação torna-se fundamental para a efetivação da proposta de educação por ciclos. A partir do ano de 2016, segundo Campos (2017), cada unidade escolar passou a ter direito a apenas um professor articulador atuando com foco na alfabetização, com atendimento aos alunos a partir do 4º ano ou, em casos excepcionais, focado nas áreas de linguagens e matemática para atender alunos do 6º ano.

Uma característica da sala de articulação são as possibilidades que o professor articulador tem de trabalhar com materiais didáticos diferenciados da sala regular, com horários pré-agendados para as crianças que lhe são encaminhadas. Dentre esses materiais podem ser incluídas brincadeiras, jogos, atividades dinâmicas e lúdicas para que possa ser despertada na criança a possibilidade de leitura e escrita. A sala de articulação pode se constituir em “outro” espaço que seja atraente para a criança, cheio de cores e alegria. É uma possibilidade de haver outras práticas pedagógicas, buscando desenvolver o cognitivo, afetivo, corporal, motor e os sentidos da criança.

O espaço físico da sala de articulação é constituído por uma sala destinada ao professor articulador, para que ele transforme esse espaço de acordo com as necessidades dos estudantes que são atendidos. Os materiais pedagógicos também compõem esse ambiente, pois o espaço tem que ser estimulante e atrativo para que a criança ou o adolescente sinta-se motivado ao frequentar as aulas nesse espaço.

#### 4.6 Formação e autoeducação dos(as) professores(as)

Edgar Morin, um dos principais expoentes da cultura francesa no século XX e um dos maiores pensadores da atualidade, em sua obra intitulada “Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro” (2002), cita os temas de discussão indispensáveis à educação do futuro: 1) As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; 2) Os princípios do conhecimento pertinente; 3) Ensinar a condição humana; 4) Ensinar a identidade terrena; 5) Enfrentar as incertezas; 6) Ensinar a compreensão; 7) A ética do gênero humano.

Percebe-se que a separação dos saberes necessários para a educação do futuro é uma forma didática adotada por Morin, mas estão todos entrelaçados na própria concepção definidora do que é conhecimento válido cientificamente e o que não é. Ao criarmos uma cisão entre os vários saberes, a partir da certeza da razão, surge a ilusão que cega os sentidos do homem, enquanto ser terreno, que não consegue enxergar que quanto mais destrói a natureza, também se destrói.

A educação do futuro precisará enfrentar as incertezas, pois tudo está em constante mudança. O modelo de educação voltado para habilidades puramente cognitivas e compartimentadas não será capaz de alcançar futuras gerações.

Como nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e, não, a unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeças ininteligível. As interrelações, as retroações, os contextos e as complexidades que se encontram na *man's land* entre as disciplinas se tornam invisíveis. Os grandes problemas humanos desaparecem em benefício dos problemas técnicos particulares. A incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz à atrofia da disposição mental natural de contextualizar e globalizar (MORIN, 2002, p. 42-43).

Para Morin (2002), o desafio está em fazer a relação entre o todo e as partes. Quando a educação se voltar para realizar essa ligação, gerará a integralidade entre os vários conhecimentos científicos, de modo a possibilitar a existência de pessoas mais conscientes do seu papel no mundo como seres sociais, que fazem parte de um modo de vida compartilhado com outras pessoas, cujas atitudes de todos influem no Planeta.

São tantas incertezas que as profissões estão mudando, deixando de existir, ou sendo substituídas, em grande parte, por tecnologias. Vivemos em um mundo globalizado, em que cada vez mais as pessoas estão mudando sua forma de conviver uns com os outros, sendo afetados por uma avalanche de novidades e consumos, em que a doença do século é a depressão, a doença do vazio da alma, isolamento e tristeza.

É urgente ensinar a condição humana, de inter-relação, compreensão e interdependência entre todos os seres humanos. Ensinar a condição humana é fazer uma aproximação do que torna o ser formado de espiritualidade, afeto, cultura. Para Romanelli (2018), os rituais sempre estiveram presentes nas civilizações anteriores, buscando estabelecer o humano e o sagrado, tanto que, mesmo em culturas distintas, há arquétipos, seja através de mitos, símbolos que fazem parte do imaginário coletivo.

O ser humano precisa saber praticar a compreensão, pois advém dela o saber conviver com os “outros”, e esses outros são os diferentes, diferenças de raça, cor, cultura, sexo. Sem compreensão o egocentrismo e o etnocentrismo ganham espaço, destruindo vidas, não no sentido figurado, mas através de assassinatos, genocídios e toda forma de exclusão. A compreensão possibilita a convivência e o respeito às diferenças.

Em busca de uma educação do futuro, como propõe Morin (2002), temos o professor, que é o mediador dos processos de mudança. Sabemos que para ser professor (a) e atuar, como tal, existem vários pontos que emergem desse percurso, que abrangem desde a formação até a prática na sala de aula. Não podemos deixar de lado as dimensões políticas e administrativas que envolvem a profissionalização do(a) professor (a), diante de tantas atribuições. Temos também o foro íntimo e individual de cada um que atua enquanto tal. Todos esses fatos são demasiadamente complexos e estão interligados. O professor do futuro insere-se na Cosmovisão Antroposófica, citada por Romanelli (2015):

A Cosmovisão Antroposófica que surge da busca steineriana em apontar o caminho que o homem pode percorrer através de sua vivência interna fazendo com que esta reflita no exterior. Este reflexo, para Steiner, significa a diferença entre a heteronomia e a autonomia do ser humano, ambas representadas pela aquisição da liberdade permeada pela ética e pela moral. O caminho trilhado por ele incluía a vivência religiosa e o conhecimento científico, que ele transmitiu aos outros por meio de sua teoria cognitiva baseada na cosmovisão goethiana. Seus estudos científicos e filosóficos cumprem essa tarefa e a ampliam até transformá-la num sistema teórico passível de aplicação no âmbito social e educacional, bem como em outros em que ele se aprofundou (ROMANELLI, 2015, p. 64).

Para alcançar políticas educacionais coerentes com as propostas por Morin, necessariamente os professores e as professoras terão primeiro que ter autonomia. Ou seja, terão que assumir a sua autoeducação, contextualizando as teorias próprias de sua formação com as suas experiências pessoais e profissionais, pois o processo de tornar-se professor/a não é estático, não podendo ser resumido na sua formação inicial. Por isso, ser professor/a, envolve a docência como profissão e como modificação do sujeito, pois: como ser professor/a puramente técnico? Esse não é um lugar que pertença à ação sem reflexão.

Nas sociedades complexas em que vive grande parte da humanidade, a interdependência continua sendo a mola propulsora das relações humanas, mas quase de forma mecanizada, sem que as pessoas reflitam sobre isso. Nessa turbulência social encontra-se o espaço para a atuação e a formação propícia para o educador, e, parafraseando Paulo Freire na obra *Pedagogia da Autonomia* (2011), temos: “educa-se [a si mesmo] ao educar”.

Toda criança tem o direito à educação de qualidade, nesse contexto do possível insere-se o trabalho da professora Renate Ignácio (1995), já detalhado anteriormente, que serve como superação e inspiração para professoras e professores do mundo todo. Assim como o exemplo dela, existem muitos outros que nos inspiram, porém, para atuar os professores necessitam ser ouvidos e respeitados enquanto classe trabalhadora, com responsabilidades e direitos.

A autoeducação envolve um sujeito ético, colaborativo com a transformação do seu entorno, porque em um contexto social não há mudança sem diálogos. É dialogando que descobrimos que existem outras pessoas que buscam objetivos similares aos nossos, de modo que a autoeducação se transforme em uma busca coletiva e agregadora, e nunca no sentido individualista.

## 5 COMPREENDENDO OS DADOS COLETADOS

Visando uma melhor forma de análise dividimos esta seção em duas partes. Na primeira que é o item 5.1 traremos a percepção dos professores da sala de articulação e dos especialistas *Extra Lesson* sobre como eles atuam ao se deparar com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. No item 5.2 apresentamos como as professoras regentes que tiveram alunos com dificuldades de aprendizagem atendidos por especialistas *Extra Lesson* ou Articuladoras observaram algum resultado após a intervenção da sala de articulação ou do Especialista *Extra Lesson*.

Neste estudo temos o objetivo de compreender a sala de articulação. Observar o fenômeno da dificuldade de aprendizagem da criança, que é atendida na sala de articulação da escola pública, da criança que tem um professor com fundamentos da Pedagogia Waldorf como pilares da sua atuação com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Compreender como o processo do método *Extra Lesson* pode auxiliar essas crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, permitindo-lhes desenvolver, adquirir habilidades e conhecimentos, analisando-se os relatos das experiências dos professores que atuam ou atuaram na sala de articulação e dos professores que trabalham ou trabalharam com o método *Extra Lesson*.

Temos, aqui, como questão central: o método *Extra Lesson*, com os fundamentos da Pedagogia Waldorf, pode contribuir para o desenvolvimento e a autoconfiança dos alunos encaminhados para a sala de articulação na escola de Ciclos de Formação Humana que apresentam dificuldade de aprendizagem?

Através desta pergunta nos propomos atingir o objetivo principal deste estudo que é compreender a formação dos professores que trabalham com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem na sala de articulação da escola de Ciclos de Formação Humana e na Pedagogia Waldorf, à luz do método *Extra Lesson*. E também chegar aos seguintes objetivos específicos:

- Analisar a formação do professor que atende alunos com dificuldades de aprendizagem na sala de articulação da escola de Ciclos de Formação Humana;
- Apresentar a formação do professor que atua com o método *Extra Lesson*;
- Identificar os desafios que os professores enfrentam para trabalhar na sala de articulação da escola de Ciclos de Formação Humana e do método *Extra Lesson*;

- Apresentar as contribuições teóricas da Pedagogia Waldorf como alternativa para o desenvolvimento da criança com dificuldades de aprendizagem.

E para responder a problemática e atingir esses objetivos analisamos as metodologias adotadas por professores que trabalham com crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, e quais foram os caminhos por eles percorridos para o desenvolvimento dos educandos.

Conforme Bicudo (2000) é na análise das Unidades de Significado que o enxerto fenomenológico/hermenêutico faz sentido. Para efetuar essa análise encaramos a descrição à luz da interrogação; evidenciando as unidades de significado e as reproduzimos na linguagem do sujeito, denominada ingênua, porque não estava ponderada e pensada sob o aspecto do tema investigado; explanamos essa fala conforme a linguagem do pesquisador, já considerando recursos da hermenêutica-fenomenológica por permitirem efetuar a dialética *solo perceptivo/experiencia perceptiva do sujeito/explicitação pela linguagem*; obtemos as Unidades de Significado já postas de modo mais elucidativo. Alcançamos assim as análises dos individuais, denominada idiográficas ou ideográficas.

### **5.1 Percepção dos professores da sala de articulação e Especialista *Extra Lesson* sobre sua atuação com alunos com dificuldades de aprendizagem**

A compreensão que tivemos, compõe parte importante deste trabalho, pois surge de um modo particular sobre o fenômeno e os sujeitos que estão envolvidos. De modo que julgamos de total relevância trazermos trechos literais de suas entrevistas. Como já foi especificado na metodologia, as entrevistas foram com perguntas abertas e as entrevistadas iam se expressando. Há em algumas entrevistas, respostas interligadas sobre unidades de sentidos diferentes, o que não prejudica em nada a sua compreensão hermenêutica.

Para as análises foram ressaltadas oito unidades de sentidos: 1) desafios encontrados na sala de articulação e no *Extra Lesson*; 2) resultados da intervenção; 3) concepção da criança com dificuldade de aprendizagem; 4) metodologia utilizada na sala de articulação e no *Extra Lesson*; 5) espaço físico da sala de articulação e *Extra Lesson*; 6) percepção sobre sua prática enquanto professora articuladora/especialistas *Extra Lesson*; 7) necessidade de formação específica voltada para atuação na sala de articulação e *Extra Lesson*; 8) prontidão para as professoras articuladoras e as especialistas do *Extra Lesson*.

Foram criados quadros com as unidades de sentido e as unidades de significado. As unidades de sentido foram retiradas das falas das entrevistadas visando compreender o

fenômeno da formação para trabalhar com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. Assim, através do que os sujeitos relataram é que desenvolvemos a nossa análise.

Temos, em nossa pesquisa, diferentes sujeitos, em diferentes funções, que estão em contato direto com o fenômeno dificuldade de aprendizagem. Assim, foi necessário elaborar dois quadros: um com as professoras articuladoras e as especialistas do *Extra Lesson*; e outro com as professoras regentes, as quais tiveram estudantes atendidos pelas articuladoras ou especialistas do *Extra Lesson*. Inicialmente, apresentamos o quadro das análises das professoras Articuladoras e as especialistas do *Extra Lesson*.

**Quadro 13 – Professora Articuladora e especialista *Extra Lesson***

Unidades de Sentido	Unidades de Significados
Desafios encontrados na sala de articulação e no <i>Extra Lesson</i> .	<p><b>PROFESSORA ARTICULADORA A:</b> [...] Nós pegamos 30 horas, infelizmente esse ano o governo não deu as 30 horas numa escola só. Foi dividido em 2 escolas 15 e 15. [...] não consegui fazer a avaliação diagnóstica, porque o número de alunos é bem expressivo [...] a gente vai ter muito pouco tempo, no máximo vai ser uma hora ou uma hora e meia de aula por semana [...].</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA B:</b> [...] nós temos muitos alunos com dificuldades de aprendizagem [...] com essa greve iniciando, não sei quando ela vai terminar, mas...se parar para pensar vai ser um curto tempo dessas crianças ter esse desenvolvimento [...] são alunos que moram nas periferias, os alunos com famílias desestruturadas [...]</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA C:</b> [...] eu tive muito medo de ser professora articuladora. [...] Você ensina! Você mostra da melhor forma que você quer ensinar, as metodologias, só que você não consegue, ou o aluno não consegue compreender!! você se frustra [...] acredito até hoje que o professor articulador é mal visto, mesmo, porque as vezes você, tem um ou dois alunos em sala de aula, pensam que você não está trabalhando. [...] o desafio é muito grande, por que assim, é... primeiro que essas crianças, esses adolescentes, são aqueles que não tem disciplina em sala de aula, que faltam muito, no horário de sala regular e também tem a questão familiar, porque assim, esse aluno ele não tem, ele a base familiar, porque você chama pai, chama mãe, pra você conversar, e apontar o que está acontecendo e você não tem retorno. [...]</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON A:</b> Fiz Pedagogia pela UERJ, e fiz o <i>Extra Lesson</i> e esse ano foi reconhecido como uma pós-graduação! Eu estava pleiteando isso, pela prefeitura desde quando eu recebi o meu diploma, eu protocolei na prefeitura, como adicional de qualificação, e levou uns 5 ou 7 anos para eles reconhecerem, porque o meu diploma é em inglês [...] Porque infelizmente, nesse apoio a gente precisa muito da parceria da família, e ele era de uma família, eu nem sei que palavras dizer, era, uma família totalmente ausente, totalmente ausente! [...] então eu tinha que ir pro Rio de Janeiro pra fazer a tradução do meu diploma, e isso fica caro [...]</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON B:</b> [...] então, geralmente é muito mais fácil trabalhar com as crianças menores, para te falar a verdade! Assim, aquelas que chegam sem medo de rastejar, de engatinhar, entendeu? Para realizar o exercício do <i>Extra Lesson</i>, para organização do corpo, não que os mais velhos não queiram, mas eles acham um pouco esquisito! [...]</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON C:</b> Olha como eu já tinha, assim, como eu atendo mais na parte terapêutica, então eu já tinha uma clientela dentro da fonoaudiologia clínica que ensina tudo isso, aí é claro eu adaptei a sala, mudei até o espaço, porque as crianças precisam de um espaço maior, comecei a adaptar os materiais necessários tudo isso<sup>3</sup>.</p>

<sup>3</sup> Devido a entrevista acontecer de forma livre, a entrevistada traz em sua fala duas categorias de unidades de sentido de forma una.

Resultados da intervenção	<p><b>PROFESSORA ARTICULADORA A:</b> Não teve resultado por ser o primeiro ano.</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA B:</b> Não teve resultado por ser o primeiro ano.</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA C:</b> Em 2017 tivemos bastante avanços em relação aos alunos que estavam com dificuldades na aprendizagem, até porque teve um projeto de intervenção na escola que eu trabalhava e nós, separamos, os alunos por nível de dificuldades e foi feito um projeto de intervenção com esses alunos. E os alunos eram os mesmos, da articulação então nós tivemos bastante êxito, teve aluno que foi dispensado da articulação para o próximo ano, que seria no ano de 2018. No ano de 2018 não tivemos muito, muitos avanços porque, porque a articulação começou em março, em julho parou de ter articulação na escola, porque, era ano de eleição e por causa disso não podia contratar professor e nenhum funcionário poderia ser contratado, então teve uma professora que saiu de licença, acompanhar o esposo que tinha se acidentado e aí por, por ordem vamos dizer assim da Seduc, foi decidido que, que o professor articulador bem como outros professores que estavam em, no caso vamos dizer assim, desvio de alguma função, para posicioná-las onde, o professor por algum motivo, e aí eu tive que ir pra, pro 2º ano, no lugar da professora que saiu de licença médica para acompanhar o esposo e eu fiquei na sala dela do 2º ano, até o fim do ano, então não deu para obter um avanço que foi em relação ao ano de 2017 porque ficou pela metade, vamos dizer assim, mas eu acredito que, que esse projeto, vamos dizer de articulação, ele se ele for trabalhado da forma que tem que ser, com o espaço em corretamente é apanhado para esse aluno, bem como trabalhar com metodologia, assim diferenciadas, tem como dar certo e haver um avanço sim.</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON A:</b> [...] tive outro aluno com dislexia, discalculia, com a diabete, em que ele teve vez, momentos de muita perda, não só faltar aula, mas ao estar na escola, muito debilitado, mesmo assim eu atendia ele no contraturno, saiu alfabetizado, lendo, não escrevendo! [...] tive de uma criança que teve paralisia cerebral no parto, então ele tinha um atraso motor muito significativo, quando ele chegou na escola, não conseguia se alimentar sozinho, tinha que alguém estar do lado dele, caminhava escorado pela parede, porque tinha medo de cair, esse foi um dos meus alunos, em sala de aula, e ele recebeu todo esse aparato da equipe multidisciplinar, com a neuropediatra, com a psicóloga e com o <i>Extra Lesson</i>, com ele eu fazia atendimento 3 vezes por semana e ele saiu alfabetizado, escrevendo, escrevendo histórias em quadrinhos do qual ele inventava, tinha uma imaginação riquíssima!![...]</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON B:</b> [...] Teve um caso que eu atendi uma menina, que a mãe não queria dar o remédio e ela já tomava, então a meta do <i>Extra Lesson</i> era que ela conseguisse sair, e ela conseguiu, saiu da Ritalina. [...] uma jornada muito de parceria, tem que ter parceria com a família, parceria com a escola, porque consegue, porque a pessoa que tem o TDH, TDAA, qualquer que seja, é consciência, no futuro quando ela aprende a lidar com a dificuldade, ela lida, não precisa de remédio!</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON C:</b> [...]A importância dessa avaliação, dessa preparação, porque as crianças que são encaminhadas e fazem esse processo, por enquanto dentro desse tempo que trabalhei, nenhuma teve recidiva, ou seja, nenhuma teve trabalhar depois de novo.</p>
	<p><b>PROFESSORA ARTICULADORA A:</b> [...] Então a gente tem aqueles alunos que vão... aqueles alunos no intermédio e aqueles que não acompanham a turma. E na sala a gente precisa fazer essas intervenções, então a sala de articulação vem pra ajudar, pra auxiliar [...]</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA B:</b> [...]é assim nós temos muitos alunos com dificuldades de aprendizagem, alunos que eu falo com dificuldades, é alunos que não sabe nem ler nem escrever né, que esse é o objetivo da sala de articulação, que é tirar esse aluno da sala de aula, do seu ciclo, colocar ele na sala de articulação, para poder eu estar ensinando ele ler e escrever, para poder tentar acompanhar a turma, nos anos seguintes. [...] é assim nós temos muitos alunos com dificuldades de aprendizagem, alunos que eu falo com dificuldades, é alunos que não sabe nem ler nem escrever né [...] são alunos é... carente, são alunos é</p>

que moram nas periferias, os alunos têm famílias desestruturadas [...].

**PROFESSORA ARTICULADORA C:**

[...] alunos que têm dificuldade na aprendizagem, ou defasagem, que ainda não se encontra alfabetizado, então é do 3º ao 6º ano. [...]

**ESPECIALISTA *EXTRA LESSON* A:**

[...] tive outro aluno com dislexia, discalculia [...] porque vai encarar transtorno no desenvolvimento, vai encarar dificuldade no aprendizado, vai encarar as comorbidades, de comportamento!

**ESPECIALISTA *EXTRA LESSON* B:**

[...] Atua numa forma global, a gente parte, assim, do corpo físico, criança que tem dificuldade na pega do lápis, criança que não senta direito, criança que não senta direito que eu digo assim, que fica levantando o tempo todo, criança que não para de falar, criança que não tem concentração nenhuma, e aí o *Extra Lesson*, atende toda essa questão, através dos exercícios que é proposto [...]

**ESPECIALISTA *EXTRA LESSON* C:**

[...] tratei muito das crianças com dislexia, com discalculia, com disortográfica, muito das patologias relacionadas com a aprendizagem da leitura escrita, e a estilística também.

**PROFESSORA ARTICULADORA A:**

Eu trabalho com vários materiais, o meu método de alfabetização, é o método fônico, eu trabalho muito com a questão na boquinha, eu trabalho com o texto, do texto palavras, palavras, frases palavras, sílabas. [...] A gente varia entre cadernos, livros, porque a gente não tem todo material, então a gente utiliza. Foi disponibilizada pela escola caderno, mas assim, é jogos, materiais diversificados, material dourado, é... a leitura diversificada, todos os tipos de gêneros textuais.

**PROFESSORA ARTICULADORA B:**

[...] Eu procuro ter uma boa organização com o meu plano de aula, minha prática é organização [...].

**PROFESSORA ARTICULADORA C:**

[...] Então... trabalhar através de, de jogos pedagógicos, com é,, jogo da memória, jogo com ábaco, com material dourado, isso faz com que o aluno ele queira estar frequentando o laboratório de aprendizagem. [...]

**ESPECIALISTA *EXTRA LESSON* A:**

[...] A nossa escola é uma escola pequena, com 120 alunos, mas é como te falei, por ser periferia, as crianças chegam na escola com uma defasagem muito grande!!! [...] antes de qualquer intervenção pedagógica, então o meu circuito de tratamento, eu sempre começava com o neurodesenvolvimento... e no finalzinho da aula, eu sempre perguntava pra eles, porque o tratamento terapêutico era sempre 1 hora, e por ser uma turma muito grande, eu sempre atendia 3 ou 4 crianças, por vez, só que de início que eu atendia individualmente, porque eu tinha um pouco de insegurança, aí eu atendia individualmente aquelas crianças, principalmente aqueles que tinham o comportamento mais desafiador, (...) mas na maioria das vezes, eu fazia atendimentos em grupo, e aí esse estímulo neural, e esse estímulo motor, eu fazia igual pra todos e no final, eu sempre perguntava “o que, que você precisa da minha ajuda para esta semana”? aí eles traziam, “ eu não entendi a matemática” isso me ajudava muito, porque eu trabalhava dentro de uma escola Waldorf, então eu pegava eles na época de matemática, “ou eu não entendi a divisão”, então, tá que bom que você já sabe o que você precisa melhorar!! Então vou te ajudar nisso!! Aí eu fazia toda uma recapitulação, todo, voltar mesmo a base na organização numeral de forma diferenciada, porque muitas das vezes a abordagem que o professor fez, não atingiu aquela criança, aí depois de dar o estímulo neuromotor, eu vinha com essa pergunta, nisso a atenção da criança estava mais voltada pra mim.

[...]E a tarde, à tarde eu fazia às intervenções individuais, daqueles que tinham muitos problemas, não fiz esse trabalho sozinha, fiz uma parceria com a Faculdade Estácio de Sá, onde a doutora Andria Bordane com os seus alunos, estagiando, faziam a avaliação psicológica que, com a parceria da doutora Gislane Ávila, uma neuropediatra.

**ESPECIALISTA *EXTRA LESSON* B:**

[...] então todos os conteúdos estão dentro dos fundamentos da Pedagogia, então são exercícios corporais que envolve todas essas brincadeiras folclóricas, de domínio público, por exemplo pular corda, você pega uma criança com muita dificuldade na matemática, se você trabalha bastante a corda, de pular amarelinha, é ele traz essa consciência de chão, né, de presença, ele está pulando, é aeróbico, sem contar que você trabalha a sequência dos números, você trabalha a matemática pulando, cantando, enfim, você vai trabalhando, você tá juntando movimento com a fala e o cognitivo ao mesmo tempo, porque ele só não tá falando qualquer coisa, ele está pensando pra falar, ele tem pintura, assim com o fundo terapêutico, porque não só trabalha as direções com o pincel, mas as cores, e também a questão emocional, não é um trabalho só no emocional, mas ele trabalha no pensar, no sentir e no querer, dentro desse sentir.

**ESPECIALISTA *EXTRA LESSON* C:**

E dentro desses processos, tem a maturação biológica e a prontidão como te falei é o uso de habilidades e capacidades, se algo disso não foi devidamente desenvolvido, a criança pode ter algumas dificuldades, e vai ser sanado pelo mesmo processo, dessa questão do desenvolvimento. E aí quando desenvolve estas áreas e reestabelece essas conexões, depois ela pode ter a vida escolar tranquila. [...]é além disso, também fatores importantes, que é todo também o desenvolvimento da visão e da audição, que por exemplo na fala seria essa questão importante num atraso na fala, na articulação mesmo da fala prejudica bastante depois na alfabetização né, e além disso essas crianças têm poucas chances agora de ficar no plano do chão, no plano horizontal, que pensando bem isso é muito importante, porque em termos da visão ele precisa ter todas as etapas, da visão estar no chão e ter o foco, se longe perto, convergência e divergência, na audição também, muito estímulo visual e auditivo para a criança, as vezes ela não consegue elaborar tudo isso, então estes também são fatores importantes, e é esse curso de vivência que a gente busca refazer.

Espaço físico da sala de articulação e no <i>Extra Lesson</i> .	<p><b>PROFESSORA ARTICULADORA A:</b>  [...eu tive sorte aqui nós temos um espaço, tá um pouquinho bagunçado. Porque eu não sei né, não estava sendo ocupado [...] temos um espaço lá na outra escola também nós temos um espaço também bem diversificado também pra está trabalhando com as crianças.</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA B:</b>  [...] olha os primeiros colocados no seletivo, poderiam escolher até duas escolas, 15 horas em uma e 15 em outra, aí fiquei 15 horas no Mário Motta e 15 horas no Frei Ambrósio, é um espaço as escolas reservado pra essas salas, pra essas turmas né, até mesmo porque o professor articulador precisa fazer daquele espaço acolhedor, um espaço agradável, já de início não estamos tendo isso [...]</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA C:</b>  [...] sim, quando eu iniciei, em 2017 na escola que eu trabalhei, tinha sim, um espaço, né, específico pra, pra esse, pra acontecer essas aulas diferenciadas. [...] Em uma das outras escolas não está acontecendo isso, porque não tem esse espaço.</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON A:</b>  eu tinha uma sala, também toda a equipada, pro atendimento!  Na minha sala de recurso eu tinha todo o aparato, não sei se você sabe, você sabe né, dentro dos termos do <i>Extra Lesson</i>, mas aa,a o resgate da fase da...(opa, engasguei rs rs) da neuroplasticidade a fases, perpassava o desenvolvimento motor da criança.</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON B:</b>  [...] mas eles fazem, então assim, a gente tem que criar um ambiente que eles possam fazer aquilo que eles conseguem. [...] não é aquilo que a gente gostaria que eles fizessem. Então, esse já é um impacto desde os pequenininhos, a partir de 5 anos e meio 6 anos, até qualquer faixa etária, porque na escola que eu trabalho tem desde o Jardim Maternal, até o Ensino Médio na Pedagogia Waldorf, aí eu já atendi aluno do Ensino Médio e crianças do Jardim, então no 1º ano, o professor olha a criança e vê como é a prontidão dela!? Então, é uma criança que já consegue seguir é, regra, que ela consegue, ouvir a professora fazer um determinado comando, se ela consegue ter concentração, que já conseguiu pular corda, pular amarelinha, então isso já começa lá de trás.</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON C:</b>  [...] eu adaptei a sala, mudei até o espaço, porque as crianças precisam de um espaço maior, comecei a adaptar os materiais necessários tudo isso. [...]<sup>4</sup></p>
-----------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>4</sup> Devido a entrevista acontecer de forma livre, a entrevistada traz em sua fala duas categorias de unidades de sentidos de forma una.

Percepção sobre sua prática enquanto professora articuladora e no <i>Extra Lesson</i> .	<p><b>PROFESSORA ARTICULADORA A:</b>          [...] um momento assim, que tem que ser prazeroso para os alunos, né. Porque eles vêm no contra turno, né, então a gente precisa fazer todo esse encanto pra que eles tenham vontade de vir.</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA B:</b>          [...] o que eu pretendo é colaborar com as crianças aí, no ensino, na aprendizagem, né, com carinho, com amor, né, porque ele já está com autoestima lá embaixo, por conta dessa tal dificuldade que ele tem, ele em sala de aula, eles são mais, eles ficam pra escanteio, né, não consegue fazer uma atividade em grupo, já não querem ele no grupo deles. Então, eu quero um tratar bem essas crianças e fazer com que eles nesses meses, não quero que eles fiquem perfeitos, mas eu pelo menos alfabetizados.</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA C:</b>          [...] sempre fui muito curiosa, para saber como que, o que acontece, porque muitas vezes eu pegava alguns alunos, porque assim, a gente pega de 3 a 5 alunos que a gente tem que atender, então, assim... chegava aquela criança, digamos assim, que estava lá no 6º ano, não sabia o que é uma vogal, não sabia o que era consoante, não sabia distinguir né [...]</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON A:</b>          Fazer o curso de <i>Extra Lesson</i>, aí foi o maior presente da minha vida! Porque eu encontrei jeito de preparar precocemente de solucionar alguns entraves, alguns nós, fazer com que a criança... é... se desfizesse desse bloqueio, antes do processo de consciência, porque dentro da Pedagogia Waldorf e dentro do <i>Extra Lesson</i>, entende-se no estudo, a raiz do estudo é a neuroplasticidade, e dentro da neuroplasticidade até 9 anos a criança ainda não tem consciência de que não sabe, a partir dos 9 anos eles começam a ter uma consciência, e aí a terapia tem que ser individual, pra que a gente possa trabalhar bem essa criança, porque, aí já, já não tem só a dificuldade de aprendizagem, transtorno de aprendizagem, mas já vem a baixa autoestima<sup>5</sup>.</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON B:</b>          [...] e assim, a gente fala que a Pedagogia Waldorf, em especial o método <i>Extra Lesson</i> trabalha essa questão da criança não ser invadida sabe, é uma proteção! Porque a gente vive, vive assim acudindo no caso, né, porque chega uma criança com transtorno de déficit de atenção, a mãe está desesperada! Porque ela não dá conta, a escola não dá conta, ninguém dá conta, então que que acontece, a mãe vai no médico, ela conta, (inaudível) vai ter que tomar remédio né. Em muitos casos, 90% dessas crianças não precisariam tomar esse remédio.</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON C:</b>          [...] a maior parte das crianças que eu atendo são crianças do infantil para o fundamental, entre 6 e 7 anos [...] porque nós trabalhamos muito, também no contato com as escolas, então após fazer a avaliação da criança e a devolutiva dos pais, nós vamos na escola observar conversar com os professores.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>5</sup> Devido a entrevista acontecer de forma livre, a entrevistada traz em sua fala duas categorias de unidades de sentidos de forma una.

Necessidade de formação específica voltada para a atuação na sala de articulação e no <i>Extra Lesson</i> .	<p><b>PROFESSORA ARTICULADORA A:</b> [...] olha eu acredito que sim né, que a gente deveria ter uma orientação melhor, mas eu vejo assim, que nós somos profissionais estamos preparadas pra todo tipo de situação, porque a gente vivencia todo tipo de situação. claro que aqui é um leque maior [...]</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA B:</b> [...] deveria!! porque quando a gente quando tá em sala de aula, principalmente eu né, que fui professora de geografia, não de pedagogia, sempre tive esse lado de pedagoga, mas na hora de ensinar, a gente ensinava a geografia, e... eu não prestava tanta atenção nesses alunos que tinham dificuldade de aprendizagem. [...]</p> <p><b>PROFESSORA ARTICULADORA C:</b> [...] mas eu acredito que deveria ter e eu acredito que se. se as professoras articuladoras se juntarem, se a gente fosse atrás para cobrar isso daí, eu acredito que seria de muita valia, seria muito importante porque estaríamos mais aptos a trabalhar com esse público né. [...] “você vê que ela tá gritando socorro” sabe “me ajuda”, mas às vezes, vezes é você precisa ter uma formação, porque só você está ali trabalhando, usando as metodologias que você conhece, às vezes não é o suficiente, então é... seria muito importante se tivesse uma formação continuada do professor articulador.</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON A:</b> [...] fazer o curso de <i>Extra Lesson</i>, aí foi o maior presente da minha vida! Porque eu encontrei jeito de preparar precocemente de solucionar alguns entraves, alguns nós, fazer com que a criança... é... se desfizesse desse bloqueio, antes do processo de consciência, porque dentro da Pedagogia Waldorf e dentro do <i>Extra Lesson</i>, entende-se no estudo, a raiz do estudo é a neuroplasticidade, e dentro da neuroplasticidade até 9 anos a criança ainda não tem consciência de que não sabe, a partir dos 9 anos eles começam a ter uma consciência, e aí a terapia tem que ser individual, pra que a gente possa trabalhar bem essa criança, porque, aí já, já não tem só a dificuldade de aprendizagem, transtorno de aprendizagem, mas já vem a baixa autoestima<sup>6</sup>.</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON B:</b> [...] vendo assim a dificuldade que eu tinha em lidar com as crianças com dificuldades de aprendizagem, foi me chamando atenção, o tempo todo! [...]</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON C:</b> [...] eu conheci assim que era uma área relacionada com os distúrbios de aprendizagem e a leitura escrita, isso me interessou para o meu trabalho, e eu também fiz o seminário Pedagógico Waldorf para compreender bastante a metodologia Waldorf [...]</p>
Prontidão	<p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON A:</b> Ainda era a minha motivação, o meu estudo, na especialização do 1º setênio, foi sobre a Prontidão da criança, pra ir pro Ensino Fundamental, então as minhas perguntas já eram assim! Que intervenções precoces que eu posso fazer naquela criança da educação infantil, sem ferir os princípios da Pedagogia Waldorf, mas que desse condições pra que aquela criança fosse bem pro Ensino Fundamental? [...]</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON B:</b> Se ela não tiver essas direções instaladas dentro dela, que é de cima pra baixo, de baixo pra cima, direita, esquerda, frente trás, se isso não tiver acordado lá dentro, ela não ela não aprende a escrever, por isso tem criança com aquela letra que a gente não entende, quando ela vai fazer um A por exemplo, o braço vai parar na orelha, ela começa a ter problemas corporais por ela não estar pronta fisicamente pra aquela empreitada. Porque aí, tem que ver o que que acontece nesse início. Porque se não está bem nesse início, a criança vai levando, porque quando a criança se senta, eu não sei se você viu a questão neonatal, o <i>Extra Lesson</i> ensina a criança ter uma postura correta em sala de aula. E isso tem reflexos no aprendizado, na letra, no humor, na concentração.</p> <p><b>ESPECIALISTA EXTRA LESSON C:</b> [...] E porque assim, o ser humano vai se desenvolvendo em termo da maturação do processo biológico, mas nem sempre a prontidão acompanha. A prontidão seria esse uso de habilidade e capacidades para o aprendizado [...].</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

<sup>6</sup> Devido a entrevista acontecer de forma livre, a entrevistada traz em sua fala duas categorias de unidades de sentidos de forma una.

Nesse espaço, após apresentar o Quadro 13, inserimos a nossa compreensão fundamentada sobre a formação das professoras articuladoras e das especialistas do *Extra Lesson*.

Na unidade de significados para as professoras articuladoras, em relação aos “desafios encontrados na sala de articulação e no *Extra Lesson*”, a professora articuladora A tem como desafio o tempo e a dificuldade de trabalhar em duas escolas, pois ela dividiu a carga horária em 15 horas em uma escola e 15 horas em outra, e diz ser difícil realizar diagnóstico com tantas crianças, cerca de 35 a 40 crianças em cada escola, em tão pouco tempo e em duas escolas diferentes.

A Professora articuladora B apresentou como desafio a dificuldade de trabalhar na articulação em vias de acontecer uma greve que estava iniciando; e com o tempo de trabalho, pois atuaria em duas escolas diferentes e com famílias desestruturadas.

A professora articuladora C apresentou como dificuldade o medo de assumir a articulação quando iniciou sua atuação. Insegurança na utilização das suas metodologias, do seu conhecimento pedagógico e dos resultados que gostaria de obter ao trabalhar com as crianças, e medo de não sentir esse trabalho reconhecido pelos seus pares, pelas professoras regentes.

Observamos, nas falas das professoras articuladoras A e B, que o peso das políticas educacionais é o pano de fundo para a grande quantidade de crianças atendidas por cada articuladora. Fica implícita a política neoliberal, em que a lógica do mercado é aplicada na sala de articulação, pois qual é a justificativa para o acúmulo de duas escolas por professora articuladora? E o que mais ouvimos é sobre “enxugar os gastos públicos”. Essa percepção é referenciada por Costa:

Como se depreende, o que caracteriza fundamentalmente o neoliberalismo é o alargamento do raio de ação da lógica do mercado. Portanto, a ideia do Estado Mínimo é uma consequência da utilização da lógica do mercado em todas as relações sociais, que não podem ser reduzidas, ou diminuídas, ao aspecto econômico somente (COSTA JR, 2010, p. 40).

O trabalho das professoras articuladoras é fundamental para a educação básica, não podendo ter *status* de gasto. A greve citada pelas articuladoras foi bem longa, pois em meio à falta de prioridades na educação torna-se necessário reivindicar direitos.

A professora articuladora C revelou seu desamparo ao iniciar o trabalho de articuladora, de modo que nos leva a concluir que não houve uma apresentação prévia da função que exerceria.

A especialista em *Extra Lesson A*, relatou que foi desafiador apresentar à Secretaria de Educação o seu título de especialista em *Extra Lesson*. Ela trabalhava em um município e levou por volta de sete anos para que os gestores reconhecessem o diploma dela, porque era redigido em inglês, e para ela era muito caro pagar para traduzir um diploma. Ela também vê como desafio a ausência da família do aluno em colaborar. Um outro desafio é tradução do diploma que era algo muito caro.

A especialista *Extra Lesson B* falou que o desafio era trabalhar com crianças mais velhas, pois as maiores tinham certa resistência em realizar os exercícios do *Extra Lesson*. A especialista C citou como um desafio a adaptação do espaço, pois, como fonoaudióloga, ela não tinha dificuldade em seus trabalhos, mas teve que mudar o espaço para ampliá-lo, adaptá-lo para a atuação do método *Extra Lesson*.

Quanto aos resultados do trabalho desenvolvido, as professoras articuladoras A e B não apresentaram resultados por ser o primeiro ano em que trabalhavam na articulação. A professora articuladora C disse que no ano de 2017, pelo fato de trabalhar em conjunto com as professoras regentes, em um projeto de intervenção, em que todas as professoras regentes participaram, ela pode perceber melhora no desenvolvimento das crianças que tinham dificuldades de aprendizagem. Mas ela não observou essas mudanças no ano de 2018, em que também trabalhou com articulação, pelo fato de ter sido desviada da sua função de articuladora para assumir a regência de uma sala de aula. Por ser ano eleitoral não poderia haver contratações, de modo que ela foi para a sala regular deixando de atuar na sala de articulação. Já em 2019 ela disse que o tempo da iniciação não aconteceu no mesmo período que acontecia nos anos anteriores. Mais uma vez aparece a fragilidade a que a sala de articulação é submetida.

A especialista *Extra Lesson A* disse que teve bons resultados ao trabalhar com uma criança que tinha dislexia, discalculia e diabetes alto, ou seja, apresentando problemas de saúde, mas que ela conseguiu bons resultados fazendo a criança aprender a ler e escrever.

A Especialista *Extra Lesson B* fez com que uma criança parasse de tomar Ritalina<sup>7</sup>. A partir de exercícios trabalhados com a menina, e em parceria com a família delas, conseguiu um bom resultado.

A especialista *Extra Lesson C* disse que trabalha para que as crianças tenham um bom início, e desenvolvam sem dificuldades a leitura e a escrita; tenham um bom início de

---

<sup>7</sup> Nome comercial de medicamento cujo princípio ativo é o cloridrato de metilfenidato, é um estimulante do sistema nervoso central. A Ritalina é indicada para tratamentos de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), transtorno hiper-cinético e narcolepsia.

alfabetização, de forma organizada, com desenvolvimento cognitivo e intelectual adequado, e que as crianças que realizaram a avaliação e os exercícios do *Extra Lesson* não tiveram problemas em seu percurso escolar.

As especialistas no *Extra Lesson* mostraram segurança ao falar sobre os resultados da intervenção com o método, demonstrando uma busca prévia pelo conhecimento sobre dificuldade de aprendizagem, o que nos faz refletir sobre os fundamentos antroposóficos que embasam o *Extra Lesson* e a prática dele.

Como afirma Lanz (2002, p. 16), “a Antroposofia é ciência! Mas é uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência ‘comum’. Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos”, de modo que tal conhecimento mobiliza a percepção íntima dos sujeitos que têm conhecimento dela.

Na unidade de sentido “alunos com dificuldade de aprendizagem”, a professora articuladora A disse que o aluno que tem dificuldade de aprendizagem é aquele que não acompanha a turma e que na sala regular precisa de intervenções<sup>8</sup>, assim, a sala de articulação vem para ajudar esse aluno.

Na concepção da professora articuladora B, o aluno que tem dificuldade de aprendizagem é aquele que não sabe ler e escrever, e é esse aluno que vai para a sala de articulação. São alunos, disse a professora, oriundos de famílias desestruturadas e das periferias, carentes, com fragilidade social e econômica.

A professora articuladora C disse que aluno que tem dificuldade de aprendizagem é aquele aluno que não se encontra alfabetizado do terceiro ao sexto ano.

Na fala das três professoras articuladoras aparece a figura da criança que não sabe ler e escrever, e complementando as falas das articuladoras A e B aparece a vulnerabilidade social em que essas crianças estão inseridas, referindo-se às famílias dessas crianças.

A especialista *Extra Lesson* A disse que o aluno que tem dificuldade de aprendizagem é o que apresenta dislexia, discalculia e transtornos de comportamento.

Já para a especialista em *Extra Lesson* B a criança que tem dificuldade é aquela que tem dificuldade na pega do lápis, que não senta direito, que não para sentada, fala o tempo todo, não apresenta concentração nenhuma. Nesse caso, o *Extra Lesson* atende todas as questões a partir dos exercícios propostos, e observamos, nessa fala, implicitamente, o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH).

---

<sup>8</sup> As intervenções são aulas para que o estudante seja alfabetizado.

A especialista *Extra Lesson C* disse que considera crianças com dificuldade de aprendizagem aquelas com dislexia, discalculia disortografia, patologia relacionada à aprendizagem da leitura e da escrita.

Todas as falas sobre o que as professoras articuladoras e as especialistas em *Extra Lesson* caracterizam como estudante com dificuldade de aprendizagem não são dispares, pois, por mais que as suas práticas sejam diferentes, o tema gera uma reflexão sobre a criança atual, que tem dificuldades referentes a um contexto temporal que perpassa toda criança do século XXI.

Quanto à metodologia utilizada na sala de articulação e no *Extra Lesson*, a professora articuladora A trabalha com vários materiais, e disse que o método dela é o fônico, em que trabalha com o método da boquinha<sup>9</sup>, com palavras, sílabas, utiliza livro, materiais diversificados, material dourado, leituras diversificadas de gêneros textuais.

A professora articuladora B disse atuar a partir do plano de aula e com muita organização, e que a prática dela é fundamentada em uma boa organização pedagógica. Por sua vez, a professora articuladora C trabalha com jogos pedagógicos, jogo da memória, ábaco, material dourado para estimular a criança a querer frequentar a Sala de Articulação.

A especialista *Extra Lesson A* detalhou o trabalho, dizendo que atua de forma individual ou em grupo, faz retomada das atividades que as crianças fizeram, a partir de perguntas, das dúvidas delas e o que elas sabem fazer. Tenta fazer uma busca minuciosa, com referência aos números, à matemática, ao português. Trabalha em parceria com outros profissionais e instituições, com outros especialistas, por exemplo, neuropediatra, fonoaudióloga, psicóloga demonstrando um acompanhamento completo.

A especialista *Extra Lesson B* trabalha a partir dos exercícios corporais, com brincadeiras folclóricas de domínio público, pular a corda, para crianças com muitas dificuldades; amarelinha, cantar, fazer com que as crianças tenham consciência do seu corpo e respiração cantando, pulando, complementos que estimulam o cognitivo e o corporal ao mesmo tempo.

A especialista *Extra Lesson C* disse que parte para uma investigação da maturação biológica da visão, audição e da prontidão das crianças, buscando sanar ou estabelecer conexões para que a criança possa ter, depois, um bom início na alfabetização.

---

<sup>9</sup> Jardini (2018) diz que é um método fonovisuoarticulatório que utiliza as estratégias fônicas, visuais e articulatórias, sendo desenvolvido na fonoaudiologia em parceria com a pedagogia. Acessado em: <https://metododasboquinhas.com.br/fundamentacao-teorica/>

Na unidade de sentido “espaço físico da sala de aula da articulação”, a professora articuladora A disse que teve sorte, que está organizando o espaço disponibilizado nas duas escolas onde ela trabalha.

A articuladora B também disse que o espaço precisa ser acolhedor, agradável, mas que de início não tinham esse espaço, agora eles têm o espaço, mas ainda não está organizado.

A Professora articuladora C disse que, em 2017, no local onde ela trabalhou havia o espaço específico para essas aulas diferenciadas acontecerem, porém, há outras escolas que não possuem esse espaço.

A especialista *Extra Lesson* A falou que trabalhava em um espaço equipado para atendimento, tinha todo um aparato para que tudo acontecesse para o desenvolvimento da atividade motora para crianças com dificuldades de aprendizagem.

A especialista *Extra Lesson* B disse que criar um ambiente é importante para que as crianças possam desenvolver as atividades do método *Extra Lesson*, para estimular a concentração, através dos jogos, brincadeiras e pular corda.

A especialista *Extra Lesson* C também tem o espaço e o material necessário para o desenvolvimento dos exercícios corporais, sempre valorizando essas instalações.

Sobre as suas práticas enquanto professora articuladora, a professora articuladora A disse que precisa fazer com que nos momentos em que os alunos passam lá sejam prazerosos.

A professora articuladora B disse que essas crianças precisam receber carinho, precisam ser acolhidas, ela quer tratar bem essas crianças que vão para a sala de articulação.

A professora articuladora C disse ser muito curiosa, e que a sua prática se fundamenta na busca por compreender e desenvolver um bom trabalho com as crianças para o desenvolvimento da leitura e da escrita de cada uma delas.

Para a especialista *Extra Lesson* A, a sua busca e sua atuação partiram de uma preocupação íntima de desbloquear essas crianças, de acessá-las. E a especialista *Extra Lesson* B disse que sua atuação com o método *Extra Lesson* é um cuidado, pois ela trabalha para a criança não ser invadida, uma forma de protegê-la para que não precise tomar remédios, para que seja respeitada.

A especialista *Extra Lesson* C disse que a maior parte das crianças que ela atende são crianças que vão iniciar o Ensino Fundamental. Trabalha sempre com a parceria dos pais e dos professores para que essas crianças tenham um bom desenvolvimento na sua vida escolar.

A percepção sobre a própria atuação nos revela a forma com que as professoras veem o trabalho com as crianças, deixando transparecer o quanto as crianças são solitárias dentro das suas dificuldades, pois o apoio das professoras, muitas vezes, aparece em forma de

carinho, prazer, bem-estar, sem deixar de lado a aprendizagem. A educação continua a reproduzir a forma competitiva, em que os estudantes são concorrentes, a meritocracia, o “melhor” precisa ser o primeiro, os “piores” são responsabilizados por não conseguir. É necessário incluir todas as crianças para que juntas elas possam desenvolver seus talentos, sem deixá-las à margem dentro do ambiente escolar.

Quanto à formação dessas professoras para trabalhar com crianças com dificuldades de aprendizagem, a professora articuladora A acredita que é necessário uma formação específica para trabalhar com as crianças que têm dificuldade de aprendizagem, mas que se sente preparada para trabalhar em qualquer situação, devido a sua prática enquanto educadora e por trabalhar sempre com públicos diversificados.

A professora articuladora B disse que deveria haver uma formação para trabalhar com essas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, porque são crianças que precisam de uma atenção diferenciada. Por sua vez, a Professora articuladora C disse que deveria haver uma formação específica, que possibilitasse um trabalho com as crianças na sala de articulação, enfatizando que deveria ser uma questão a ser reivindicada pelas professoras que atuam na sala de articulação.

A especialista *Extra Lesson A* declarou que o *Extra Lesson* foi um presente, porque ela encontrou um jeito de solucionar alguns entraves das crianças. E para a Especialista *Extra Lesson B*, o *Extra Lesson* veio para ajudar a lidar com as dificuldades de aprendizagem e que sempre foi em busca disso enquanto professora.

A especialista *Extra Lesson C* disse que o *Extra Lesson* possibilitou respostas a seus questionamentos íntimos, pois sempre se interessou em trabalhar com crianças com dificuldades de aprendizagem.

A prontidão aparece na fala das três Especialistas do *Extra Lesson*, de modo a ser observado no desenvolvimento de cada criança, no tempo de cada uma, pois a prontidão está relacionada à idade e às experiências que a criança teve no decorrer do seu primeiro setênio, mas a prontidão não apareceu na fala das professoras que trabalham na articulação. Esse fato nos chamou a atenção, pois ao não citar a prontidão, as professoras articuladoras focam a sua atenção ao momento presente da criança, não buscando as experiências prévias que podem tê-la influenciado nesse processo. Isso pode levar as professoras a atuar sobrepondo as necessidades da criança, como nos elucida Dias:

portanto, deve-se levar em conta que o ensino da leitura, que começa no reconhecimento isolado das letras do alfabeto, é puro exercício de memorização e se dá apoiado totalmente no organismo sensorial. Mas se as percepções não são normais, o aprendizado será difícil ou apresentará obstáculos sérios, pois o pensar, o que tem a função de sintetizar as impressões e formar conceitos, simplesmente não tem os elementos sensoriais corretos para atuar. Então os conceitos são feitos de acordo com essa incorreção (DIAS, 1995, p. 55).

O que a autora nos apresenta é aplicado em qualquer forma de dificuldade de aprendizagem. Os professores precisam se apropriar da dificuldade do aluno para poder compreender qual é o seu processo de aprendizagem e, a partir daí, desenvolver um trabalho que contemple essa forma de aprendizagem.

## **5.2 Percepção das professoras regentes que tiveram alunos com dificuldades de aprendizagem atendidos por especialistas *Extra Lesson* ou Articuladoras**

Ao iniciar a pesquisa nos deparamos com muitos fatores que só são possíveis depois de mergulharmos no assunto. E foi assim que percebemos a importância de saber como as professoras regentes, que são os professores titulares das salas regulares, podendo ser unidocentes, como as(os) pedagogas (os), ou professores de áreas, que são os licenciados em matemática, biologia, história, etc., percebem a atuação das professoras articuladoras ou especialistas do *Extra Lesson*, com as crianças e adolescentes que apresentam dificuldade de aprendizagem.

Esses profissionais não trabalham de forma isolada, portanto, buscamos elementos que enriquecessem a discussão em torno da formação dos docentes que trabalham com essas crianças. Assim, apresentamos, a seguir, o Quadro 5.

**Quadro 14 – Professora regente de escola pública e atendido pelo *Extra Lesson***

Unidades de Sentido	Unidades de Significados
Alunos que são encaminhados	<p><b>PROFESSORA REGENTE DE ESCOLA PÚBLICA A:</b>            Não eram alfabetizados, assim, mas agora, tem um a leitura do mundo eles têm, eles não leem, não escrevem, mas na oralidade eles conseguem participar.</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE DE ESCOLA PÚBLICA B:</b>            SIM, quando não tem a leitura e a escrita, geralmente nós encaminhamos os alunos que não sabem ler, não sabe escrever que estão analfabetas.</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE DE ESCOLA PÚBLICA C:</b>            A maior dificuldade é a leitura e a escrita, e exige-se que só vá para a articulação aquele aluno que realmente não sabe ler ou escrever, porque aqueles que têm dificuldade, mas que sabe ler e escrever, que consegue desenvolver atividades de sala de aula, esses não são encaminhados para a articulação, é só mesmo os casos mais críticos de aprendizagem de leitura e escrita.</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE <i>EXTRA LESSON</i> A:</b>            [...] eu tive alunos atendidos pelo <i>Extra Lesson</i>, eram uns alunos que aparentemente poderiam ter um bom desenvolvimento do ensino e aprendizagem e eles pararam no meio do processo, em um determinado momento as coisas não caminhavam mais, não avançaram, então a gente começou a olhar para esse aluno, ver as questões dele todo, em torno dele, todas as questões que poderiam estar ocasionando esse processo, a interrupção desse processo [...]</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE <i>EXTRA LESSON</i> B:</b>            Tive sim, nessa escola que eu estou, é a minha segunda turma, então a minha primeira turma eu levei do primeiro ano até o quinto ano. No ano de 2018 eles saíram da escola, mas desde o primeiro ano essa turminha foi atendida pela professora A*** que fazia atividades interdisciplinares usando o método <i>Extra Lesson</i> [...]            Então eu tinha criança que tinha dificuldade de lateralidade e aí ela fez um trabalho de reorganização corpórea com a criança, dificuldade de organização do espaço no caderno, então foi um olhar bem minucioso! Então ela começou a atender ou em dupla ou individual de acordo com a demanda da criança.</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE <i>EXTRA LESSON</i> C:</b>            [...] eu tive alunos com grandes dificuldades na escrita, na leitura, na interpretação tanto em matemática, quanto em português, enfim, eles tiveram um avanço.</p>

**PROFESSORA REGENTE DE ESCOLA PÚBLICA A:**

Muito pouco! As escolas quase que, como eu trabalho em várias escolas, tem escola que tem e escola que não tem. Aqui para a escola\*\*\*\* não veio, então e lá no \*\*\*\* já encaminhei, já tá melhorando! Já estou desenvolvendo! E a partir de quando eu detecto, porque como eu sou de área, eu fico em várias escolas, cada ano a assessoria me manda para alguma escola, mas eu sou efetiva, e aí até eu conhecer esses alunos! Então demora bastante [...]

**PROFESSORA REGENTE DE ESCOLA PÚBLICA B:**

[...] vários alunos que foram encaminhados para Articulação, assim nesse tempo de 2016 até agora, este ano, nós não temos nenhuma articuladora infelizmente, mas assim, eu percebo no decorrer desse tempo, os resultados são poucos infelizmente, eu não sei por que, talvez falta do interesse, também por parte dos alunos eles faltam, tem um período, que eu tinha que vir no contraturno, também não vinham, então assim os resultados pra mim são muito falhos. Foi sugerida, eu sugeri até para professora tirar esses alunos que não vinham no contraturno, no período de dar aula mesmo, porque eles estão lá na sala, mas geralmente não consegue desenvolver as atividades, no ano passado ela até fez isso, tão assim, eu penso muito que há muito a falta de ir das crianças, mesmo o querer.

**PROFESSORA REGENTE DE ESCOLA PÚBLICA C:**

O resultado que a gente obtém é que o aluno desenvolve um pouco melhor na articulação, o que acaba influenciando no desenvolvimento das atividades em sala de aula, todas as atividades que eles fazem lá, são atividades de leitura, escrita e produção, que reflete diretamente na aula que o professor tá dando, lá na sala de aula regular.

**PROFESSORA REGENTE EXTRA LESSON A:**

[...] e o *Extra Lesson* foi fundamental para que eles resgatassem momentos do desenvolvimento deles que estavam mesmo atrapalhando o caminhar deles. Então alunos que tinham muita insegurança, já tinha um processo muito bom de aprendizado, mas demonstravam uma insegurança, de uma dificuldade, por exemplo, da leitura, mas que eu sabia que já estavam alfabetizado, que já sabia ler e escrever, mas tinha uma insegurança muito grande e não conseguiam fazer o que precisava, que lhe era oferecido, e aí o *Extra Lesson* ajudou a desatar esses nós, assim no desenvolvimento com todo o apoio que ele oferece. Os alunos que foram atendidos todos eles, alguns totalmente, avançaram totalmente, outros porque tinham outras questões junto, dela caminhavam em algumas coisas assim. Mas o *Extra Lesson* foi fundamental para todos eles mesmos foi um grande apoio mesmo. [...]

**PROFESSORA REGENTE EXTRA LESSON B:**

Então os resultados foram trazidos aos poucos, então tiveram avanços na organização geográfica corporal, tiveram avanços na psicomotricidade fina, avanços na psicomotricidade motora ampla, por exemplo tinha crianças que nós pegamos no primeiro ano e ela só conseguiu pular uma corda, obedecendo no tempo da corda, no quarto ano, então teve que ser feito um trabalho de movimento com ela no *Extra Lesson* para que ela tivesse uma autoconfiança e vencer a barreira da pulação de corda, porque a pulação de corda ela exige muito da criança, então a criança tem que perceber o tempo da corda, criança tem que perceber o movimento do próprio corpo que ela tem que fazer pra entrar na corda, como te falei foram sete a oito crianças atendidas, em que cada uma teve seu avanço progressivamente chegando ao quinto ano com aprendizagens significativas dentro da sala de aula. Porque eu tive esse apoio extraclasse.

**PROFESSORA REGENTE EXTRA LESSON C:**

[...] bem, eu tive alguns alunos sim, atendidos por esse método, e eles assim, tiveram um progresso, é a tive alunos que tinham problemas até mesmo com equilíbrio, e esse equilíbrio atrapalha bastante na aprendizagem, isso ajudou bastante na parte cognitiva também da aprendizagem, de compreensão, e às vezes eu percebia. E assim eu percebi assim que corpo tem muito a ver, com aprendizagem cognitiva, tem que estar atrelado.

Relação entre professor regente e professor articulador ou especialista <i>Extra Lesson</i>	<p><b>PROFESSORA REGENTE DE ESCOLA PÚBLICA A:</b> [...] então que eu faço a minha parte encaminho para coordenação, que é tudo que a coordenação, porque quem faz esse trabalho, é português, eles passam para a professora de língua portuguesa [...]</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE DE ESCOLA PÚBLICA B:</b> Relatório?! você diz? Se tem essa “passa”, o que que dá? Não, até mesmo os relatórios que no caso eu lanço no sistema, eu coloco o que eu trabalho, coloquei que foi encaminhado para a articulação, mas assim o trabalho em si mesmo que foi trabalhado não, não temos isso.</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE DE ESCOLA PÚBLICA C:</b> Essa relação, quando a escola tem articulação, porque não é todos os anos que a escola desenvolve a Articulação. Então quando a gente tem, aqui geralmente o professor da Articulação ela trabalha junto com o professor regente da sala de aula e em conversas a gente se encontra, aí vai falando sobre os alunos, sobre as atividades que ele está desenvolvendo lá, o que que o professor da de sugestão para que o articulador trabalhe, é mais ou menos assim, na troca de experiência.</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE <i>EXTRA LESSON</i> A:</b> [...] olha era assim, na minha vivência, e experiência com relação a esse trabalho, foi muito bom, foi era uma troca, a gente tinha essa troca, de falar quais eram as queixas, dos alunos, do que eles precisavam, de alguma coisa que eles precisavam na verdade. Quais eram as dificuldades, a professora T*** era quem fazia os atendimentos, então era uma troca muito valiosa mesmo, assim tinha de períodos em períodos, a gente sentava e eu falava como as crianças estavam, ela dava retorno do que acontecia na sala, me dava dicas, eu poderia também fazer na sala mesma, para tentar ajudar também essas crianças, mas esse toda, essa troca era muito, muito importante e ela acontecia de fato.</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE <i>EXTRA LESSON</i> B:</b> [...] no início como eram crianças pequenas de 6 e 7 anos, ela fazia atividades em grupo, então durante as tardes ela ia na classe que fazia as dificuldades em roda, depois quando, no segundo semestre que a gente foi tendo mais contato com as crianças observando mais, quais as dificuldades que cada um apresentava, aí eu fiz um plano, a partir de uma queixa inicial, daí ela começou a trabalhar individualmente com cada criança.</p> <p><b>PROFESSORA REGENTE <i>EXTRA LESSON</i> C:</b> SIM, quando possível sim, mas como foi espaçado, né, por conta de alguns problemas que deu, teve que parar, enfim, mas eu tinha esses retornos sim.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Os entrevistados foram três professoras regentes, que tiveram seus estudantes encaminhados para a sala de articulação, e três professoras regentes que tiveram alunos encaminhados e atendidos por especialista do *Extra Lesson*. Foram observadas três unidades de sentido constantes na fala das professoras regentes da escola pública. A percepção desses professores tem base na sua experiência com os alunos que lhe foram encaminhados — alunos que não eram alfabetizados —, todas as professoras da escola pública regentes foram unânimes em dizer que o aluno que é encaminhado para a sala de articulação é o aluno que não sabe ler nem escrever.

As professoras regentes que tiveram seus estudantes atendidos pela especialista *Extra Lesson* disseram que encaminharam alunos que, em alguns momentos, pararam de avançar, apresentando dificuldades de lateralidade, problema na leitura e na escrita. Sobre a unidade de sentido referente aos “resultados que essas crianças apresentaram, as professoras do *Extra*

*Lesson*” foram mais incisivos e mais categóricos quando falaram sobre os bons resultados que os seus alunos apresentaram após a intervenção. Já as professoras da escola pública, em relação à interação e troca entre o professor regente/professor articulador, não foram unânimes ao falar da interação. Ao mesmo tempo, os professores regentes falaram sobre a importância desse profissional.

As professoras do *Extra Lesson* demonstraram satisfação maior com essa interação, sempre reforçando a importância de ter esse profissional com conhecimento voltado para as crianças que têm dificuldade de aprendizagem. Isto porque, de certa forma, as professoras regentes, principalmente de área, como as que foram entrevistadas, acumulam grande número de alunos, e até elas perceberem que um deles tem dificuldade de aprendizagem leva certo tempo, e se acontece uma intervenção o trabalho do professor regente tem um melhor desempenho.

Diante dos desafios enfrentados e apresentados pelas professoras regentes em desenvolver metodologias para trabalhar com os estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagens, o empenho é, notadamente, constante em desenvolver um bom trabalho. Porém, evidencia-se uma realidade limitante, que está enquadrada, engessada e que a presença de um professor articulador é uma figura que representa um “socorro” não só para os estudantes, mas também para as professoras regentes de turmas variadas.

O Especialista do *Extra Lesson* tem uma prática voltada para a compreensão da criança e do adolescente que transcende a visão pedagógica materialista. Esse fato, talvez seja o grande diferencial, ou seja, os fundamentos teóricos embasados no ser humano, um ser complexo, dotado de uma vivência espiritual, portanto, integradora do processo de aprendizagem. Não é só a cabeça, o intelecto do estudante que importa para a visão antropológica, mas todos os órgãos, todo o corpo, as vivências, as emoções e evolução desse ser humano aprendiz, pois não há uma separação dos sentidos; o que há é um ser humano dotado de todas essas coisas juntas.

Para as professoras regentes da escola pública, a atuação da articulação tinha que ser constante e em todas as unidades escolares, demonstrando, em suas falas, que “tem escolas que não tem e outras que tem articulação”, ou, se houver, essa informação não é compartilhada com todo o corpo docente. Há uma urgência de colaboração para as professoras regentes em ter esse apoio especializado, pois a educação voltada para o Ciclo de Formação Humana requer, em todo o seu curso de nove anos, o desenvolvimento pleno da criança e do adolescente, não podendo ser negado o apoio para os que apresentam dificuldade de aprendizagem.

Na fala de todas as professoras regentes entrevistadas, nos dois grupos, há um compromisso e uma grande preocupação com as crianças e adolescentes que apresentam dificuldade de aprendizagem, pois esses estudantes estão em um processo formal de estudo, e todos os professores envolvidos são responsáveis por essa criança, mas esses professores não constatarem o avanço cognitivo esperado para esse estudante. Isso leva os professores à culpabilização, não só no âmbito escolar, mas no meio social, através das avaliações externas. Entendemos que essa culpa não é dos professores, mas de toda uma organização, que muda a cada plano de governo, para o qual esses professores não são ouvidos em suas necessidades e nas dos seus alunos. Esse processo é doloroso para todos — estudantes, professores e família —, não podendo ser silenciado.

É cada vez mais comum ouvirmos falar sobre a síndrome de *Burnout* ou Síndrome do Esgotamento profissional, e, segundo o Ministério da Saúde,

Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. Esta síndrome é comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes, como médicos, enfermeiros, professores, policiais, jornalistas, dentre outros. Traduzindo do inglês, "burn" quer dizer queima e "out" exterior. A Síndrome de Burnout também pode acontecer quando o profissional planeja ou é pautado para objetivos de trabalho muito difíceis, situações em que a pessoa possa achar, por algum motivo, não ter capacidades suficientes para os cumprir. Essa síndrome pode resultar em estado de depressão profunda, (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, p. 01).

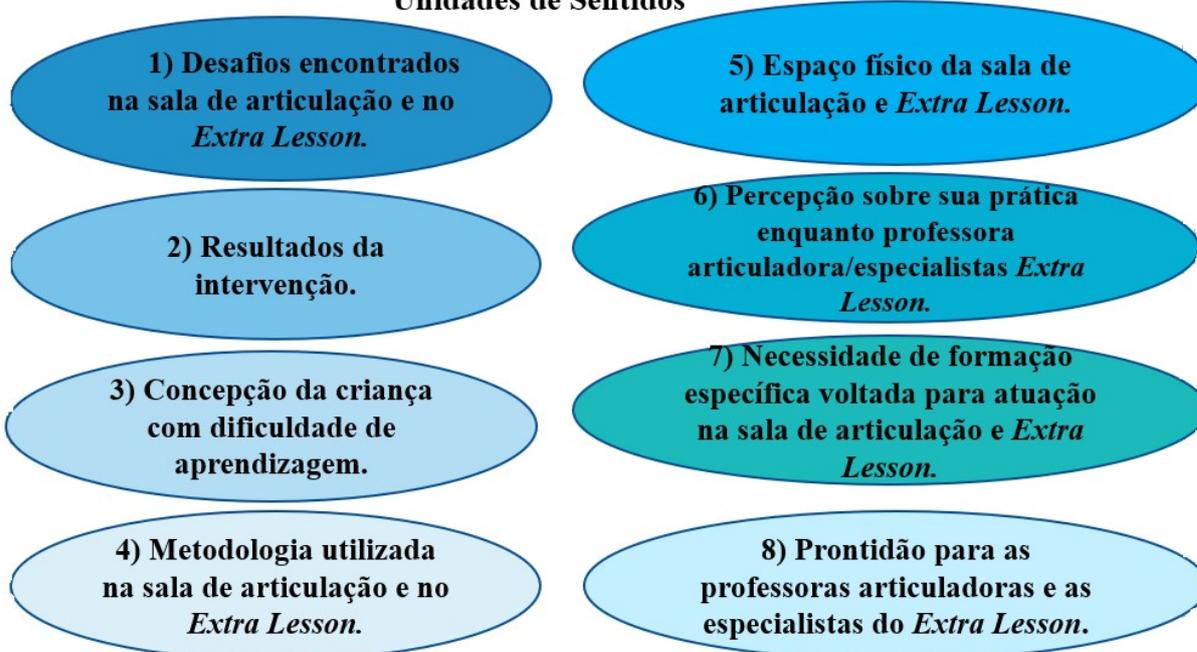
Para as professoras regentes entrevistadas, o estudante com dificuldade de aprendizagem representa uma preocupação a mais em sua tarefa de educar, tendo que incluir, em sua hora atividade, aulas de reforço no contraturno para uma criança ou adolescente que não esteja alfabetizado. Não podemos deixar de ressaltar a boa intenção das professoras regentes ao adotar essa postura, mas é um esforço que não depende apenas de boas intenções. É necessário que se tenha uma fundamentação teórica que possibilite bons resultados, pois, de outro modo, restará a essa professora ou professor a sensação de impotência esmagadora.

### 5.3 Síntese dos resultados

#### Unidades de Sentidos

(Professoras da sala de articulação e Especialistas *Extra Lesson*)

#### Unidades de Sentidos



#### Unidades de Sentidos

1) Desafios encontrados na sala de articulação e no *Extra Lesson*;

##### Professoras da sala de articulação

- ✓ Dificuldades de trabalhar em duas escolas;
- ✓ Quantidade elevadas de crianças por sala;
- ✓ Período de greve;
- ✓ Pouco tempo semanal para trabalhar com as crianças;
- ✓ Medo/insegurança de atuar na sala de articulação.

##### Especialistas *Extra Lesson*

- ✓ Aceitação do diploma de qualificação no *Extra Lesson*;
- ✓ Trabalhar com crianças mais velhas;
- ✓ Adaptação do espaço.

## Unidades de Sentidos

### 2) Resultados da intervenção

#### Professoras da sala de articulação

- ✓ Foram observados resultados a partir de projetos de intervenção, desenvolvidos com as professoras regentes.

#### Especialistas *Extra Lesson*

- ✓ Obtiveram bons resultados com crianças que tinham dislexia, discalculia, e que faziam o uso de Ritalina.
- ✓ Desenvolveram avaliação prévia da alfabetização.

## Unidades de Sentidos

### 3) Concepção da criança com dificuldade de aprendizagem

#### Professoras da sala de articulação

- ✓ Não acompanham a turma;
- ✓ Não sabem ler e escrever;
- ✓ São oriundas de famílias desestruturadas;
- ✓ Não estão alfabetizadas do 3º ao 6º ano.

#### Especialistas *Extra Lesson*

- ✓ É o aluno que apresenta dislexia, discalculia;
- ✓ Transtornos de comportamentos;
- ✓ Transtornos de déficit de atenção com hiperatividade;
- ✓ Disortografia.

### Unidades de Sentidos

#### 4) Metodologia utilizada na sala de articulação e no *Extra Lesson*;

##### Professoras da sala de articulação

- ✓ Trabalha com vários materiais pedagógicos;
- ✓ Método fônico;
- ✓ Boa organização pedagógica;
- ✓ Jogos pedagógicos.

##### Especialistas *Extra Lesson*

- ✓ Trabalho em parceria com outros profissionais e instituições;
- ✓ Atua de forma individual ou grupo;
- ✓ Exercícios corporais;
- ✓ Brincadeiras folclóricas;
- ✓ Cantar e se exercitar;
- ✓ Investigação da maturação biológica dos sentidos.

### Unidades de Sentidos

#### 5) Espaço físico da sala de articulação e *Extra Lesson*;

##### Professoras da sala de articulação

- ✓ Organizando o espaço disponibilizado nas duas escolas;
- ✓ Precisa ser um espaço acolhedor e agradável;
- ✓ Há escolas que possuem este espaço.

##### Especialistas *Extra Lesson*

- ✓ Espaço equipado para atendimento e desenvolvimento das atividades motora das crianças.

### Unidades de Sentidos

#### 6) Percepção sobre sua prática enquanto professora articuladora/especialistas *Extra Lesson*;

Professoras da sala de articulação	Especialistas <i>Extra Lesson</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Propiciar momentos prazerosos para os estudantes;</li> <li>✓ Tratar e acolher bem as crianças para o desenvolvimento da leitura e da escrita;</li> <li>✓ Compreender e desenvolver um bom trabalho com as crianças.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Preocupação íntima de desbloquear as crianças com dificuldades de aprendizagem;</li> <li>✓ Cuidar para a criança não ser invadida e nem precise tomar remédios;</li> <li>✓ Que a criança Seja respeitada;</li> <li>✓ Trabalhar em parceria com os pais e professores para o bom desenvolvimento na vida escolar.</li> </ul>

### Unidades de Sentidos

#### 7) Necessidade de formação específica voltada para atuação na sala de articulação e *Extra Lesson*;

Professoras da sala de articulação	Especialistas <i>Extra Lesson</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Todas as professoras articuladoras disseram ser necessário uma formação específica para trabalhar com crianças com dificuldades de aprendizagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Todos os especialistas do <i>Extra Lesson</i> falam que o método é fundamental na sua prática para trabalhar com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.</li> </ul>

### Unidades de Sentidos

#### 8) Prontidão para as professoras articuladoras e as especialistas do *Extra Lesson*.

Professoras da sala de Articulação

✓ Não aparece.

Especialistas *Extra Lesson*

✓ A prontidão aparece na fala das 3 especialistas do *Extra Lesson*, de modo a ser observado no desenvolvimento de cada criança.

### Unidades de Sentidos

(Professoras regente que tiveram seus estudantes atendidos por Especialistas *Extra Lesson* ou da sala de articulação)

### Unidades de Sentidos

1) Alunos que são encaminhados

2) Resultados da intervenção

3) Relação entre professor regente e professor articulador ou especialista *Extra Lesson*

### Unidades de Sentidos

#### 1) Alunos que são encaminhados

##### Professoras regente – Articulação

- ✓ É o aluno que não sabe ler e nem escrever;

##### Professoras regente – *Extra Lesson*

- ✓ Alunos que, em alguns momentos, pararam de avançar, apresentando dificuldades de lateralidade, problema na leitura e na escrita.

### Unidades de Sentidos

#### 2) Resultados da intervenção

##### Professoras regente – Articulação

- ✓ Pouco desenvolvimento;
- ✓ Desenvolvendo um pouco melhor;
- ✓ Ajuda a se desenvolver em sala da aula.

##### Professoras regente – *Extra Lesson*

- ✓ Foi fundamental para que eles resgassem momentos do desenvolvimento deles;
- ✓ Os resultados foram trazidos aos poucos, tiveram avanços na organização geográfica corporal, tiveram avanços na psicomotricidade fina, avanços na psicomotricidade motora ampla.
- ✓ Tiveram um progresso, tive alunos que tinham problemas até mesmo com equilíbrio, e esse equilíbrio atrapalha bastante na aprendizagem, isso ajudou bastante na parte cognitiva da aprendizagem, de compreensão. Eu percebi assim que corpo tem muito a ver, com aprendizagem cognitiva, tem que estar atrelado.

## Unidades de Sentidos

### 3) Relação entre professor regente e professor articulador ou especialista *Extra Lesson*

#### Professoras regente – Articulação

- ✓ Duas das professoras entrevistadas demonstraram não ter uma boa relação com os professores articuladores;
- ✓ Apenas uma disse trocar experiências sobre a situação dos alunos com dificuldade de aprendizagem.

#### Professoras regente – *Extra Lesson*

- ✓ Conforme as respostas das professoras todas tinham retorno da especialista *Extra Lesson*.
- ✓ Trocavam informações sobre o desenvolvimento das crianças.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscamos contribuir com uma abordagem que favoreça o trabalho de professoras e professores de escolas públicas que atuam com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. O método *Extra Lesson* e a Pedagogia Waldorf são conhecimentos atuais. A Pedagogia Waldorf completou 100 anos, em 2019, e é cada vez mais evidente a sua atualização, enquanto conteúdo, currículo, um caminho metodológico para a aprendizagem e desenvolvimento humano.

Quanto aos sujeitos da nossa pesquisa, observamos quão desafiador é trabalhar com algo novo, como o *Extra Lesson*, e específico, como a sala de articulação, e neste estudo vislumbramos dois universos: a sala de articulação e o método *Extra Lesson*, o que trazem em comum, o que têm de diferente.

Na nossa perspectiva, o método *Extra Lesson* tem a base necessária para enxergar além do que está posto, tradicionalmente concebido como aprendizagem. Nesse percurso, em contato com as professoras regentes das escolas, percebemos como é necessário um professor que tenha um conhecimento fundamentado na dificuldade específica de aprendizagem, pois a criança que apresenta essa dificuldade precisa de um acompanhamento diferenciado.

A professora regente que está em sala de aula, com turmas grandes, de 25, 30 alunos, como é o caso de algumas entrevistadas professoras regentes, as quais trabalham em mais de uma escola e têm, por ano, mais de 300 alunos, precisam do auxílio de um professor que atenda, minuciosamente, o estudante que tem dificuldade de aprendizagem.

Na Pedagogia Waldorf, a figura do professor de turma, que acompanha a turma do primeiro ao oitavo ano, vai em busca desse conhecimento dos alunos, dessa atmosfera que cada turma apresenta. Na escola pública estadual do Mato Grosso não há a figura de um professor que acompanhe a turma do primeiro ao nono ano. No entanto, a escola de Ciclos de Formação Humana, em sua proposta, traz a possibilidade de acompanhamento do professor unidocente do primeiro ao quinto ano, que, de certa forma, vem sendo desvirtualizada por políticas de contenção de gastos na educação pública.

A dificuldade de aprendizagem necessariamente nos faz pensar em políticas educacionais, em relação institucional, na relação dos seres humanos envolvidos nesse processo, professor/professor, professor/aluno, professor/família, pois todos são importantes parcerias. Há uma busca por parceiros, no sentido de que haja pessoas que pensem juntas sobre a dificuldade de aprendizagem.

No período posterior aos 50 anos da fundação da Pedagogia Waldorf por Steiner houve grandes transformações sociais, novas formas de informação em massa, através do rádio e da televisão. Com essa questão tecnológica nova, para a época, Aldrey McAllen percebeu que houve um aumento significativo de crianças com dificuldade de aprendizagem. Depois da década de 1970, os avanços tecnológicos aceleraram cada vez, mais, influenciando diretamente as relações, a interação humana e o desenvolvimento de movimentos próprios das crianças no primeiro setênio. O aprendizado, hoje, está extremamente atravessado pela tecnologia, e a criança atual, do século XXI, vive em um mundo permeado por novas formas de interação, novas formas de lidar com a natureza e com o próprio ambiente. Todas essas mudanças tecnológicas têm influenciado significativamente o comportamento das crianças, de forma a transformar a aprendizagem.

Há, cada vez mais, uma gama de informações muito acessível às crianças, que, de certa forma, distancia a essência do ser humano histórico, de um ser humano que precisa da ligação com a natureza. A educação tradicional busca absolver, aderir a essa tecnologização, de modo que, a partir dos conhecimentos antroposóficos, é possível que haja um desequilíbrio entre os movimentos próprios do primeiro setênio das crianças. Essa tecnologia que surge e se instala no cotidiano das crianças faz com que elas deixem de realizar atividades físicas e motoras que seriam necessárias para o seu desenvolvimento físico, cognitivo e, posteriormente, espiritual.

Quando buscamos entender a dificuldade de aprendizagem a partir do *Extra Lesson* observamos a busca desse resgate pelos movimentos que são próprios do desenvolvimento humano, visando alinhar esse desenvolvimento, fazer, através de exercícios, que a criança adquira um equilíbrio entre o que se espera de uma criança do século XXI e o desenvolvimento histórico que o ser humano conquistou ao longo dos séculos.

A busca pelo aprendizado das Especialistas *Extra Lesson*, em ter uma formação voltada para a criança com dificuldade de aprendizagem, nas entrevistas e os relatos aparece como uma escolha das entrevistadas trabalhar com as crianças que, por algum motivo, apresentam dificuldades de aprendizagem. Essa escolha aparece nas falas de todos os especialistas do *Extra Lesson*, diferentemente das professoras que trabalham na articulação, que fazem uma opção partindo de uma oportunidade de inserção profissional para trabalhar na sala de articulação.

Todas as entrevistadas articuladoras não são do quadro efetivo das escolas, ou seja, elas têm contratos temporários, apresentam boa formação, são formadas em Pedagogia, têm especialização. Devido à forma com que o processo de seleção para atuar na articulação está

posto, quem assume a sala de articulação são profissionais que não fazem parte do quadro efetivo das escolas. Do nosso ponto de vista, isso faz parte de uma política de cortes de gastos que não é benéfica para o quadro de professores como um todo da unidade escolar, pois,

quando o educador conhece a realidade de seus alunos, ele tem condições de construir um projeto curricular que venha a contribuir na construção do conhecimento, procurando relacionar o novo, com o que o aluno já sabe. Somente assim a escola se torna palco de aprendizagem e passa a construir um projeto político pedagógico que seja inerente a formação de estudantes construtores de um novo mundo e de novas relações (FREITAS *APUD* SILVA, 2013?, p. 2).

O professor articulador deveria fazer parte do quadro efetivo das escolas, tamanha é sua importância. Assim, a sua formação estaria em constante desenvolvimento nessa especialidade — criança com dificuldade de aprendizagem —, e seu trabalho teria continuidade e uma integração maior com o coletivo da unidade escolar.

O professor interino, que é o professor temporário, a cada ano ele pode estar atuando em escolas diferentes, dependendo das avaliações no processo de seleção e atribuição de aulas. Isso nos remete a uma visão tecnicista, a que a educação está sendo submetida, conforme afirma Freitas:

a partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirado nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, [...] advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional.” [...] “... na pedagogia tecnicista [...] é o processo que define o que professores e alunos devem fazer, e assim também quando e como o farão (SAVIANI *APUD* FREITAS, 2011, p. 2).

Esse atravessamento tecnicista na gestão escolar impossibilita a continuidade para o trabalho do professor articulador na mesma unidade escolar. Há um silenciamento, uma busca por interromper esse trabalho do professor articulador, sendo que ele é uma peça muito importante, não só para a criança que tem dificuldade de aprendizagem, mas para os professores regentes. Esses professores regentes, na sala de aula regular, com as crianças com dificuldade de aprendizagem, não conseguem atender essa criança como ela precisa ser atendida, devido ao tempo que precisa passar com cada uma delas. Por isso a importância do professor articulador.

Os fundamentos da Pedagogia Waldorf apontam caminhos coerentes com o desenvolvimento do ser humano, buscando no próprio ser humano uma essência que é universal. Devido às mudanças ocorridas na sociedade e com a inserção da tecnologia existem alguns fatores ou algumas práticas que acabam ocasionando, no meio da Pedagogia Waldorf, os distúrbios de aprendizagem. Então, o método *Extra Lesson* vem para trabalhar as

dificuldades de aprendizagem de todas as crianças, não só da criança que recebe a educação waldorf, metodologia com fundamentos antroposóficos desenvolvidos por Aldrey McAllen. Em geral, são crianças que precisam de algum tipo de equilíbrio ou recuperar alguma fase que foi deixada de ser estimulada durante seu primeiro setênio.

O método *Extra Lesson* trabalha buscando compreender o porquê desse aluno se encontrar nessa situação de dificuldade de aprendizagem, e não busca somente o que está acontecendo no momento atual, mas faz um resgate do desenvolvimento da criança. O mesmo não acontece na sala de articulação, em que a busca está no desenvolvimento do cognitivo, nas habilidades de aprender ler, escrever e contar, e está mais voltado para a dificuldade no momento atual em que a criança está. Essa prática, na articulação, está fundamentada muito mais em uma visão materialista, cognitivista que busca um sujeito que aprenda.

Quanto à formação das especialistas em *Extra Lesson*, todas elas têm formação em Pedagogia Waldorf ou em seminário Waldorf e especialização em *Extra Lesson*, que é uma formação direcionada para a criança que tem dificuldade de aprendizagem com base antroposófica e que dá todo um respaldo metodológico para as questões de dificuldade de aprendizagem.

Observamos que os desafios enfrentados pelas professoras articuladoras são diferentes dos desafios enfrentados pelas professoras que atuam com o *Extra Lesson*. Na sala de articulação é estabelecida a sua atuação na escola, enquanto que a atuação com o *Extra Lesson* não necessariamente precisa ser na escola, ela pode ultrapassar os muros da escola e ter um atendimento diferente do que é oferecido na sala de articulação. O atendimento do *Extra Lesson* tem essa flexibilidade, de poder ser desenvolvido no âmbito escolar, como a sala de articulação, mas pode ser desenvolvido como uma especialidade por um/a fonoaudiólogo/a, psicopedagogo/a, e não necessariamente precisa ser dentro do espaço escolar.

Ao fundar as escolas Waldorf Steiner não tinha a pretensão de uniformizar o aprendizado nessas escolas, mas fundamentar sua metodologia em uma ciência voltada para o desenvolvimento humano e espiritual, como é proposto na Antroposofia, e através da educação fortalecer os corpos físicos e espiritual, abrindo os sentidos do ser humano para uma educação livre de dogmas e aberta para um conhecimento verdadeiro que não esbarra em conhecimentos pedagógicos preestabelecidos; uma educação holística, fazendo uma ligação entre o homem, a ciência, a natureza e a espiritualidade.

Neste estudo, nas seções teóricas buscamos aprofundar a concepção de criança no primeiro e segundo setênio, com fundamentação a teórica da Antroposofia, da Pedagogia

Waldorf e do *Extra Lesson*, que pudesse contribuir para quem busca compreender a educação a partir dos fundamentos da Pedagogia Waldorf. Quanto aos objetivos específicos, buscamos analisar a formação dos(as) professores(as) que atuam na sala de articulação e com o método *Extra Lesson*. A partir das entrevistas e dos relatos constatamos que a formação para atuar na articulação com crianças com dificuldade de aprendizagem é uma formação não específica, mas todas as entrevistadas tinham formação em Pedagogia e especializações em variadas áreas. Para atuar na sala de articulação não há uma formação específica, a prática depende da experiência de cada articuladora com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Durante a pesquisa nos deparamos com os professores regentes de sala de aula, e percebemos quão desafiador é trabalhar com crianças com dificuldades de aprendizagem sem o apoio de um professor que tenha os conhecimentos de uma formação voltada para o atendimento dessas crianças. As professoras regentes revelam, em suas falas, a preocupação com essa criança ou adolescente que está na sala de aula e não consegue acompanhar o trabalho pedagógico. No entanto, com uma carga horária de trabalho demasiada, e um número excessivo de alunos nas turmas, essas professoras, principalmente as de área, ou de disciplinas, como português e matemática, sentem-se impossibilitadas de trabalhar com a criança ou o adolescente que tem dificuldade de aprendizagem, sem o apoio de um professor articulador.

Os conhecimentos sobre o método *Extra Lesson* poderiam ser um apoio teórico e metodológico para as professoras que trabalham na articulação com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. A vontade de fazer a diferença na vida dessas crianças e adolescentes é evidente nas falas dessas entrevistadas. Elas buscam trabalhar a partir do que encontram na internet, em livros e palestras, mas não têm uma formação específica para trabalhar com a criança com dificuldade de aprendizagem. Suas práticas são muito mais voltadas para a autoformação.

Evidenciar as dificuldades de aprendizagem da criança nos mostra o quanto esse tema se revela e revelará caro, no sentido duplo da palavra, para a educação. Caro enquanto necessário, pois é uma realidade cada vez maior nas escolas, e caro enquanto investimento na educação pública, demandando professores(as) habilitados para um acompanhamento pedagógico individualizado dos estudantes.

Finalizamos este trabalho com a percepção que ao apresentarmos nossas análises e nossas considerações finais, atingimos o objetivo geral que era de compreender a formação dos professores que trabalham com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem na

sala de Articulação da escola de Ciclos de Formação Humana e na Pedagogia Waldorf à luz do método *Extra Lesson*. Todos os objetivos específicos foram alcançados ao longo do estudo.

Por conseguinte, respondemos nossa problemática que era entender de que modo o método *Extra Lesson*, com os fundamentos da Pedagogia Waldorf, pode contribuir para o desenvolvimento e a autoconfiança dos alunos encaminhados para a Sala de Articulação na escola de Ciclos de Formação Humana, que apresentam dificuldades de aprendizagem?

## 7 REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Silvia Beatriz Prado. Importância das etapas do desenvolvimento infantil para a aprendizagem: ferramentas de avaliação e atuação pedagógico-terapêutica oferecidas pelo Método Extra Lesson. In: BACH, Jr. Jonas (Org.). **A educação Waldorf no século XXI**. Curitiba: Lohengrin, 2019. p. 86 – 101.
- BACH, Jr. Jonas. **A Pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner**. Tese de Doutorado. Curitiba, 2012.
- BERTALOT, Leonore. **Criança Querida – O dia-a-dia da Alfabetização**. São Paulo – SP: Associação Comunitária Monte Azul/UNESCO, 1993. 1ª edição.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Unimep, 1994.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: 2001.
- CARDOSO, Kryss Ellem Honório. **Gestão Participativa na Educação Básica: Escola Pública e Escola Waldorf – Cáceres, 2018**. 302 f. (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Educação, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.
- CAMPOS, Neide da Silva. **Laboratório de aprendizagem: perfil dos alunos encaminhados do 4º e 5ª anos**. Conedu, 2017.
- COSTA JR. Wercy Rodrigues. **Política educacional no contexto do neoliberalismo**. Revista da Faculdade de Educação Ano VIII nº 13 (Jan./Jun. 2010).
- CHABANNE, Jean-Luc. **Dificuldades de aprendizagem: um enfoque inovador do ensino escolar**; tradução Regina Rodrigues – São Paulo: Ática, 2006. 160p.
- DIAS, Lucinda. **Problemas de aprendizagem: procedimentos pedagógico-terapêuticos nas dificuldades de encarnação**. Antroposófica, 1995.
- DEL REY, Cristina. DE JESUS, Ramakrisna. **Brincadeiras Cantadas**. Curso Brasil de Pedagogia Waldorf – Vale de Luz – Nova Friburgo – RJ. 2015.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Doutrina das Cores.** São Paulo – SP: Ed. Nova Alexandria, 1993. 1ª. edição.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GRAÇAS, Elizabeth Mendes das. **Pesquisa Qualitativa E A Perspectiva Fenomenológica: Fundamentos Que Norteiam Sua Trajetória.** Reme- Rev. Min. Enf., 4(1/2):28-33, jan./dez., 2000.
- FARIAS, Marly Souza Brito. A história da Educação em Rondonópolis. Disponível em: <https://www.agoramt.com.br/2012/12/a-historia-da-educacao-em-rondonopolis/>. Acessado em 07 de outubro de 2019.
- FREITAS, Luiz Carlos. **Responsabilização, meritocracia e privatização: conseguiremos escapar ao neotecnicismo?** SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 3. Simpósio PNE – Diretrizes para Avaliação e Regulação da Educação Nacional. Campinas: CEDES, 2011.
- HEIDE, Paul von der. **Terapia Artística – Introdução aos Fundamentos da Pintura Terapêutica** Vol. I. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2003. 2ª ed.
- HEYDEBRAND, Caroline von. **A Natureza Anímica da Criança.** São Paulo – SP: Ed. Antroposófica, 1983.1ª edição.
- IGNÁCIO, Renate Keller. **Criança Querida: o dia-a-dia das creches e jardim de infância.** São Paulo. Antroposófica: Associação Comunitária Monte Azul,1995.
- JOSÉ, Elisabete da Assunção. COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem.** São Paulo – SP: Editora Ática. 2006.
- LANZ, Rudolf. **Noções Básicas de Antroposofia.** Editora: Antroposofia. 8ª Ed. 2007.
- No país, 625 mil crianças com déficit de atenção não são diagnosticadas.** Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/11/no-pais-625-mil-criancas-com-deficit-de-atencao-nao-sao-diagnosticadas.html> 2/15. Acesso em 30 de setembro de 2017.
- LIEVEGOED, Bernad. **Desvendando o crescimento – As fases evolutivas da infância e da adolescência.** São Paulo. Antroposófica, 1994.
- \_\_\_\_\_, Bernad. **Fases da Vida: crises e desenvolvimento da individualidade.** São Paulo. Antroposófica, 1994.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, 1990/1991.

- MCALLEN, Audrey E. **Método *Extra Lesson*, volume I: recursos especiais em Pedagogia Waldorf: exercícios**; tradução de Ana Cristina Corvelo da edição americana ver. e ampl. Por Ingun Scheneider. – 2. ed. – São Paulo: Antroposófica, 2015.
- MCALLEN, Audrey E. **Método *Extra Lesson*, volume II: recursos especiais em Pedagogia Waldorf: exercícios**; tradução de Ana Cristina Corvelo da edição americana ver. e ampl. Por Ingun Scheneider. – 2. ed. – São Paulo: Antroposófica, 2016.
- MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil**. São Paulo – SP: Ed. Terceiro Nome, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Depressão: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção**. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/depressao>. Acessado em: 14/01/2020.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**; tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Araripe de Sampaio Doria. – Ed. Revista e modificada pelo autor – 15º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. – 6 ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.
- NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf>. Acessado em: 02 de setembro de 2019.
- PERONI, V. M. V. 2016. **Relação público-privado na educação básica: a democratização da educação?** 2016. Revista Movimento. Disponível <http://www.revistamovimento.uff.br/index.php/revistamovimento/article/view/318> Acessado em 09 de janeiro de 2019.
- PETRAGLIA, Marcelo. **Canções Escolares e História do Natal**. São Paulo – SP: Ed. Antroposófica, 2009.
- PIAGET, Jean. **Para Onde Vai a Educação?** RJ, Livraria José Olympio Editora, 1975, 3ª. edição.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro. Editora Forense-Universitária. 1984, Relatório sobre o Ciclo de formação humana. **Conhecer, planejar e implementar nas Escolas da Rede Pública Estadual de Mato Grosso**. Assembleia Legislativa de Mato Grosso, Cuiabá. 2016.

- RICOEUR, Paul. **A função hermenêutica do distanciamento:** in. *Interpretação e Ideologias*. São Paulo, Francisco Alves, 3ª ed. 43-59, 1988.
- ROMANELLI, Rosely A. **A arte e o desenvolvimento cognitivo – um estudo sobre os procedimentos artísticos aplicados ao ensino em uma Escola Waldorf.** São Paulo: 2008. 270 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.
- ROMANELLI, Rosely A. A cosmovisão antroposófica: educação e individualismo ético. **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, n. 56, p. 49-66, abr./jun. Editora UFPR. 2015.
- ROMANELLI, Rosely A. **A Pedagogia Waldorf: cultura, organização e dinâmica social – volume 1. 1.ed. – Curitiba: Appris, 2017.**
- SILVA, Rosângela Borges. **Professor articulador da aprendizagem: reflexões sobre a práxis pedagógica nas escolas organizadas em ciclos de formação humana. Disponível em:** <https://meuartigo.brasilescuela.uol.com.br/educacao/professor-articulador-aprendizagem.htm>. Acessado em: 04/12/2018.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, p. B. **Metodología de la investigación.** México: McGraw-Hill, 2014.
- STEINER, Rudolf. **Antropologia Meditativa.** SP, Ed. Antroposófica, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A Arte da Educação – I.** SP, Ed. Antroposófica, 1995, 2ª edição.
- \_\_\_\_\_. **A Arte da Educação – II– metodologia e didática no ensino Waldorf.** S. Paulo, SP, Ed. Antroposófica, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A Arte da Educação – III – Discussões pedagógicas.** S. Paulo, SP: Ed. Antroposófica, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Arte e Estética Segundo Goethe.** São Paulo – SP: Ed. Antroposófica, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Andar, Falar e Pensar / A Atividade Lúdica,** SP, Ed. Antroposófica, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A prática pedagógica – segundo o conhecimento científico-espiritual do homem.** S. Paulo – SP: Ed. Antroposófica, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A filosofia da liberdade.** 2. ed. São Paulo – SP: Ed. Antroposófica, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A educação da criança: segundo a ciência espiritual;** tradução de Rudolf Lanz. 5 ed. São Paulo: Antroposófica, 2012.
- SETZER, Sonia A.L. **A educação pode contribuir na prevenção do consumo de drogas?** *Revista Arte Médica Ampliada*. Ano XIX, nº 3. 1999.
- STEPHEN J. Ball & Antonio OLMEDO (2013) **Care of the self, resistance and subjectivity under neoliberal governmentalities,** *Critical Studies in Education*, 54:1, 85-96, DOI: 10.1080/17508487.2013.740678

STREECK, Wolfgang. **As crises do capitalismo democrático**, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/nec/n92/n92a04.pdf>. Acessado em 10 de janeiro de 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WEIMER, Mabel Strobel Moreira. et al. **Escola ciclada de Mato Grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer**. Cuiabá: Seduc, 2000.

## APÊNDICE A – PROFESSORAS DA SALA DE ARTICULAÇÃO

### **Professora de Articulação A:**

**Pesquisadora:** Entrevista gravada no dia 23 de maio de 2019, professora eu gostaria de saber como foi a sua formação, né e como que a senhora chegou até aqui na sala de articulação? Como foi a sua prática? Quanto tempo que a senhora está na sala de articulação? E no decorrer na entrevista eu vou fazendo outras perguntinhas tudo bem?

**Professora de Articulação A:** bom, eu me formei em 2006/2, de 2008 a 2010 eu fiz a especialização, em anos iniciais de educação infantil, trabalho nessas duas áreas né, a sala de articulação para mim é um desafio né, ainda porque eu ainda não tinha trabalhado na sala de articulação, eu tinha coordenado projeto chamado “Mais Educação” na escola Mário Motta, lá nós tínhamos alfabetização e letramento que é bem parecido, então como a gente fez um trabalho bem legal, com material bem diversificado, e sortiu bastante efeito na escola. E pra sala de articulação nesse ano foi montado edital, a gente participou de toda uma seletiva, fizemos o projeto, apresentamos o projeto e o resultado né, veio. Nós pegamos 30 horas, infelizmente esse ano o governo não deu as 30 horas numa escola só. Foi dividido em 2 escolas 1:5 e 1:5, no meu caso eu consegui pegar 20 horas na escola caíque e 1:0 horas na escola são Luís. então nesse 1:º momento eu tô fazendo um levantamento das turmas, haja vista, que a gente, a gente foi atribuída a semana passada, né e daí de lá para cá, já teve a paralisação, e hoje eu vim pro são luís né. E conseguir fazer lá avaliação diagnóstica lá no Caic, na 2ª (feira)na terça(feira) e ontem de manhã. não consegui terminar rs tá, porque o número de alunos é bem expressivo, né então a gente vai ter que fazer um “enxuga” né, porque infelizmente o tempo não dá! E aqui também eu não consegui realizar, porque tem algumas turmas que está realizando provas né, preciso fazer essa avaliação diagnóstica para mim conhecer em que nível de aprendizagem que esse aluno se encontra, por que a minha intensão no trabalho de articulação é associar, entre esses níveis né de aprendizagem, para que possa ser feito um trabalho que que surta efeito né, porque a gente vai ter muito pouco tempo né, no máximo vai ser 1: hora, 1: e meia de aula por semana. Então, assim, eu acho que vai ter que ser um trabalho árduo para que seja, tenha efeito, para que possa dar uma resposta para a escola, para que possa dar uma resposta para o professor titular da sala.

**Pesquisadora:** é essa questão da sala de articulação, vocês receberam alguma formação específica para trabalhar com aluno com dificuldade de aprendizagem?

**Professora de Articulação A:** Não, especifica não! Mas eu acredito que na nossa trajetória, como profissionais, né a gente já vem calejado né, de muitos anos dessas dificuldades né, porque não é de hoje que a gente trabalha numa sala lotada, com N's grupos de alunos, N's grupos de níveis de aprendizagens, e na sala a gente precisa fazer esse trabalho diferenciado né. Então a gente tem aqueles alunos que vão...aqueles alunos no intermédio e aqueles que não acompanham a turma. E na sala a gente precisa fazer essas intervenções, então a sala de articulação vem pra ajudar, pra auxiliar né, um momento assim, que tem que ser prazeroso! Pros alunos né. Porque eles vêm no contra turno, né, então a gente precisa fazer todo esse encanto pra que eles tenham vontade de vim.

**Pesquisadora:** é... a metodologia que você utilize, que você pretende utilizar ela está baseada assim mais ou menos em que? Em quais materiais pedagógicos?

**Professora de Articulação A:** olha eu trabalho com vários materiais né, o meu método de alfabetização, é o método fônico né, eu trabalho muito com a questão na boquinha né, eu trabalho com o texto, do texto palavras, palavras, frases palavras, sílabas né.

**Pesquisadora:** você vai utilizar caderno, livro ou vai variar?

**Professora de Articulação A:** variar! A gente varia entre cadernos livros, porque a gente não tem todo material né, então a gente utiliza né. Foi disponibilizada pela escola caderno, mas assim, é jogos, materiais diversificados, material dourado, é... a leitura diversificada, todos os tipos de gêneros textuais. Pra gente tá fazendo um trabalho legal! Porque você imagina, para criança já é um sacrifício ficar 4 horas na sala de aula! Ai o mais chato ainda que é vim no outro período, que seja 1:00 hora, pra gente é pouco, mas pra eles é sacrificante né. E daí vim, aí chegar aqui a mesma coisa! Copiar, porque infelizmente na sala de aula a gente não tem apostila, não tem livro pra todo mundo, tem que passar no quadro, eles copiam e aqui não!! Aqui a gente precisa trabalhar com N's materiais, pra que eles tenham vontade de vim, que seja prazeroso!

**Pesquisadora:** E os espaços professora das escolas que a senhora foi atribuída, destinado a sala de articulação?

**Professora de Articulação A:** olha a graças a Deus, eu tive sorte aqui nós temos um espaço, tá um pouquinho bagunçado. Porque eu não sei né, não estava sendo ocupado, mas nós temos bastante material pedagógico temos um espaço lá na outra escola também nós temos um espaço também bem diversificado também pra está trabalhando com as crianças.

**Pesquisadora:** é... o que que você acha, assim, que deveria ter sido, tivesse sido feito, antes de você ir pra sala de articulação?

**Professora de Articulação A:** como assim, você fala?

**Pesquisadora:** você acha que deveria ter alguma preparação?

**Professora de Articulação A:** olha eu acredito que sim né, que a gente deveria ter uma orientação melhor, mas eu vejo assim, que nós somos profissionais estamos preparadas pra todo tipo de situação, porque a gente vivencia todo tipo de situação. claro que aqui é um leque maior, porque, Eu sou pedagoga, eu lido com crianças do terceiro ao quinto ano, então o que que a gente trabalha do primeiro ao quinto ano? então a gente é pedagoga trabalha do primeiro ao quinto ano né, independente, um ano vc está no quinto, outro ano vc está no quarto, outro ano vc está ne... e agora na articulação a gente pegou do terceiro ao sexto ano né, então, assim a bagagem é maior no 6º ano. Eles ainda tão naquela fase de passar de um professor pro outro né. Agora na sala de articulação a gente pegou do terceiro ao sexto ano, mesmo esse trabalho dessa mudança né, a gente também tem que estar acompanhando aqui, pra eles terem essa noção de que a gente até brinca ne! que já acabou a farra! Porque só com um professor a gente fica ali batendo cabeça e daí você põe pra sentar pertinho!!! como parte do professor e infelizmente não criticando, longe de mim!! mas de área não dá conta, também, porque dá duas aulas ali, duas aulas aqui, né e o tempo é curto!! é eu sei a gente claro que a gente precisa está se renovando e se reciclando, buscando né, porque ninguém tem uma receita pronta de tudo né, mas a gente tem que tá buscando, estar lendo, através de pensadores, a gente tem que está buscando como trabalhar nesse laboratório de busca através de leitura pode estar selecionando esses níveis, como qual a melhor maneira para gente tá ajudando essas crianças. sem contar com a bagagem que já vem de fora né então, a gente tem que infelizmente, precisa ter todo esse aparato pra gente receber essas crianças da melhor forma possível.

## APENDICE B – PROFISSIONAIS *EXTRA LESSON*

### Especialista *Extra Lesson* A

**Pesquisadora:** oi! eu gostaria de saber da sua formação tá!

**Especialista *Extra Lesson* A:** sim!

**Pesquisadora:** Mais especificamente, é,, sobre a sua experiência com método *Extra Lesson*, né na escola pública. E,, assim é uma coisa,, é uma entrevista com perguntas abertas e você fique bem à vontade, pra você falar das suas experiências tá bom?

**Especialista *Extra Lesson* A:** tá bom! Obrigada Lucélia! Então, é minha formação sempre foi a de escola pública, sou oriunda de pais simples, operário de fábrica, minha mãe do lar, e a minha vida toda eu estudei em escola pública, no ensino médio eu tive a oportunidade de fazer formação de professores, em 1995, e lá nos meus estágios, eu já tinha aquela pergunta lá dentro de mim, de que assim! O que, que acontece numa sala de aula?? Onde 30 alunos são alfabetizados e que, 15 aprende e 10 não!?

**Pesquisadora:** hum! É!

**Especialista *Extra Lesson* A:** então, desde 1995, eu tinha essa pergunta dentro de mim! Nesse período, eu conheci a “escola Vale de Luz”, que tinha uma metodologia diferenciada, uma rotina diferenciada, até então eu não sabia os fundamentos da Pedagogia Waldorf, so sabia que era uma pedagogia diferenciada, que cantava, que contava, que desenhava! Nisso, eu fiquei muito encantada, daí eu fui fazer o meu estágio obrigatório nessa escola. E aí la eu me encantei, eu fui convidada para fazer o meu estágio remunerado lá. Então eu passei um ano fazendo estágio e substituindo professores que estavam fazendo formação em são Paulo. E aí, ne, eu parei esse estágio, que eu precisava, fui fazer esse terminar a formação de professores, aí eu passei um ano afastada, e no ano seguinte, eu recebi o convite de ir trabalhar nessa escola.

**Pesquisadora:** humm

**Especialista *Extra Lesson* A:** E, aí eu aceitei na hora! Eee, mas com um contrato de voluntariado. Não era... porque a associação não podia me contratar. Então eu tinha uma ajuda de custo, bem baixa, rs, mas eu me encantei e aceitei! E la na escola eu comecei a entender que o nome da Pedagogia era Pedagogia Waldorf. E em 96 pra 97, no 2º semestre de 96, eee, não desculpa! Em 98, eu fui fazer a formação de Pedagogia Waldorf em campinas. Então eu ia um final de semana por mês, para Campinas, e a semana, e esse modelo de seminário, em

uma semana de janeiro, uma semana em julho, que eu fiz a minha formação em Pedagogia Waldorf e me especializei em educação infantil. Mas aquela pergunta, por que a criança não aprende? Ainda era a minha motivação, o meu estudo, na, na especialização do 1º setênio, foi sobre a Prontidão da criança, pra ir pro ensino fundamental, então as minhas perguntas já eram assim! Que intervenções precoces que eu posso fazer naquela criança da educação infantil, sem ferir os princípios da Pedagogia Waldorf, mas que desse condições pra que aquela criança fosse bem pro ensino fundamental? Antes do término da minha formação em campinas, eu conheci o *Extra Lesson*, então antes de terminar, eu comecei paralelamente, fazer o curso de *Extra Lesson*, aí foi o maior presente da minha vida! Porque eu encontrei jeito de preparar precocemente de solucionar alguns entraves, alguns nós, fazer com que a criança... é... se desfizesse desse bloqueio, antes do processo de consciência, porque dentro da Pedagogia Waldorf e dentro do *Extra Lesson*, éee entende-se no estudo, a raiz do estudo é a neuroplasticidade, e dentro da neuroplasticidade até 9 anos a criança ainda não tem consciência de que não sabe, a partir dos 9 anos eles começam a ter uma consciência, e aí a terapia tem que ser individual, pra que a gente possa trabalhar bem essa criança, porque, aí já, já não tem só a dificuldade de aprendizagem, transtorno de aprendizagem, mas já vem a baixa autoestima né.

**Pesquisadora:** sim.

**Especialista *Extra Lesson* A:** então... aí fiz a minha formação, em *Extra Lesson*, só que eu atuava na escola como o profissional da educação infantil, e tutora da escola ne, então eu fiquei com essa vontade de levar uma classe até o 5º ano, e aí eu, depois de 12 anos como professora da educação infantil e tutora, eu decidi ir pro ensino fundamental. Eu peguei uma classe em que os meus alunos da educação infantil seguiu comigo até o 5º ano, e ai eu apresentei pra escola um projeto, onde eu faria um atendimento do *Extra Lesson* no contraturno, dos meus próprios alunos, eu sei que isso não é muito bom, dentro do lado terapêutico, mais era o que eu podia fazer por aqueles alunos, a escola “vale de luz” fica na periferia de nova Friburgo, são crianças, éee, abandonada socialmente e muitas vezes, abandonadas pelas próprias famílias, então se a escola não pudesse fazer alguma coisa, seria os 5 anos onde a criança não ter as mínimas condições do aprendizado básico! Então, no meu 1º ano com esse grupo, as chamadas “rodas rítmicas” já eram todas embasadas na neuroplasticidade.

**Pesquisadora:** entendi.

**Especialista *Extra Lesson* A:** E a tarde, à tarde eu fazia às intervenções individuais, daqueles que tinham muitos problemas, não fiz esse trabalho sozinha, fiz uma parceria com a faculdade

Estácio de Sá, onde a doutora Andria Bordane com os seus alunos, estagiando, faziam a, a, a avaliação psicológica que, com a parceria da doutora Gislane Avila, uma neuropediatra, nós duas juntas fizemos o protocolo de, o protocolo de atendimento, e tínhamos também uma psicóloga que aplicavam PEI, tínhamos uma fonoaudióloga, do método PADOVAN, então eu comecei a expandir esse projeto, não só dentro da minha sala, mas para toda a escola, no ensino fundamental, e aí eu fazia 1ª triagem com os professores, os professores indicavam, assinalavam os problemas, eu fazia a triagem para quem ia, na Estácio fazer a avaliação, e os atendimentos, os atendimentos direto com as crianças, tinha eu, com o *Extra Lesson*, o método padovan e uma psicóloga, e foram 5 anos de projeto financiado pela MALI, não sei se vc conhece!

**Pesquisadora:** não!

**Especialista *Extra Lesson* A:** porque nós tínhamos o doutor Darlan, como médico escolar. Que apoiava algumas crianças, que a gente via que mesmo com todo o aparato terapêutico iam precisar medicação.

**Pesquisadora:** entendo.

**Especialista *Extra Lesson* A:** mas medicação antroposófica.

**Pesquisadora:** entendi, é, e essa escola vale de luz, ela é pública?

**Especialista *Extra Lesson* A:** sim! Isso, lá tem um convenio que já dura 27 anos, é uma escola muito bem, éee respeitada na cidade, entendeu?

**Pesquisadora:** haram, é e os desafios que vocês, que você poderia estar, é as dificuldades mesmo.

**Especialista *Extra Lesson* A:** Então, na escola pública, você... não sei se é a sua realidade!?

**Pesquisadora:** sim, eu sou professora da escola pública.

**Especialista *Extra Lesson* A:** a sala de aula hoje em dia, na escola pública, ainda mais agora com o processo de inclusão, você tem uma média de 25 alunos, 10 vão ter problemas sérios, então hoje em dia ele tem que ser multidisciplinar, não pode ser só professor de língua portuguesa, ou professor de matemática, ele precisa ser multidisciplinar. Porque vai encarar transtorno no desenvolvimento, vai encarar dificuldade no aprendizado, vai encarar as comodidades de comportamento!

**Pesquisadora:** haram.

**Especialista *Extra Lesson* A:** porque quando a criança começa a tomar consciência que ela não sabe, o comportamento fica muito agressivo, muito de auto sabotagem, então eu encarei,,

**Pesquisadora:** você teve, é esses tipos de desafio, com essas crianças digamos?

**Especialista *Extra Lesson* A:** tive de uma criança que teve paralisia cerebral no parto, então ele tinha um atraso motor muito significativo, quando ele chegou na escola, não conseguia se alimentar sozinho, tinha que alguém estrar do lado dele, caminhava escorado pela parede, porque tinha medo de cair, éee esse foi um dos meus alunos, em lá sala de aula, e ele recebeu todo esse aparato da equipe multidisciplinar, com a neuropediatra, com a psicóloga e com o *Extra Lesson*, com ele eu fazia atendimento 3 vezes por semana e ele saiu alfabetizado, escrevendo, escrevendo histórias em quadrinhos do qual ele inventava, tinha uma imaginação riquíssima!! De fantasia, saiu no 5º ano, porque nossas crianças são encaminhados para outras escolas, ele eu fiz questão de acompanhar, nesse 1º ano fora da escola, tive contato com a orientadora pedagógica da escola, em que ela virou pra mim e falou “ que ela queria ter uma Marlon, o nome dele é Marlon, em cada sala de aula.

**Pesquisadora:** que coisa boa!

**Especialista *Extra Lesson* A:** porque ele era exemplar, ele tinha uma vontade muito grande de aprender, fazia a ele ne, conseguiu acompanhar a classe de igual pra igual, chegou bem mesmo, ele é muito tímido, isso ainda é, até hoje, mas as capacidades de aprendizagem foram todas muito aproveitadas nesse período que estive na escola Vale de Luz, e com meu atendimento né!

**Pesquisadora:** hurum! É...

**Especialista *Extra Lesson* A:** tive outro aluno com dislexia, discalculia, com a diabete em que ele teve vez, éee, momentos de muita perda, não só faltar aula, mas ao estar na escola, muitas das vezes, muito debilitado mesmo assim, eu atendia ele no contraturno, saiu alfabetizado, lendo, não escrevendo! Porque infelizmente, nesse apoio a gente precisa muito da parceria da família, , e ele era um em que a família,... é, eu nem sei que palavras dizer, era, uma família totalmente ausente, totalmente ausente!

**Pesquisadora:** hum, entendi! E... é, no caso, você é formada em Pedagogia Waldorf?

**Especialista *Extra Lesson* A:** isso! Eu tenho a formação de professores, Pedagogia Waldorf, especialização em educação infantil, fiz Pedagogia pela UERJ, e fiz o *Extra Lesson* e esse ano foi reconhecido como uma pós graduação! é isso... que é eu estava pleiteando isso, pela prefeitura desde quando eu consegui, assim que eu recebi o meu o meu diploma, eu protocolei na prefeitura, como adicional de qualificação né, e levou uns 5 ou 7 anos pra eles reconhecerem, porque eu,, eu não sei como é que está agora, mas o meu diploma é em inglês, porque no período que eu fiz a aula era transmissão simultânea, tinha a palestrante, e a tradução era simultânea, eu com um inglês, muito ruim!! Rs, rs,! Mas eu vi essa possibilidade, e o meu pedido foi indeferido, no brasil, não tenho, tinha que ir pro rio de janeiro! É, em

Friburgo não tem, então eu tinha que ir pro rio de janeiro pra fazer a tradução do meu diploma, e isso fica caro, na época era um dinheiro que eu não podia investir! E aí, a Maria Eugenia, fez uma declaração atestando o meu Diploma! aí depois de 5 ou 7, anos nem lembro, nem sei direito.

**Pesquisadora:** Então você é uma professora de Nova Friburgo, da rede pública de Nova Friburgo municipal?!

**Especialista *Extra Lesson A*:** Isso, e aí eu recebi esse adicional de qualificação, que aqui é chamado né!

**Pesquisadora:** hum, e hoje? hoje como que está sua atuação? você continua na sala de aula? como que está?

**Pesquisadora:** Então... hoje! Especificamente, eu estou de licença, que dia é amanhã vai... eu senti uma estafa, no final do ano, há uma separação que, me trouxe alguns prejuízos físicos mesmo, conversando com a minha médica, e,,an e com os amigos que eu tenho! todo mundo disse o melhor momento agora é, éee vc se recolher, se recolher, cuide de você, das suas emoções! Estão morrendo de saudade das crianças!

**Pesquisadora:** hurum, rs,rs... eu sei...

**Especialista *Extra Lesson A*:** Já sou professora há 25 anos!

**Pesquisadora:** rs, rs, é a senhora parece tão jovem!

**Especialista *Extra Lesson A*:** é...pois é, rs mas já tenho 42 anos!

**Pesquisadora:** rs, rs... é jovem ainda! assim começou muito cedo né!

**Especialista *Extra Lesson A*:** assim que eu me formei, e comecei a trabalhar no vale de luz, eu prestei concurso, deu de conciliar a minha vaga, com esse convenio, então assim, que eu entendi que o caminho era ser funcionária pública, eu fiz cursinho, fiz todo o preparatório pra passar! E ter a minha vaga como professora no vale de luz.

**Pesquisadora:** e aí você... quando não estava afastada...

**Especialista *Extra Lesson A*:** E além, do meu contrato com a prefeitura, que ainda o tenho, né, eu só to afastada temporariamente! É a parceria com a Andreia Goldane, que na época ela era coordenadora do curso d psicologia, nesse trabalho multidisciplinar eu mostrei pra ela o *Extra Lesson*, e,ee disse que seria uma ferramenta nova dentro do consultório dela neh! Prontamente ela me acolheu! eu só não estou clinicando nesse ano por causa da, dessa licença, que eu resolvi me dar né! Então, mas é, faço parte dessa equipe multidisciplinar que chama CÒRTEX, eee, quanto ao meu retorno pra escola pública, é exatamente, e eu estou num momento de terapia, continuar com o *Extra Lesson*, eu só preciso decidir aonde!

**Pesquisadora:** entendi! Há está!

**Especialista *Extra Lesson* A:** isso, dentro do meu processo de afastamento, e no processo de terapia eu preciso decidir pra onde que, porque eu sinto hoje, é que o vale de luz, éee, encerrou um ciclo, entendeu!

**Pesquisadora:** hunrum..

**Especialista *Extra Lesson* A:** pode ser que eu continue esse trabalho, em uma outra unidade escolar!

**Pesquisadora:** entendi! Mas lá você atuava! É,, é porque assim, eu conversei com a Rosana né, Torlay, ela atua no consultório...

**Especialista *Extra Lesson* A:** sim!

**Pesquisadora:** e ela atua no consultório...

**Especialista *Extra Lesson* A:** sim !

**Pesquisadora:** E você levou pra sala, pra escola.

**Especialista *Extra Lesson* A:** eu tinha uma sala, também toda a equipada, pro atendimento!

**Pesquisadora:** hurum!

**Especialista *Extra Lesson* A:** porque eu tenho duas matrículas no município, então 1 matrícula da manhã,, eu era professora!

**Pesquisadora:** (oi oi oi oie é que vai nos ligar a internet não pode falar que eu desligar a internet é caíque é a tv isso ói voltou né)... problema na transmissão!!!!!!!!!!!!

Oi, oi!

**Especialista *Extra Lesson* A:** oi!

**Pesquisadora:** rs, rs voltou né!

**Especialista *Extra Lesson* A:** então.. como estava te explicando, eu tenho duas matrículas no município, estão de manhã eu estava atuando, atuei durante, 18 anos em sala de aula e coordenação pedagógica, nos 3 últimos anos em que eu estava atuando como orientadora pedagógica, e a tarde com *Extra Lesson*,

**Pesquisadora:** então você sempre fez e se esse caminho né, de está atuando! e os resultados é...

**Especialista *Extra Lesson* A:** eu não tenho eu vou publicar os resultados desses 5 anos, com apoio da MALE, ele está ainda em processo, ainda não está fechado, ainda não faltou com isso, falta alguns resultados!! mais do que eu posso te dizer, é, que assim funciona muito!!! O *Extra Lesson*!

**Pesquisadora:** que bom!! você acha, que você publica até quando?

**Especialista *Extra Lesson* A:** então... é que vai ter o congresso da ABENEP, que foi uma parceria que eu tive, 6 anos atrás, com a Doutora Gislane, se falavam muito de autismo e, e

nós levamos um banner, apresentando a equipe multidisciplinar, ela estava iniciando ne, e só dos levantamentos, das problemáticas que o professor público tem! E eu usei como base de pesquisa o Pnaic, não sei se você conhece!

**Pesquisadora:** Sim, conheço!

**Especialista *Extra Lesson A:*** é o pacto de alfabetização na idade certa, esse foi o meu parâmetro, e eu usei a minha, a minha turma como quantitativo problemático, para a não alfabetização, a minha turma com tudo isso que eu te falei ne. E todos os problemas que eu tinha na minha sala de aula. Mas esse foi um projeto, só que a partir do ano seguinte, a minha turma começou o processo de intervenção tardio, nós começamos fazer o processo de intervenção terapêutica, eu só fui cedida pra fazer a intervenção terapêutico, na minha sala, quando a minha turma estava no 3º ano, daí eu vi a problemática no processo de consciência da criança, opa! A criança de 9 anos, ela tem consciência de que ela não sabe! Aí eu apresentei para a escola que eu queria fazer isso com uma turma do 1º ano e seguir com ela até o 5º ano! Terapeuticamente!

**Pesquisadora:** entendi!

**Especialista *Extra Lesson A:*** na primeira amostragem eu era so professora, nessa 2ª amostragem, eu era terapeuta, então eu tinha um distanciamento de sala de aula e atendia só terapeuticamente, é essa turminha que eu to fechando e eu quero fazer publicação, quero falar sobre ele e eu acredito que em agosto!!

**Pesquisadora:** mas que bom!!! porque aí dá para trazer o seu trabalho, citar o seu trabalho na minha dissertação!

**Especialista *Extra Lesson A:*** ai que legal, rs, rs, vou ficar feliz de saber!

**Pesquisadora:** é, e o banner que você fez, tem alguma coisa na internet? que eu posso está, é citando, algum outro trabalho seu?

**Especialista *Extra Lesson A:*** só se, eu posso te enviar a imagem dele! Aí eu fui na minha cidade, nas universidades pra pedir apoio, eu conheci a doutora em fonoaudiologia da UFE, e, ela uma gracinha, um amor de pessoa, tem um filho na escola waldorf Cecilia Meireles, é também na Pedagogia Waldorf na escola pública, e ela fez um trabalho na escola, também de prevenção, não só nas criança, mas também para os professores, isso eu fui coautora da monografia da aluna dela, de fonoaudiologia, eu fui coautora porque ela fez o estudo em cima de leitura de Rudolf Steiner, beneficios da ,,,, para a saúde integrada, o tema, era saúde integrada do ser humano, e o que o Rudolf Steiner traz amplia muito o leque, porque ele não fala só da educação neh. Ele, fala da saúde, da farmacêutica, fala da medicina, eu tenho nesse trabalho também que eu posso estar disponibilizando para você.

**Pesquisadora:** eu agradeço!

**Especialista *Extra Lesson A*:** muito bom!! O trabalho dela!

**Pesquisadora:** nossa!! eu assim ,estou encantada, porque ambos os meus é questionamentos e eu sou professora da rede estadual já tá já tem 7 anos vai fazer 8 anos né, e assim a gente sabe, eu, eu me sinto muito feliz de ser professora, só que aquelas crianças que por algum motivo não conseguem aprender, ler, escrever elas são motivo também de perder o sono sabe... então foi nessa busca nessa ânsia mesmo, onde está atendendo essa as crianças, que se você voltou meu olhar e é nesse campo que eu tô fazendo meu estudo está sendo assim é muito bom mas revelador sabe eu tô ali redescobrimo enquanto professora!! enquanto o que que eu posso estar fazendo a experiência de Não foi a minha agenda que você publica até quando tá mas da pesquisa e sair apertando aqui era não sei se você conhece mas eles colocam de formação humana por ciclo, como é que está aí? no 1º ciclo seja consegui g um acordo com vocês não sei, não sei, não sei não, ao 5º ano então atuou no 1º e no 2º sim e aí é às vezes como você falou, com as perna tomando 1º ano ou eu já vou pegar a criança lá no 3º ou 4º ano então as dificuldades de aprendizagem, elas se mostram diferentes né sim e aí eu estou eu estou buscando me pediria que me qualificar, nesse sentido, eu não iniciei ainda, o curso de *Extra Lesson*, estou num dilema terrível, porque tem a qualificação, tem a apresentação da dissertação e já eu vou iniciar a trabalhar em janeiro né! que o curso começa agora em junho é isso que eu estou com muita vontade de fazer esse curso então cada vez que eu converso com alguém parece que eu já tô pegando a minha malinha e viajando, aí eu vou ter que sentar com a minha orientadora e ver o quê que ela me disse né, porque se eu vou conseguir fazer as etapas da pesquisa e sair é que eu tenho que estar viajando, porque eu moro no mato grosso, longe 220 quilómetro da capital, aí não é assim tem um ano, se foi sai tipo, cenário sem fim, antes de ir para casa é lente helena você aprende junto com eles né que

**Especialista *Extra Lesson A*:** a minha história foi parecida com a sua, mas eu não tinha filhos, tinha apoio, tive ajuda financeira, porque é um curso caro!! Assim, mas é,,, eu não posso dizer que é magico porque fica sem cunho científico, mas é maravilhoso o resultado com as crianças. É transformador, e você aprende com ele, né, porque cada criança, apresenta uma faceta, que você,,, por mais que você, tenha todos os protocolos, e eu,, por eu ter me especializado na educação infantil, a minha especialização, é o desenho infantil, é o HTP, tendo o HTP, eu já fazia o prontuário de atendimento.

**Pesquisadora:** huraam..

**Especialista *Extra Lesson A*:** eu realizava teste de dominância simples, que é para ver se a criança tinha, é,, a dominância cruzada ou não! Aí através dessa dominância simples eu ia para o HTP, porque o HTP me mostrava a parte psicológica neh.

**Pesquisadora:** hunrum...

**Especialista *Extra Lesson A*:** então me mostrava ali como é que estava a questão, não só física, mas também a parte emocional, e aí,, a minha amostragem é sempre em cima do HTP.

**Pesquisadora:** entendi... nossa! mas eu estou com tanta... nossa... tanta informação sua, que eu não sei se eu fiz todas as perguntas que eu que, eu queria fazer sync.

**Especialista *Extra Lesson A*:** rs, rs, pode voltar... pode fazer perguntas...

**Pesquisadora:** então tá bom... porque eu, eu fiquei muito mais assim, presa, né, porque eu acho que nessa hora, eu não sei se é a pesquisadora, se é a professora, se é muita coisa, assim que na,, através da sua fala, que eu sinto, não tem quando, você custa, você vai falando e na minha mente, vai se desenhando, a situações, (criança falando ao fundo!!) mas... então tá, sync .

**Especialista *Extra Lesson A*:** na minha sala de recurso eu tinha todo o aparato, não sei se você sabe, você sabe neh, dentro dos termos do *Extra Lesson*, mas aa,a o resgate da fase da....(opa, engasguei rs) da neuroplasticidade a fases, perpassava o desenvolvimento motor da criança.

**Pesquisadora:** sim

**Especialista *Extra Lesson A*:** antes de qualquer intervenção pedagógica, então o meu circuito de tratamento, eu sempre começava com o neurodesenvolvimento...

**Pesquisadora:** hurum..

**Especialista *Extra Lesson A*:** e no finalzinho da aula, eu sempre perguntava pra eles, porque o tratamento terapêutico era sempre 1 hora, e por ser uma turma muito grande, eu sempre atendia 3 ou 4, por vez, só que de início que eu atendia individualmente, porque eu tinha um pouco de insegurança, ai eu atendia individualmente aquelas crianças, principalmente aquele que tinham o comportamento mais desafiador, (...) mas na maioria das vezes, eu fazia atendimentos em grupo, e ai esse estímulo neural, e esse estímulo motor, eu fazia igual pra todos e no final,, eu sempre perguntava “o que, que você precisa da minha ajuda para esta semana”? aí eles traziam, “ eu não entendi a matemática” isso me ajudava muito, porque eu trabalhava dentro de uma escola Waldorf, então eu pegava eles na época de matemática, “ou eu não entendi a divisão”, então, está que bom que você já sabe o que você precisa melhorar!! Então vou te ajudar nisso!! Aí eu fazia todo uma recapitulação, todo, voltar mesmo a base na organização numeral de forma diferenciada, porque muitas das vezes a abordagem que o

professor fez, não atingiu aquela criança, aí depois de dar o estímulo neuro motor, eu vinha com essa pergunta, nisso a atenção da criança estava mais voltada pra mim.

**Pesquisadora:** hunrum.... E o atendimento você falou que fazia quantas vezes por semana?

**Especialista *Extra Lesson A*:** oi!!

**Pesquisadora:** o atendimento você falou que fazia quantas vezes por semana? Dessas crianças por exemplo!

**Especialista *Extra Lesson A*:** 2 vezes por semana, mas nem toda criança eu atendia 2 vezes por semana. A demanda, a nossa escola é uma escola pequena, com 120 alunos, mas é como te falei, por ser periferia, as crianças chegam na escola com uma defasagem muito grande!!!

**Pesquisadora:** entendi...

**Especialista *Extra Lesson A*:** que o ensino, sem a parte terapêutica, é, fracasso na certa! É reprovação na certa!!

**Pesquisadora:** entendi,,, ... Vou perguntar tá, assim a questão da participação da família, éeeee, você falou que era, digamos assim... deixava a desejar, mas isso não impedia que vocês atuassem com essa criança!

**Especialista *Extra Lesson A*:** exatamente!! Que a nossa escola atendia em turno integral. As crianças entram 7 e meia e sai 4 e meia, então eu retirava a criança da aula da tarde, pra fazer essa intervenção! então eu tinha essa facilidade, de ter a criança já dentro da escola, pra eu fazer o atendimento, no início do ano, eles assinavam um termo, éee, protocolar de intervenção terapêutica, então estava lá, junto com o processo de matrícula, uma autorização de intervenção terapêutica, não medicamentosa! Entendeu... se a criança precisasse de medicação, aí eu encaminhava pra uma neuro, encaminhava pro doutor Darlan, entendeu, quando eu via que só a parte terapêutica não estava funcionando, porque aí tinha outras situações juntas neh. Aí pra essas outras intervenções a gente só fazia com a presença do pai ou da mãe, ou do responsável. A intervenção terapêutica, o pai assinava no início do ano e aquela valia pro ano inteiro. E eu não precisava que levasse a criança, para o atendimento porque a criança já estava lá.

**Pesquisadora:** entendi... (desabafo da entrevistada o qual ela não permitiu que eu gravasse)

**Especialista *Extra Lesson A*:** eu acho que o profissional que se preste, a fazer isso, ela fazer isso, no mínimo tem que ter um olhar de qualidade, da entrega, que esse tipo de atitude, de eu acho que é muito necessária, porque se não, não adianta a gente ser professor...

## APÊNDICE C – PROFESSORAS REGENTES DA ESCOLA PÚBLICA

### Professora regente escola pública A

**Pesquisadora:** Bom dia professora!

**Entrevistada:** S\*\*\*, sou formada em história, pela Unemat.

Pesquisadora: a senhora tem alguma especialização?

Entrevistada: minha especialização é em história de Mato Grosso.

Pesquisadora: professora a senhora já teve alunos encaminhados para a sala de articulação?

**Entrevistada:** sim, basicamente em todas as salas sempre têm um, ou outro.

**Pesquisadora:** quais eram as dificuldades das crianças?

**Entrevistada:** na leitura e escrita, que é essencial para gente conseguir, com que o aluno leia o texto, interprete, absorve e de sua opinião, geralmente a história trabalha muito com o passado, e aí a gente faz a comparação, se lá no passado o que que tem a ver com o presente? então ele tem que vir alfabetizado.

**Pesquisadora:** então, as crianças que foram encaminhadas não eram alfabetizadas?

**Entrevistada:** não, não eram alfabetizadas, assim, mas agora, tem um agora a leitura do mundo eles tem, eles não leem, não escreve, mas na oralidade eles conseguem participar.

**Pesquisadora:** então encaminhando esses alunos para a sala de articulação, a senhora conseguiu perceber algum resultado?

**Entrevistada:** muito pouco! as escolas quase que,, como eu trabalho em várias escolas, tem escola que tem e escola que não tem. aqui para a escola\*\*\*\* não veio parece, então e lá no \*\*\*\* já encaminhei, já tá melhorando! já estou desenvolvendo! E a partir de quando eu detecto, porque como eu sou de área, eu fico em várias escolas, cada ano a assessoria me manda para alguma escola, mas eu sou efetiva, e aí até eu conhecer esses alunos! então é demora bastante, quando eu conheço, detecto eu faço hora atividade depois do meu horário. então eu já peguei esses alunos, eu não tenho essa habilidade pra fazer, mas como ele já tem um, já lê um pouquinho, já tem uma base, aí eu vou exercitando com eles, porque eles não vêm no contra turno!! Aí eu converso com os pais, têm pais que entendem, tem pai que eu não entendo. mas a maioria entende e eles ficam comigo até 6:00 07:00 da noite, fazendo até mesmo a caligrafia, porque tem mesmo o que não dá pra gente entender, então que eu faço a minha parte encaminho para coordenação, que é tudo que a coordenação, porque quem faz esse trabalho é português, eles passam para a professora de língua portuguesa e como eu vejo que ele sinta falta de um reforço, falta de acreditar em si mesmo, porque no \*\*\*\* recebe alunos lá da tarde vem lá da Vila real, então eles vem com esses problemas, nesse sentido até

aprendizado eles falam, que querem escudar no centro, e o pai faz maior sacrifício, entendo daí eles entendem também que tem que ficar porque eles reconhecem que os alunos vieram fracos, por isso que eles apostam em uma escola melhor, assim digamos, então eu fico com eles depois do horário das 5 e não outras escolas, e depois das 11 com eles até 11:30, porque tem o almoço, da tarde dá pra ficar até as 6:00, 6:30 e vou trabalhar com eles ou trabalho caligrafia, outro, porque na sala dela não tem condições da gente ficar com atividade diferenciando, dando maior atenção pra ele, então um grupo menor eu consigo.

**Pesquisadora:** tá ok professora.

## **APÊNDICE D – PROFESSORAS REGENTES DA ESCOLA PÚBLICA MÉTODO *EXTRA LESSON***

### **Professora regente *Extra Lesson* A**

**Pesquisadora:** Boa tarde professora eu gostaria que a senhora falasse qual é a sua formação e se teve aluno atendido pelo método *Extra Lesson*? E aí no decorrer da conversa eu vou perguntando algumas coisas tá bom?

**Entrevistada:** certo! Então, meu nome é L\*\*\*, fiz a formação de Normal Superior, quando eu terminei a minha formação, Normal Superior e estou no vale de luz há 16 anos, já tive SIM! Alunos, hoje eu tenho uma classe de segundo ano, é minha terceira turma, que eu tenho e eu tive alunos atendidos pelo *Extra Lesson*, eram uns alunos que aparentemente poderiam ter um bom desenvolvimento do ensino aprendizagem e eles pararam no meio do processo, em um determinado momento as coisas não caminhavam mais, não avançaram, então a gente começou a olhar para esse aluno, ver as questões dele todo, em torno dele, todas as questões que poderiam estar, ocasionando esse processo, a interrupção desse processo, e o *Extra Lesson* veio foi fundamental para que eles resgassem, momentos do desenvolvimento deles que estavam mesmo atrapalhando o caminhar deles. Então alunos que tinham muita insegurança, já tinha um processo muito bom de aprendizado, mas demonstravam uma insegurança, de uma dificuldade por exemplo da leitura, mas que eu sabia que já estavam alfabetizado, que já sabia ler e escrever, mas tinha uma insegurança muito grande e não conseguiam fazer o que precisava, que lhe era oferecido, e aí o *Extra Lesson*, ajudou a desatar esses nós, assim no desenvolvimento com todo o apoio que ele oferece. Os alunos que foram atendidos todos eles, alguns totalmente, avançaram totalmente, outros porque tinham outras questões junto, dela caminhavam em algumas coisas assim. Mas o *Extra Lesson*, foi fundamental para todos eles mesmos foram um Grande apoio mesmo.

**Pesquisadora:** a senhora lembra quantos alunos mais ou menos foram atendidos?

**Entrevistada:** olha, foram muitos anos, mas, lembrando da minha última turma eu tinha, se eu não me engano, uns 5 alunos atendidos, todos eles demonstraram, apresentaram melhoras, como eu disse uns totalmente deslançaram mesmo, outros avançaram em algumas coisas e por conta de outros que fatores, não avançaram 100%, mas que todos eles tiveram melhora, um avanço significativo, me lembro assim por alto uns 5 anos, da minha última turma nessa turma agora, atual não tenho nenhum.

**Pesquisadora:** eles foram atendidos por quanto tempo essa última turma?

**Entrevistada:** foram 5 anos com eles, eu acredito que pelo que eu lembro, alguns eu peguei já estavam fazendo atendimento com ela, 1 ano, 1 ano e meio, 2 mais ou menos, se eu não estou enganada, porque já tem um tempinho.

**Pesquisadora:** professora e assim, tinha algum retorno? como era a relação sua, como professora regente, da turma, com (o professor) apoio do medo do *Extra Lesson*?

**Entrevistada:** olha era assim, NA minha vivência, e experiência com relação a esse trabalho, foi muito bom, foi era uma troca, a gente tinha essa troca, de falar quais eram as queixas, dos alunos, do que eles precisavam, de alguma coisa que eles precisava na verdade. Quais eram as dificuldades, a professora T\*\*\* era quem fazia os atendimentos, então era uma troca muito valiosa mesmo, assim tinha de períodos em períodos, a gente sentava e ela eu falava como as crianças estavam, ela dava retorno do que acontecia na sala, me dava dicas, eu poderia também fazer na sala mesma, para tentar ajudar também essas crianças, mas esse toda, essa troca era muito, muito importante e ela acontecia de fato.

**Pesquisadora:** entendi. Professora a senhora falou que se formou em Normal Superior e a senhora fez alguma especialização? ou teve alguma outra profissão ou não?

**Entrevistada:** na verdade eu fiz o Normal Superior, minha especialização na faculdade foi na verdade com o primeiro setênio da educação infantil, quando eu entrei no Vale de Luz, eu fiz o seminário de Pedagogia Waldorf, SIM primeiro a minha especialização no seminário de Pedagogia Waldorf foi sobre foi na educação infantil, devido a necessidade da escola, eu entrei no grupo esse ano fundamental, e aí eu comecei com uma turma de primeiro ano a professora não pode retornar e aí eu fiquei com eles até o fim do ano, assim por diante fui pegando, mas eu tenho superior do seminário de Pedagogia Waldorf.

**Pesquisadora:** então tá ok professora, tem mais alguma coisa que a senhora queira falar? Pode ficar à vontade tá!

**Entrevistada:** SIM, SIM eu acho que o que é importante, é sempre importante que as pessoas conheçam sobre o que a Pedagogia Waldorf promove, qual o olhar que ela tem com relação as crianças, e o *Extra Lesson*, que das vezes que elas, das oportunidades que alunos meus, tiveram de ter esse acompanhamento foi muito importante, que realmente foi possível ver, que realmente, eu vou ter, que realmente ajuda as crianças a avançarem nas questões que apresenta as dificuldades, de insegurança, enfim, eu acho que pode ajudar, eu vou dizer que eu pude ver realmente o trabalho com resultados em sala de aula de acordo com, por causa desse trabalho com o *Extra Lesson*.

**Pesquisadora:** tá joia professora!

## **APÊNDICE E – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**

Por se tratar de entrevistas semiestruturadas, as perguntas servem como roteiro flexível para o pesquisador, que em algum momento durante a entrevista, pode ser acrescentada outras ou poderão ser feitas com abordagem diferente, dependendo da situação e da disponibilidade do entrevistado. No início da entrevista a pesquisadora esclarece os termos, o conteúdo mínimo deixando o entrevistado à vontade para fazer ponderações que ele julgar necessária.

### **Roteiro de entrevista para profissionais *Extra Lesson***

Você trabalha com criança de qual idade?

Qual a metodologia pedagógica que você utiliza?

O que o levou a fazer o curso do método *Extra Lesson*?

Quais são os desafios e dificuldades encontrados para desenvolver o método *Extra Lesson*?

A quanto tempo você trabalha com essa metodologia?

Quais os resultados obtidos através do desenvolvimento do método *Extra Lesson*?

### **Roteiro de entrevista para as professoras articuladores**

Qual a sua formação profissional?

Quanto tempo você trabalha na sala de articulação?

Quais foram os desafios encontrados na sala de articulação?

Você teve outras experiências profissionais?

Quais foram os resultados da intervenção?

Como são as crianças que são atendidas na sala de articulação?

Qual a metodologia utilizada na sala de articulação?

O Espaço físico da sala de articulação é adequado?

É necessário uma formação específica voltada para a atuação na sala de articulação?

### **Roteiro de entrevista para as professoras regentes**

Qual sua formação?

Você já teve alunos atendidos na sala de articulação ou no método *Extra Lesson*?

Quais os resultados obtidos?

Por que os alunos foram encaminhados?

Qual a relação estabelecida entre o professor regente e o professor da sala de articulação ou do método *Extra Lesson*?

## **APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067.

### **INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA**

Título do projeto: **FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA WALDORF APLICADOS AOS ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Responsável pela pesquisa: **LUCÉLIA AUGUSTO MACHADO**

Endereço e telefone para contato:

Rua Gonçalves Dias, sn, Cavalhada Cáceres-MT, (65) 99969-9941.

Equipe de pesquisa: **LUCÉLIA AUGUSTO MACHADO**

Nesse estudo será trabalhado os fundamentos da Pedagogia Waldorf, na busca da compreensão do método *Extra Lesson*, bem como, propor atividades da Pedagogia Waldorf para crianças do segundo ciclo, aplicados em uma escola pública com alunos que são encaminhados para o Laboratório de Aprendizagem.

Busca contribuir com a aprendizagem dos educandos, pois será realizada pelo período de 6 meses, paralelamente ao ano letivo. A identidade dos participantes será mantida em sigilo, bem como será respeitada a vontade de desistência da pesquisa.

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

RG/ou CPF: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

Responsável pela Pesquisa: \_\_\_\_\_